

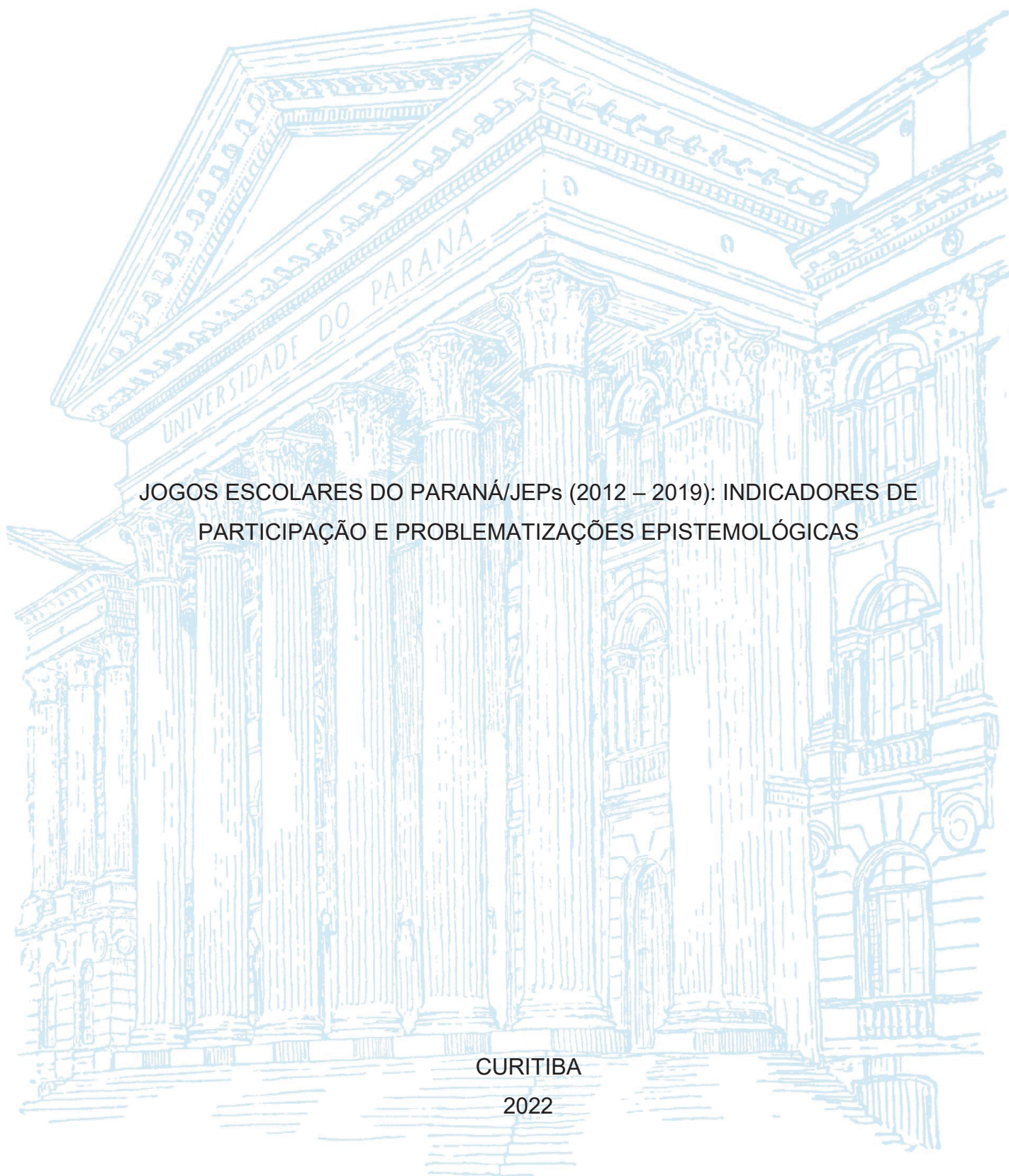
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

KELWIN SANTOS DA CRUZ

JOGOS ESCOLARES DO PARANÁ/JEPs (2012 – 2019): INDICADORES DE
PARTICIPAÇÃO E PROBLEMATIZAÇÕES EPISTEMOLÓGICAS

CURITIBA

2022



KELWIN SANTOS DA CRUZ

JOGOS ESCOLARES DO PARANÁ/JEPs (2012 – 2019): INDICADORES DE
PARTICIPAÇÃO E PROBLEMATIZAÇÕES EPISTEMOLÓGICAS

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Wanderley Marchi Júnior

CURITIBA

2022

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

Cruz, Kelwin Santos da.

Jogos escolares do Paraná/JEPs (2012-2019): indicadores de participação e problematizações epistemológicas. / Kelwin Santos da Cruz. – Curitiba, 2022.

1 recurso on-line : PDF.

Orientador: Wanderley Marchi Júnior.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Biológicas. Programa de Pós-Graduação em Educação Física.

1. Competição (Esporte). 2. Esportes escolares. 3. Esportes – Paraná – Aspectos políticos. 4. Epistemologia. 5. Política pública. I. Título. II. Marchi Júnior, Wanderley. III. Universidade Federal do Paraná. Setor de Ciências Biológicas. Programa de Pós-Graduação em Educação Física.

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação EDUCAÇÃO FÍSICA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **KELWIN SANTOS DA CRUZ** intitulada: **"JOGOS ESCOLARES DO PARANÁ/JEPs (2012-2019): INDICADORES DE PARTICIPAÇÃO E PROBLEMATIZAÇÕES EPISTEMOLÓGICAS"**, sob orientação do Prof. Dr. WANDERLEY MARCHI JR, que após terem inquirido o aluno e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 11 de Março de 2022.

Assinatura Eletrônica

11/03/2022 11:30:07.0

WANDERLEY MARCHI JR

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

11/03/2022 11:06:07.0

RILLER SILVA REVERDITO

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO)

Assinatura Eletrônica

25/03/2022 11:24:29.0

FERNANDO MARINHO MEZZADRI

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Dedico essa dissertação aos meus pais Claudia e Serjo.

AGRADECIMENTOS

Acredito que esse momento do trabalho pode ser encerrado de duas formas, como algo protocolar que faz parte da estrutura da dissertação ou como algo de profunda reflexão sobre a trajetória e as pessoas que contribuíram para que a realização dessa meta fosse possível, opto por escolher a segunda.

O meu muito obrigado aos professores Fernando Mezzadri e Riller Reverdito que gentilmente aceitaram participar de minha banca, também não poderia deixar de mencionar os professores Renato Marques e Fernando Cavichioli por aceitarem o convite como suplentes. Além do aceite do convite de participação na banca, seus trabalhos e as pesquisas desenvolvidas por seus orientandos foram fundamentais para minhas reflexões e análises.

Agradeço a CAPES pela bolsa concedida durante o período do mestrado¹ e ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da UFPR por aprovarem o meu projeto na seletiva. Ao secretário Rodrigo Waki que sempre esteve a disposição para sanar dúvidas e auxiliar nos processos burocráticos. Sou muito grato ao Instituto de Pesquisa Inteligência Esportiva por toda a contribuição em minha formação como pesquisador desde a graduação até o mestrado.

Ao meu orientador Wanderley, chega ser difícil resumir em poucas linhas toda minha gratidão e imensa admiração pelo seu profissionalismo e pelo ser humano que é. Sua liderança nunca foi restrita as palavras, mas sim aos exemplos e atitudes. Seu legado é enorme para nossa área de estudo e para as pessoas que de alguma forma puderam compartilhar momentos de aprendizado com você.

Agradeço a todos aqueles que fizeram parte do grupo de orientandos, ao qual cheguei em 2014, com certo receio após acompanhar arguições elaboradas e densas, mas que foram fundamentais para meu amadurecimento como pesquisador. Muitos colegas que passaram por esse grupo são hoje referências em suas áreas de pesquisa, o que até certo ponto é desafiador aos novos mestres e doutores, por outro lado me faz reconhecer o privilégio que tenho por fazer parte desse grupo.

Minha família, meu alicerce. Mãe, obrigado por compartilhar sonhos comigo, por sua bondade e otimismo pela vida, sua trajetória sempre me motiva a não

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

desanimar ou desistir daquilo que parece difícil. Pai, obrigado pelos ensinamentos que levarei para toda minha vida, por me mostrar a importância da dedicação e do compromisso pessoal de sempre dar o melhor de si nas coisas que fazemos. Kamila minha irmã, obrigado por seu espírito inquieto que me motiva a sempre buscar novos desafios. Apesar de todas as dificuldades vocês nunca mediram esforços para que eu pudesse chegar até aqui, guardo em meu coração todo amor e carinho que sempre tiveram comigo, amo vocês!

Laís, minha melhor amiga, meu amor, obrigado por estar ao meu lado nos momentos bons e ruins, em períodos de angústia e aflição você não me deixou esmorecer. Cada parte desse trabalho tem a sua contribuição, tanto na leitura e revisão do texto, como nas discussões e reflexões que me ajudaram a construir essa dissertação. A menina que conheci no segundo ano da graduação em Educação Física se tornou uma mulher forte que tenho a felicidade e o orgulho de ter em minha vida, te amo muito!

Deus, muito obrigado por tudo, pelas pessoas que colocou em minha vida, sei que nada tenho a temer, pois caminho ao seu lado. Graças te dou por permitir que eu chegasse nesse momento!

RESUMO

No final da década de 1930, processos de esportivização nas escolas do Paraná entraram em curso. É nesse período que as primeiras competições esportivas entre escolas do Estado surgem, marcadas pelo contexto histórico político, econômico e esportivo. Esses eventos passam a ganhar cada vez mais relevância dentro da comunidade estudantil e durante o século XX sua evolução foi acompanhada de importantes transformações que aconteciam no esporte, em escala global, chegando ao século XXI como um dos principais eventos de interesse de entidades públicas e privadas responsáveis pelo esporte. Com essa premissa, nosso estudo buscou analisar como se configura a organização dos Jogos Escolares do Paraná (JEPs) nas modalidades coletivas para a categoria de 12 a 14 anos, nas edições de 2012 a 2019 e quais são as bases epistemológicas norteadoras do esporte escolar nessa configuração. A metodologia empregada foi de característica mista, de cunho documental e descritivo, tendo como fontes documentais os boletins de resultados das edições dos Jogos Escolares do Paraná e a Política de Esportes do Paraná, sendo que os boletins de resultados foram utilizados para a criação de um banco de dados, o qual foi traduzido para o estudo através de estatística descritiva por meio de gráficos e tabelas. Também realizamos uma revisão de estudos que oferecessem subsídios teóricos e conceituais para interpretação do esporte e compreensão da dimensão do esporte escolar, dentre esses referenciais estão a Teoria dos Campos de Bourdieu, a proposta de interpretação analítica do esporte (5'Es') de Marchi Júnior, as noções conceituais de uma estética do esporte de Gumbrecht e as abordagens em Pedagogia do Esporte. Dessa forma, procuramos identificar os processos históricos que constituíram as competições escolares no Paraná, analisar a participação das escolas na fase regional e final dos Jogos Escolares do Paraná, apresentando indicadores dos resultados de participação e desempenho, e investigar as estruturas que compõem as instâncias educacionais e esportivas do Estado do Paraná. Concluímos que os Jogos Escolares do Paraná podem ser compreendidos como parte do subcampo da formação esportiva, estando inserido na intersecção entre os campos acadêmico/educacional, midiático e político/burocrático, nesse subcampo a formação esportiva acaba sendo conduzida por dois polos de orientação, o polo da socialização que enfatiza modelos participativos e o polo do desempenho que enfatiza a detecção de talentos.

PALAVRAS-CHAVES: Jogos Escolares do Paraná; Epistemologia do esporte; Formação esportiva; Políticas Públicas no esporte; Pedagogia do Esporte.

ABSTRACT

At the end of the 1930s, sportivization processes in the schools of Paraná got underway. It is in this period that the first sports competitions between schools in the state arise, marked by the historical political, economic and sports context. These events become increasingly relevant within the student community and, during the twentieth century, their evolution was accompanied by important transformations that were happening in sports, on a global scale, reaching the twenty-first century as one of the main events of interest for public and private entities responsible for sports. With this premise, our study sought to analyze how the organization of the School Games of Paraná (Jogos Escolares do Paraná - JEPs) in team sports for 12 to 14-year-old category is configured, in the 2012 to 2019 editions, and what are the epistemological bases that guide school sport in this configuration. The methodology employed was of mixed characteristic, documental and descriptive nature, having as documentary sources the results bulletins of the editions of the School Games of Paraná and the Sports Policy of Paraná. The results bulletins were used to create a database, which was translated for the study through descriptive statistics by means of graphs and tables. We also reviewed studies that offered theoretical and conceptual subsidies for interpreting sport and understanding the dimension of school sport. Among these references are Bourdieu's Field Theory, Marchi Júnior's proposal of analytical interpretation of sport (5'Es'), Gumbrecht's conceptual notions of sport aesthetics, and approaches in Sports Pedagogy. Thus, we sought to identify the historical processes that constituted the school competitions in Paraná, analyze the participation of schools in the regional and final phases of the School Games of Paraná, presenting indicators of the results of participation and performance, and investigate the structures that make up the educational and sporting bodies of the state of Paraná. We conclude that the School Games of Paraná may be understood as part of the subfield of sports training, being inserted in the intersection between the academic/educational, media and political/bureaucratic fields. In this subfield, sports training ends up being conducted by two poles of orientation, the socialization pole, which emphasizes participative models, and the performance pole, which emphasizes talent detection.

KEYWORDS: School Games of Paraná; Sport epistemology; Sport education; Public Policies in sport; Sport Pedagogy.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - DIVISÃO DOS 32 NÚCLEOS REGIONAIS DE EDUCAÇÃO.....	28
FIGURA 2 - MODELO ANALÍTICO DO ESPORTE: 5 E'S.....	37
FIGURA 3 - EDIFÍCIOS ESCOLARES CONSTRUÍDOS NO PARANÁ ATÉ 1903. ..	73
FIGURA 4 - LIVRO “O HOMEM FORTE” DE DOMINGOS NASCIMENTO 1905	74
FIGURA 5 - OS ALUNOS EM EXERCÍCIO DE GINÁSTICA	76
FIGURA 6 - AULA DE GINÁSTICA NO PÁTIO DO GYMNASIO PARANAENSE EM 1932.....	76
FIGURA 7 - EDIFÍCIOS ESCOLARES CONSTRUÍDOS NO PARANÁ ATÉ 1945 ...	80
FIGURA 8 - EDIFÍCIOS ESCOLARES CONSTRUÍDOS NO PARANÁ ATÉ 1955 ...	81
FIGURA 9 - JORNAL GAZETA DO POVO APRESENTANDO OS JOGOS ESCOLARES DO PARANÁ DE 1953.....	82
FIGURA 10 - PROF. HUGO PILATO RIVA DISCURSANDO POR OCASIÃO DO ENCERRAMENTO DOS JOGOS COLEGIAIS DO PARANÁ (1963), NO AUDITÓRIO DO COLÉGIO ESTADUAL DO PARANÁ.	86
FIGURA 11 - ENTREVISTA NO CANAL 12 (TV PARANAENSE), NOS VII JOGOS ABERTOS DO PARANÁ (1963), EM MARINGÁ.	86
FIGURA 12 - AS TRÊS FRENTES HISTÓRICO-CULTURAIS QUE OCUPARAM E COLONIZARAM O PARANÁ.....	87
FIGURA 13 - BIOGRAFIA DO ESPORTE.....	95
FIGURA 14 - ESTRUTURA TEMPORAL COM SUAS ETAPAS E FASES.....	96
FIGURA 15 - RESUMO DOS 3 ESTÁGIOS E 9 LINHAS DE ATUAÇÃO.	97
FIGURA 16 - INTERSECÇÃO DOS CAMPOS SOCIAIS.....	120
FIGURA 17 - POLOS ORIENTADORES DA FORMAÇÃO ESPORTIVA.	121

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - PERCENTUAL DE PARTICIPAÇÃO DE EQUIPES POR NAIPE.....	101
GRÁFICO 2 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL GERAL DAS MODALIDADES PRATICADAS NAS FASES REGIONAIS DOS JEPS.	101
GRÁFICO 3 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS MODALIDADES PRATICADAS NAS FASES REGIONAIS DOS JEPS NO NAIPE FEMININO.....	102
GRÁFICO 4 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS MODALIDADES PRATICADAS NAS FASES REGIONAIS DOS JEPS NO NAIPE MASCULINO.	102

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - EDIÇÕES DA GYMNASÍADE.....	17
TABELA 2 - DISTRIBUIÇÃO DOS NÚCLEOS REGIONAIS DE EDUCAÇÃO NAS FASES MACRORREGIONAIS DOS JEPS.	28
TABELA 3 - NÚCLEOS REGIONAIS DE EDUCAÇÃO, ELENCADOS PARA COLETA DE DADOS DAS FASES REGIONAIS DOS JEPS.	29
TABELA 4 - PERCENTUAL GERAL DOS NÚCLEOS REGIONAIS DE EDUCAÇÃO POR ESCOLAS DISTINTAS QUE PARTICIPARAM DA FASE REGIONAL (2012 – 2019).	104
TABELA 5 - PERCENTUAL GERAL DOS NÚCLEOS REGIONAIS DE EDUCAÇÃO POR ESCOLAS DISTINTAS QUE PARTICIPARAM DA FASE REGIONAL (2012 – 2019), NAS MODALIDADES DE BASQUETEBOL, HANDEBOL E VOLEIBOL.	105
TABELA 6 - PERCENTUAL GERAL DOS NÚCLEOS REGIONAIS DE EDUCAÇÃO POR ESCOLAS DISTINTAS QUE PARTICIPARAM DA FASE REGIONAL (2012 – 2019), NA MODALIDADE FUTSAL.....	106
TABELA 7 - MUNICÍPIOS COM MAIOR E MENOR POTENCIAL DE PARTICIPAÇÃO NA FASE REGIONAL DOS JEPS, DENTRO DE SEUS RESPECTIVOS NÚCLEOS REGIONAIS, NAS MODALIDADES DE BASQUETEBOL, HANDEBOL E VOLEIBOL (2012 – 2019).	107
TABELA 8 - MUNICÍPIOS COM MAIOR E MENOR POTENCIAL DE PARTICIPAÇÃO NA FASE REGIONAL DOS JEPS, DENTRO DE SEUS RESPECTIVOS NÚCLEOS REGIONAIS, NAS QUATRO MODALIDADES (BASQUETEBOL, FUTSAL, HANDEBOL E VOLEIBOL) (2012 – 2019).	109
TABELA 9 – PERCENTUAL DE PÓDIOS CONQUISTADOS POR NÚCLEOS REGIONAIS DE EDUCAÇÃO NA FASE FINAL (2012 – 2019)	111
TABELA 10 – PERCENTUAL DE PÓDIOS CONQUISTADOS DAS ESCOLAS DE UM MESMO MUNICÍPIO NA FASE FINAL (2012 – 2019).	112
TABELA 11 - PERCENTUAL DE CIDADES QUE POSSUEM UM CONSELHO MUNICIPAL DE ESPORTE POR NÚCLEOS REGIONAIS DE EDUCAÇÃO.....	114

TABELA 12 - NATUREZA DAS MODALIDADES OFERTADAS NOS MUNICÍPIOS POR NÚCLEO REGIONAL DE EDUCAÇÃO.	115
TABELA 13 - DIRECIONAMENTO DE RECURSOS PARA PROJETOS ESPORTIVOS DOS MUNICÍPIOS POR NÚCLEO REGIONAL DE EDUCAÇÃO.....	116

LISTA DE SIGLAS

AAAs	- Associações Atléticas Acadêmicas
AETE	- Aulas Especializadas de Treinamento Esportivo
APSA	- Associação Paranaense de Sports Athléticos
CBDE	- Confederação Brasileira do Desporto Escolar
CEP	- Colégio Estadual do Paraná
CJIE	- Jeux Internatiounaux des Ecoliers
COB	- Comitê Olímpico do Brasil
COI	- Comité Olímpico Internacional
CRE	- Conselho Regional de Esportes
DEFE	- Divisão de Educação Física e Esporte
FDEPR	- Federação do Desporto Escolar do Paraná
FISEC	- Fédération Internationale Sportive de L'Enseignement Catholique
FPDU	- Federação Paranaense de Desportos Universitários
GTSNE	- Grupo de Trabalho do Sistema Nacional do Esporte
IBGE	- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBOP	- Instituto Brasileiro de Opinião Pública
IPIE	- Instituto de Pesquisa Inteligência Esportiva
ISF	- International School Sport Federation
JAISP	- Jogos Abertos do Interior de São Paulo
JAPs	- Jogos Abertos do Paraná
JEBs	- Jogos Estudantis Brasileiros
JEPs	- Jogos Escolares do Paraná
JOCOP'S	- Jogos Colegiais do Paraná
JOJUPs	- Jogos da Juventude do Paraná
JUPs	- Jogos Universitários do Paraná
LSP	- Liga Sportiva Paranaense
NCAA	- National College Athletic Association
SEED	- Secretaria de Educação e do Esporte
SMELJ	- Secretaria Municipal do Esporte, Lazer e Juventude
SUED	- Superintendência de Estado da Educação
UFPR	- Universidade Federal do Paraná
YMCA	- Young Men's Christian Association

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	16
2 METODOLOGIA.....	25
3 DIGRESSÕES E APROXIMAÇÕES DE UMA EPISTEMOLOGIA DO CONCEITO DE ESPORTE ESCOLAR.....	31
3.1 O ESPORTE EDUCACIONAL: DIÁLOGO ENTRE A SOCIOLOGIA DO ESPORTE E A PEDAGOGIA DO ESPORTE.....	38
3.2 POR UMA PERCEPÇÃO ESTÉTICA DO ESPORTE EDUCACIONAL	44
3.3 O ESPETÁCULO E SUAS INFLUÊNCIAS NO REDIMENSIONAMENTO DO ESPORTE EDUCACIONAL	51
4 OS JOGOS ESCOLARES DO PARANÁ COMO UMA ESTRUTURA RELATIVAMENTE AUTÔNOMA.....	61
4.1 PERSPECTIVAS NACIONAIS E INTERNACIONAIS DA FORMAÇÃO ESPORTIVA NO CONTEXTO DAS COMPETIÇÕES ESCOLARES.....	61
4.2 O ESPORTE DESEMBARCA NO PARANÁ: A ESTRUTURA CLUBÍSTICA E AS OLIMPIADAS COLEGIAIS PRÉ DÉCADA DE 1950	66
4.3 O ESTADO ASSUME O PROTAGONISMO: O ESPORTE COMO ELEMENTO UNIFICADOR E OS JOGOS ESCOLARES DO PARANÁ PÓS DÉCADA DE 1950	79
5 INDICADORES DE DESEMPENHO E PARTICIPAÇÃO DAS ESCOLAS NAS FASES REGIONAIS E FINAL DOS JOGOS ESCOLARES DO PARANÁ.....	99
5.1 DISTRIBUIÇÃO DOS ALUNOS E MODALIDADES NAS FASES REGIONAIS.....	100
5.2 ÍNDICE DE PARTICIPAÇÃO DAS ESCOLAS NAS FASES REGIONAIS POR NÚCLEOS REGIONAIS DE EDUCAÇÃO	103
5.3 POTENCIAL DE PARTICIPAÇÃO DAS ESCOLAS NAS FASES REGIONAIS POR MUNICÍPIOS.....	106
5.4 POTENCIAL DE CONQUISTAS DE PÓDIOS NA FASE FINAL DOS JEPS	111
5.5 NATUREZA DOS PROJETOS ESPORTIVOS, FINANCIAMENTO E CONSELHOS MUNICIPAIS DE ESPORTE	113
CONCLUSÕES.....	118
REFERÊNCIAS	126

1 INTRODUÇÃO

Em julho de 2019, a cidade de Apucarana do interior do Paraná ganhava destaque em uma matéria no site da Secretaria da Educação e do Esporte do Paraná, salientando que a cidade do centro-norte paranaense estaria sediando a maior competição escolar do Brasil, para estudantes da categoria de 12 a 14 anos, em um evento que contaria com a participação de 747 estabelecimentos de ensino do estado, de 270 municípios, somando 5.279 participantes, entre atletas e dirigentes².

Esse evento era a Fase Final dos Jogos Escolares do Paraná e contemplava a 66ª edição de uma competição tradicional na agenda esportiva do Governo Estadual, sendo uma competição correlacionada a toda uma estrutura do esporte estudantil municipal, estadual e nacional. Mas, o que motivaria tais esforços empreendidos para a realização de competições como essas?

Jogos entre escolas não são uma exclusividade só no Paraná, todos os estados do Brasil também promovem competições dessa natureza, alguns com maior empenho, enquanto outros como um projeto secundário em suas agendas esportivas regionais. Todavia, esses jogos não ficam restritos ao Brasil, outros países organizam eventos similares (TUBINO, 2010).

Então, em que momento os jogos entre instituições escolares iniciam em escala internacional, nacional e regional, empregando em suas competições os moldes do esporte moderno?

Pontuar questões como essas, nos fazem ver a necessidade de revisitar processos históricos das estruturas dos Jogos Escolares, principalmente se considerarmos que essas estruturas, atualmente, estão correlacionadas. Deste modo, abordaremos como os Jogos Escolares em sua concepção moderna se iniciam no mundo, no Brasil e no Paraná, e como essas estruturas estão imbricadas.

Atualmente a maior instituição responsável pelo esporte escolar no mundo é a *International School Sport Federation* (ISF), que foi fundada em 4 de junho de 1972, em Beaufort/Luxemburgo. Na década de 1960 houve um crescente aumento de competições esportivas entre escolas de diferentes países europeus e, com esse

² “Apucarana sedia pela sexta vez a maior competição escolar do Brasil”. Disponível em <<http://www.jogos Escolares.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=14677>>. Acesso em: 14. jun. 2020.

aumento, eliminatórias a nível nacional passaram a ser necessárias, assim como a criação de uma federação internacional específica. O então Ministro Federal da Educação e Artes da República da Áustria, convocou uma Conferência em Raach, em 1971, para discutir as condições para a criação de uma Federação Europeia do Desporto Escolar. Esses encontros e debates continuariam até o ano de 1972, quando o projeto seria aprovado, mas com a intenção de não se limitar ao continente europeu. Dessa forma a *International School Sport Federation* foi fundada (ISF, 2016)³.

A partir 1974 a ISF iniciou a organização da Gymnasiade em Wiesbaden, na então Alemanha Ocidental. Esse evento se tornaria a maior competição escolar do mundo, continuando a ser realizado a cada dois anos até 1990, quando passa a ser realizado de quatro em quatro anos até 2006, alterando sua periodicidade para trienal até 2018. A Tabela 1, a seguir, ilustra as cidades sede de acordo com a edição e evidencia o número de países participantes.

TABELA 1 - EDIÇÕES DA GYMNASÍADE⁴

ANO	PAÍS	CIDADE SEDE	Nº DE PAÍSES PARTICIPANTES
1974	Alemanha	Wiesbaden	13
1976	França	Orléans	26
1978	Turquia	Izmir	17
1980	Itália	Turin	20
1982	França	Lille	24
1984	Itália	Florença	19
1986	França	Nice	22
1988	Espanha	Barcelona	23
1990	Bélgica	Bruges	30
1994	Chipre	Nicósia	26
1998	China	Xangai	33
2002	França	Caen	35
2006	Grécia	Atenas	36

³ As primeiras competições internacionais começaram a ocorrer em 1963 com a modalidade de Handebol. Em 1969 foi a vez do Voleibol, 1970 o futebol e em 1971 o Basquetebol. Esses eventos eram realizados anualmente, produzindo regulamentos básicos e um comitê permanente. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20160706205328/http://www.isfsports.org/about/genesis/history-of-isf/>. Acesso em 14 de jul de 2020.

⁴ Em 2020 o evento retornaria a acontecer em periodicidade bianual. A sede seria na cidade de Jinjiang na China, mas devido à pandemia de COVID-19 o evento foi adiado. Disponível em: <https://isfsports.org/rescheduling-18th-isf-gymnasiade-school-summer-games-jinjiang-2020-year-2021>. Acesso em: 17 de ago de 2020.

2009	Catar	Doha	39
2013	Brasil	Brasília	35
2016	Turquia	Trazbon	28
2018	Marrocos	Marrakech	58

FONTE: International School Sport Federation (2020).

Atualmente a *Gymnasiade* acontece para estudantes com idade entre 12 e 18 anos, em um período de oito dias na cidade sede, contando com a participação aproximada de 5.000 pessoas. Esse é o principal evento competitivo que a ISF organiza, mas não o único, pois a ISF também é responsável pela organização do *World Schools Championship*, *ISF World Schools Combat Games*, *Inclusive Games* e, mais recentemente, o *Gymnasiade Schools Winter Games*.

Além da ISF também existem outras organizações com elevado prestígio internacional que têm o esporte escolar como um de seus programas. É o caso do Comitê de *Jeux Internatiounaux des Ecoliers* (CJIE)⁵, com a sua sede em Frankfurt na Alemanha, da *Fédération Internationale Sportive de L'Enseignement Catholique* (FISEC)⁶ e da *National College Athletic Association* (NCAA)⁷ (TUBINO, 2010). A ISF, o CJIE e a FISEC, são todas instituições reconhecidas pelo Comité Olímpico Internacional (COI).

É importante mencionar essas instituições a nível internacional, porque boa parte delas estabelecem relações com toda uma estrutura que posteriormente incorpora os Jogos Escolares Brasileiro e Paranaense. No Brasil o movimento esportivo nas escolas se afirmaria a partir da década de 1940, passando a existir uma hegemonia do esporte nos conteúdos de ensino (SOARES, 1996).

Ainda que nas décadas de 1940, 1950 e 1960, o esporte tenha se consolidado como conteúdo dominante nas escolas, os jogos estudantis com

⁵ O Comitê de *Jeux Internatiounaux des Ecoliers* (CJIE), organiza *International Children's Games* desde 1968, para crianças e adolescentes entre 12 e 15 anos. Importante ponderar que esses jogos não são exclusivos para escolas. Disponível em: <<http://international-childrens-games.org/icg/index.php/about-icg/welcome-letter>>. Acesso em: 17. jul. 2020.

⁶ A *Fédération Internationale Sportive de L'Enseignement Catholique* (UGSEL), é uma federação de esportes educacionais de educação católica fundada em 1911, tendo três pilares como missão em seu projeto educacional. Animar: apoiando e coordenando a animação educacional e institucional nos estabelecimentos; Treinar: desenvolvendo uma oferta de formação disciplinar e interdisciplinar; e **Federar: desenvolvendo esportes escolares em todos os estabelecimentos**. Disponível em: <<https://www.ugsel.org/>>. Acesso em: 17. jul. 2020.

⁷ A *National College Athletic Association* (NCAA), foi criada em 1906 para definir as regras do esporte amador nos Estados Unidos. A NCAA realiza competições escolares entre os *colleges* e as universidades. Disponível em: <<http://www.ncaa.org/about/resources/media-center/ncaa-101/what-ncaa>>. Acesso em: 18. jul. 2020.

proporções nacionais se iniciariam apenas em 1969⁸, com a criação dos Jogos Estudantis Brasileiros (JEBs), que teve sua primeira edição na cidade de Niterói, no Rio de Janeiro (FERREIRA et al, 2006; TUBINO, 2010; ARANTES; MARTINS; SARMENTO, 2012; FRIZZO, 2013).

Durante 50 anos os JEBs se configuraram como o principal evento na promoção de competições escolares em nível nacional para diversas modalidades esportivas, individuais e coletivas. Analisando esse decurso histórico, Kiouranis (2017) fez um panorama de quatro períodos históricos dos JEBs: o primeiro período (1969-1984) é marcado pela instituição e desenvolvimento dos JEBs, que, em seus primeiros anos de edição, tinha forte influência militar com seus organizadores norteados pelo esporte de rendimento. O segundo período (1985-1989) é caracterizado por um marco reflexivo, já que o esporte de rendimento passava por uma crítica da comunidade acadêmica especializada. Nesse período os JEBs proibiram, inicialmente, a participação de atletas federados em entidades esportivas de modalidades específicas.

O terceiro período (1990-1999) retoma a perspectiva de rendimento, buscando alcançar resultados em um curto prazo, retornando ao modelo de competições que visava o desempenho esportivo. No quarto período (2000-2004) se inicia a gestão privada dos JEBs, com o Comitê Olímpico do Brasil (COB) assumindo maior relevância na organização do evento e tendo a Rede Globo de Televisão como parceira. Em 2005, o COB assume totalmente a gestão do evento, permanecendo à frente da organização até o presente momento (2022)⁹.

No Paraná o formato competitivo dos Jogos Escolares se divide em quatro seletivas, denominadas como fases, sendo elas: municipal, regional, macrorregional e final. A organização das fases municipais é de inteira responsabilidade dos municípios e as escolas vencedoras avançam para fase regional, que é dividida em

⁸ Os idealizadores do projeto apresentado para o Departamento de Educação Física e Desportos do Ministério da Educação e Cultura DED-MEC, foram os professores Ary Façanha de Sá e Cecci Marlene de Mello (FERREIRA et al, 2006)

⁹ A partir de 2005 o evento passou a se chamar Jogos Escolares da Juventude. Suas competições se dividem em duas categorias que compreendem as faixas etárias de 12 a 14 anos e de 15 a 17 anos, em 14 modalidades esportivas, para alunos de escolas públicas e privadas de todo o Brasil. Para se chegar até a fase nacional a escola participante precisa passar por seletivas municipais e estaduais e, para modalidades coletivas (Basquetebol, Futsal, Handebol e Voleibol) é necessário passar por uma fase regional-nacional (dividindo o Brasil em três grandes regionais) para então se classificar para fase nacional dos Jogos Escolares da Juventude. Disponível em: <<https://www.cob.org.br/pt/jogos-escolares/o-evento>>. Acesso em: 02. jul. 2020.

32 regiões do Paraná, seguindo a divisão dos Núcleos Regionais de Educação. Nessa fase, o Governo do Estado desempenha a responsabilidade direta pela organização do evento através dos Núcleos Regionais de Educação¹⁰.

As escolas vencedoras da fase regional seguem para fase macrorregional, que acontece em oito regiões do Estado, e cada macrorregional reúne quatro Núcleos Regionais de Educação previamente definidos, somados as escolas da cidade sede que venceram as seletivas municipais. As duas melhores escolas da fase macrorregional se credenciam para competir na fase final, reunindo representantes de todos os Núcleos Regionais de Educação.

As escolas campeãs na fase estadual se habilitam para disputar a competição nacional denominada de Jogos Escolares da Juventude, compreendendo duas categorias de idade na competição com faixas etárias entre 12 e 14 anos e entre 15 e 17 anos. Em ambas as faixas etárias, a delegação paranaense que representa o estado na fase nacional dos Jogos Escolares da Juventude tem ficado frequentemente nas primeiras posições no quadro geral de medalhas.

Na tese de Kiouranis (2017), foi realizado um levantamento dos pódios conquistados nas duas categorias de idade pelos estados brasileiros nos Jogos Escolares da Juventude, entre as edições de 2005 a 2014. Nesse panorama que compreende 10 anos de edições dos Jogos Escolares da Juventude, o Paraná se encontra na terceira colocação geral, e mesmo com uma população estimada de 11.516.840 habitantes, tendo a sua frente Estados com índices populacionais bem maiores, como Rio de Janeiro (17.366.189) e São Paulo (46.289.333), respectivamente, estabelecendo-se como uma das principais potências do esporte escolar brasileiro. Quando consideramos as faixas etárias classificadas de maneira independente, a categoria de 12 a 14 anos alcança resultados mais expressivos, como no ano de 2016, no qual o Paraná ficou com a primeira colocação geral na etapa nacional¹¹.

¹⁰ A única exceção é a cidade de Curitiba, que tem a fase municipal adquirindo o status de fase regional, com sua organização sendo de responsabilidade da Secretaria Municipal do Esporte, Lazer e Juventude (SMELJ).

¹¹ **“Paraná faz história ao conquistar a primeira colocação no quadro geral de medalhas dos Jogos Escolares da Juventude”**. Somando um total de 50 medalhas, sendo 20 ouros, 15 pratas e 15 bronzes nos confrontos de 13 modalidades. Disponível em: <<http://www.jogos Escolares.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=12213>>. Acesso em: 03. ago. 2020.

Tais evidências nos conduzem a refletir sobre quais os fatores que estariam associados a esse desempenho esportivo. Como os jogos se estruturam nas diferentes regiões e municípios do estado? Quais as escolas que participam e que conseguem ter sucesso nos Jogos Escolares do Paraná? E o que poderia motivar essas escolas a participarem do evento?

Questionamentos como esses nos levam a perceber a importância de ampliar o entendimento sobre a estrutura administrativa que está por trás dos jogos, quem são as instituições responsáveis por esse evento e como elas estão estruturadas e organizadas. No Paraná a principal entidade responsável pela organização do esporte é a Paraná Esporte, que faz parte da Secretaria de Educação e do Esporte (SEED) e, desde 2018, as ações dessa entidade passaram a se pautar em um conjunto de diretrizes que foram apresentadas através da Política de Esportes do Paraná.

A formulação do documento tem como principais funções dar clareza aos objetivos da entidade, conceituar os processos e definir linhas de atuação, sendo este um primeiro pilar de um total de cinco que constituiriam o sistema esportivo estadual. Sua elaboração foi pautada nos trabalhos do Grupo de Trabalho do Sistema Nacional do Esporte (GTSNE), e em estudos de Greco e Silva (2008), chegando-se à formulação de um modelo chamado de Biografia do Esporte, em que se estabelece uma matriz de desenvolvimento esportivo composta por três estágios, divididos em nove linhas, compreendendo um processo metodológico da relação do indivíduo com o esporte ao longo de toda a sua vida. A competição dos Jogos Escolares dentro desse modelo estaria nas fases chamadas de orientação (12 a 14 anos) e direção (14 a 16 anos).

A partir de um entendimento da estrutura organizacional responsável por orientar o esporte no Paraná, exercendo influência direta nas ações relacionadas aos Jogos Escolares, outras questões de ordem mais conceitual se apresentam, como por exemplo, qual seria o sentido e definição do esporte escolar? Sobretudo, o esporte escolar que é empregado em competições estudantis. Muitos estudos foram e ainda são empenhados com a intenção de buscar aproximações para uma definição geral – ou melhor entendimento – do conceito de esporte (GUTTMANN, 1978; TUBINO, 2001; COAKLEY, 2007; MARCHI JÚNIOR, 2015). Mas, existiria uma base central de conhecimentos que pudessem determinar fundamentos lógicos para o conceito de esporte escolar?

Todas essas questões nos emcaminham para a problemática central dessa dissertação: **Como se configura a organização dos Jogos Escolares do Paraná (JEPs) nas modalidades coletivas para a categoria de 12 a 14 anos, entre as edições de 2012 a 2019, e quais são as bases epistemológicas norteadoras do esporte escolar nessa configuração?**

É importante salientar que os Jogos Escolares do Paraná se dedicam exclusivamente para escolas, sejam elas públicas ou privadas, o que não significa que o processo de formação do aluno/atleta se constitua exclusivamente na escola (COSTA, 2018). Por vezes, esse aluno pode desenvolver toda a sua formação esportiva em clubes, associações ou outras instituições esportivas, e representar uma escola que carece de estruturas físicas e humanas para desenvolver determinada modalidade que aquele aluno foi especializado (DANTAS JUNIOR, 2013; KIOURANIS, 2017). Escolas com mais recursos, que não desenvolvem projetos de formação esportiva no interior de suas instituições, podem optar por ter um ou mais alunos/atletas através de bolsas estudantis, transferindo para outras instituições de forma direta ou indireta a responsabilidade de treinar e preparar o seu aluno para os Jogos Escolares (DANTAS JUNIOR, 2013; KIOURANIS, 2017).

Em modalidades individuais essa estratégia de concessão de bolsas ou vagas destinadas a alunos/atletas pode ser ainda mais acentuada (COSTA, 2018), se comparada a modalidades coletivas que exigiriam um investimento maior das escolas. Outro fator que deve ser considerado é a intensificação da especialização do atleta à medida que ele fica com mais idade, o que poderia exercer um maior impacto nesse processo do atleta que participa dos Jogos Escolares do Paraná (JEPs) representando a escola em que estuda, mas não necessariamente treina nessa escola.

Com a proposta de centrar nossa pesquisa na estrutura dos Jogos Escolares do Paraná, tendo como pano de fundo o esporte que é desenvolvido na escola, vamos concentrar nossas investigações nas modalidades coletivas para categoria de 12 a 14 anos. As modalidades coletivas que serão foco do estudo são o Basquetebol, o Futsal, o Handebol e o Voleibol. A escolha por modalidades coletivas permite analisar esportes que agregam uma maior quantidade de alunos, enquanto o recorte pelas idades de 12 a 14 anos possibilita investigar as primeiras categorias que se inserem no processo competitivo a nível escolar.

Aliado a isso, queremos investigar quais são as bases epistemológicas do esporte escolar nessa estrutura. Com isso, chegamos ao objetivo geral desse trabalho, que se propõe a analisar como se configura a organização dos Jogos Escolares do Paraná (JEPs) nas modalidades coletivas para a categoria de 12 a 14 anos, entre as edições de 2012 a 2019, e quais são as bases epistemológicas norteadoras do esporte escolar nessa configuração.

São elencados os seguintes objetivos específicos:

- a) Interpretar as bases epistemológicas norteadoras do esporte e as suas assimilações no esporte escolar;
- b) Investigar as estruturas que compõem as instâncias educacionais e esportivas no Paraná, e o papel dos Jogos Escolares nesse contexto;
- c) Analisar a participação das escolas na fase regional e final dos Jogos Escolares do Paraná, apresentando indicadores dos resultados de participação e desempenho.

JUSTIFICATIVA

As motivações que levaram ao interesse por esse tema de pesquisa podem ser pontuadas em três vertentes, quais sejam, pessoal, acadêmica e social. Iniciarei pelas motivações pessoais, em um sentido de reconstrução autobiográfica de minha trajetória. Minhas primeiras lembranças de contato com práticas esportivas, das quais acredito que desempenharam forte influência para adquirir o gosto pelos esportes, se deram quando eu tinha 8 anos, em uma rua próxima à casa em que eu residia, onde uma líder comunitária organizava partidas de voleibol. Nesse cenário, crianças jogavam com adultos, as regras oficiais nem sempre eram seguidas, as partidas tinham de ser interrompidas quando um carro precisava passar pela rua, ou então a rede de voleibol tinha que ser removida quando o veículo era um caminhão. Sob a orientação dos adultos e principalmente dessa líder comunitária, jogávamos vôlei até o anoitecer, retornando para casa quando já não era mais possível visualizar a bola com tanta nitidez.

Um tempo depois entrei no projeto REXONA, onde tive contato com o voleibol de forma sistematizada e, simultaneamente aos treinos de voleibol também praticava diversas modalidades na escola. Aos 12 anos, tive a oportunidade de participar pela primeira vez da fase municipal dos Jogos Escolares. Mesmo tendo

maior contato com o vôlei, esta escola não tinha equipes dessa modalidade, então acabei como o goleiro da equipe de futsal por dois anos e compondo as equipes de atletismo, tênis de mesa e xadrez. Em nenhuma dessas modalidades consegui avançar para as fases posteriores a fase municipal. Avançar para as fases seguintes dos jogos foi possível quando participei do Vôlei de Praia na categoria B, juntamente com um colega da escola que também havia entrado no projeto Rexona. Naquela edição dos Jogos Escolares, conseguimos avançar até a Fase Final. Naquele mesmo ano, recebemos convites de algumas escolas públicas e privadas, para estudar e integrar as equipes de voleibol das instituições.

No ano seguinte, acabei me transferindo para uma dessas escolas, na qual cursei o ensino médio e continuei a participar dos Jogos Escolares do Paraná, em suas várias fases. Paralelo a isso, conciliava os treinos pelas equipes dos clubes e prefeituras dos quais fiz parte durante os anos de ensino médio, com as competições da Federação Paranaense de Voleibol e competições organizadas pelo Governo do Paraná. Essa trajetória, acaba por me direcionar até o curso de Educação Física, no qual, no decorrer da graduação estabeleci um vínculo com o Instituto de Pesquisa Inteligência Esportiva (IPIE) que tem como um de seus interesses de pesquisa os Jogos Escolares da Juventude.

Academicamente, pesquisas relacionadas a competições escolares ainda são reduzidas em quantidade, mas estão em crescimento, demonstrando que várias questões ainda carecem de respostas e investigações mais ampliadas, principalmente quando consideramos que tal tema viabiliza e concede a enchaça de análises multidisciplinares, a partir de áreas de estudo como Educação Física Escolar, Psicologia, Políticas Públicas para o Esporte, Pedagogia do Esporte e Sociologia do Esporte, e essa última área de estudo é onde esta dissertação estará centrada de forma mais efetiva.

Em um prisma social, o presente estudo pode colaborar para um maior entendimento a respeito das estruturas presentes na organização de competições estudantis, aferindo e desvelando conceitos de um senso comum que possa circundar e existir a respeito dos Jogos Escolares, sobretudo, no que tange futuras reflexões para a constituição de um sistema esportivo educacional.

2 METODOLOGIA

Para essa dissertação nos apropriamos de uma metodologia mista, de cunho documental e descritivo. Na metodologia mista as abordagens quantitativa e qualitativa são adotadas e integradas na intenção de melhor responder as demandas do estudo (THOMAS; NELSON; SILVERMAN, 2012).

Marconi e Lakatos (2003) ao caracterizarem a pesquisa documental, destacam que essas pesquisas podem ser realizadas quando o fenômeno ocorre ou posteriormente, tendo documentos como fonte de coleta de dados, e esses documentos podem ser de arquivos públicos ou arquivos particulares.

Os documentos de arquivos públicos podem ser municipais, estaduais e nacionais, como ordens régias, leis, ofícios, relatório e atas. Para os arquivos particulares, teríamos aqueles de ordem pessoal, como correspondência, memórias, diários, autobiografias; e os de instituições de ordem privada, tais como bancos, empresas, sindicatos, partidos políticos, escolas, igrejas e associações (MARCONI E LAKATOS, 2003). Neste estudo iremos nos apropriar de fontes documentais públicas da Superintendência de Esporte do Paraná. Também existem os documentos de fontes estatísticas, que são elaborados por órgãos oficiais, como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Instituto Brasileiro de Opinião Pública (IBOP) e departamentos municipais e estaduais de estatística (MARCONI; LAKATOS, 2003). Dados de alguns desses órgãos oficiais serão coletados em nosso trabalho, para complementar e auxiliar nas análises posteriores. Apresentada a caracterização metodológica do estudo, especificaremos como serão empregados tais métodos em cada um dos capítulos deste trabalho.

No capítulo 3, denominado “Digressões e aproximações de uma epistemologia do conceito de esporte escolar” realizamos uma revisão de estudos que oferecessem subsídios teóricos e conceituais para interpretação do esporte. Nesse capítulo procuramos estabelecer um diálogo entre diferentes teorias e modelos interpretativos, com a intencionalidade de compreender minimamente os sentidos e significados epistemológicos do esporte, para então avançarmos em uma direção de análise do esporte escolar e das competições na iniciação esportiva.

Nos utilizamos da Teoria dos Campos de Bourdieu, da proposta de interpretação analítica do esporte (5’Es’) de Marchi Júnior, das noções conceituais de uma estética do esporte de Gumbrecht e de abordagens da Pedagogia do

Esporte, para construir uma base conceitual que pudesse auxiliar nas análises dos capítulos seguintes. Essa construção se deu em três subcapítulos, nos quais são abordadas as dimensões educacionais, estéticas e do espetáculo com o contexto esportivo de formação.

Para o capítulo 4, intitulado “Os Jogos Escolares do Paraná como uma estrutura relativamente autônoma”, realizamos uma revisão de fontes bibliográficas que tratam da relação da escola com o esporte em contextos competitivos, em diferentes períodos históricos, nas escalas internacionais, nacionais e locais, enfatizado nas fontes que investigaram o início do esporte no Paraná e a constituição dos JEPs. Partindo desse ponto, foram analisadas as estruturas que compõem as instâncias educacionais e esportivas no Paraná, e o papel dos JEPs nesse contexto, para o qual a fonte documental foi a Política de Esportes do Paraná, apresentada em 2018. Também realizamos uma revisão de estudos nacionais e internacionais que se pautaram em discutir temas relacionados a competições escolares, formação esportiva e sistemas esportivos.

No último capítulo, “Indicadores de desempenho e participação das escolas na fase regional e final dos Jogos Escolares do Paraná”, foram consultadas as coletâneas dos JEPs das edições entre os anos de 2012 a 2019. A definição do recorte temporal tem como ponto de partida o ano de 2012, que é o ano em que todas as coletâneas das edições dos JEPs passaram a ficar disponíveis no site da Superintendência de Esporte do Paraná e foi em 2012 que houve a última alteração no nome do evento, enquanto em 2019, foi o último ano de realização dos JEPs antes da pandemia de COVID-19.

Para a coleta de informações das escolas participantes das fases regionais e finais do JEPs, utilizamos o editor de planilhas Excel para que os dados pudessem ser organizados e categorizados, visando a criação de um banco de dados. Os dados retirados a partir das coletâneas dos JEPs, foram: a) ano da edição, b) naipe (masculino ou feminino), c) modalidade esportiva, d) nome da escola, e) município da escola, f) colocação da escola na edição (quando houver). Outras informações também foram consideradas para o banco de dados, como o número total de escolas presentes em cada município e NRE, esses dados foram obtidos diretamente no site da SEED.

Foram coletados os dados de todos os municípios e de suas respectivas escolas que participaram da fase final dos JEPs, nas modalidades de Basquetebol,

Futsal, Handebol e Voleibol, nas edições de 2012 a 2019 na categoria de 12 a 14 anos, tanto para o naipe feminino, como para o naipe masculino. Frisando que a escolha dessa faixa etária e das modalidades coletivas se justifica por considerarmos que, com esse recorte, poderíamos ter uma diminuição das influências de clubes na formação dos atletas se comparado as modalidades individuais e em idades mais avançadas e, nesse sentido, conseguiríamos analisar de maneira mais precisa o acesso a formação esportiva que ocorre no ambiente escolar.

A coleta de dados para as fases regionais seguiu o mesmo protocolo metodológico. No entanto, devido ao grande número de dados que teríamos que coletar, e considerando as limitações de tempo que tivemos para esse estudo, optou-se pela coleta de dados das fases regionais de oito Núcleos Regionais de Educação. A escolha desses núcleos aconteceu baseado em três critérios: 1) a localização dos núcleos na estrutura dos JEPs, 2) um núcleo integrante de cada uma das oito macrorregionais; e 3) os núcleos que atendem o maior número de cidades dentro de suas macrorregionais. Para melhor compreensão dos critérios de seleção, é importante retornar para estrutura dos JEPs nas suas diferentes fases. A figura 1, exposta a seguir, auxilia na identificação da organização da estrutura dos JEPs baseada na divisão dos NREs.

FIGURA 1 - DIVISÃO DOS 32 NÚCLEOS REGIONAIS DE EDUCAÇÃO.



FONTE: Secretaria da Educação e do Esporte¹².

O nome atribuído ao núcleo é o mesmo da cidade onde a estrutura administrativa está localizada. Nas fases macrorregionais dos JEPs esses núcleos são organizados em oito grupos com quatro núcleos cada. Respeitando a seguinte distribuição:

TABELA 2 - DISTRIBUIÇÃO DOS NÚCLEOS REGIONAIS DE EDUCAÇÃO NAS FASES MACRORREGIONAIS DOS JEPS.

MACRORREGIONAL	NÚCLEOS REGIONAIS DE EDUCAÇÃO	Nº DE MUNICÍPIOS ATENDIDOS	MATRÍCULAS DA REDE ESTADUAL
MR 1	ÁREA METROPOLITANA SUL	14	96772
	ÁREA METROPOLITANA NORTE	14	78245
	PARANAGUÁ	7	34303
	CURITIBA	1	138072
MR 2	PONTA GROSSA	11	65747

¹² Disponível em: <<http://www.consultaescolas.pr.gov.br/consultaescolas-java/pages/templates/initial2.jsf;jsessionid=DCG8PR-3xIjUn4B9IEzWhy0xgS0fdOgkKD4jzwbA.sseed75003?windowId=49f>>. Acesso em: 02. Ago. 2020.

	IRATI	9	19454
	UNIAO DA VITÓRIA	9	18826
	GUARAPUAVA	8	29312
MR 3	FRANCISCO BELTRÃO	20	26968
	PATO BRANCO	15	27061
	LARANJEIRAS DO SUL	10	15119
	DOIS VIZINHOS	7	8571
MR 4	CASCADEL	18	48800
	TOLEDO	16	35182
	FOZ DO IGUAÇU	9	44328
	ASSIS CHATEAUBRIAN	7	7481
MR 5	MARINGÁ	25	63680
	CAMPO MOURÃO	16	22222
	GOIOERÊ	9	9338
	PITANGA	7	9689
MR 6	PARANAVAÍ	21	21523
	UMUARAMA	19	24996
	CIANORTE	12	16692
	LOANDA	12	8414
MR 7	LONDRINA	19	78344
	APUCARANA	16	32733
	IVAIPORA	14	13772
	TELÊMACO BORBA	7	18508
MR 8	CORNÉLIO PROCÓPIO	19	19834
	JACAREZINHO	12	20803
	IBAITI	9	9704
	WENCESLAU BRAZ	7	11817

FONTE: Tabela elaborada pelo autor (2022).

A partir dessa distribuição, foram escolhidos os núcleos que atendem o maior número de municípios. Quando dois núcleos atendiam a mesma quantidade de municípios, fazendo parte da mesma macrorregional, empregou-se como critério de desempate o número de matrículas na rede estadual de ensino. Sendo assim, após a aplicação dos critérios de inclusão e desempate, os núcleos elencados para coleta de dados da fase regional dos JEPs, foram os seguintes:

TABELA 3 - NÚCLEOS REGIONAIS DE EDUCAÇÃO, ELENCADOS PARA COLETA DE DADOS DAS FASES REGIONAIS DOS JEPS.

MACRORREGIONAL	NÚCLEOS REGIONAIS DE EDUCAÇÃO	Nº DE MUNICÍPIOS ATENDIDOS
MR 1	ÁREA METROPOLITANA SUL	14
MR 2	PONTA GROSSA	11

MR 3	FRANCISCO BELTRÃO	20
MR 4	CASCADEL	18
MR 5	MARINGÁ	25
MR 6	PARANAVAÍ	21
MR 7	LONDRINA	19
MR 8	CORNÉLIO PROCÓPIO	19
TOTAL		147

FONTE: Tabela elaborada pelo autor (2022).

Adotados os critérios de inclusão, foram analisadas escolas de 147 cidades do Paraná, correspondendo ao percentual de 36,7% de todos os municípios do Estado, alcançando todas as regiões. Realizada a segunda parte das coletas, foi possível identificar semelhanças, diferenças e particularidades entre as fases regionais e fase final dos JEPs, através de estatística descritiva (AGRESTI; FINLAY, 2012).

Em relação as estatísticas que serão elaboradas a partir dos documentos analisados, Marconi e Lakatos (2003) fazem a seguinte corroboração:

Fontes estatísticas - os dados estatísticos são colhidos diretamente e a intervalos geralmente regulares, quer abrangendo a totalidade da população (censos), quer utilizando-se da técnica da amostragem, generalizando os resultados a toda população. Em outras palavras, em épocas regulares, as estatísticas recolhem dados semelhantes em lugares diferentes. A própria generalização de dados relevantes sobre a população, permite ao investigador procurar correlações entre seus próprios resultados e os que apresentam as estatísticas nacionais ou regionais (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 178)

Utilizando-se dos preceitos metodológicos antes descritos, foi possível chegar a conclusões que contemplaram os objetivos almejados. Deste modo, espamos contribuir com a temática em questão.

3 DIGRESSÕES E APROXIMAÇÕES DE UMA EPISTEMOLOGIA DO CONCEITO DE ESPORTE ESCOLAR

A epistemologia pode ser entendida como o estudo do conhecimento, de sua organização, de sua formação, de seu desenvolvimento, de seu funcionamento e de seus produtos intelectuais (TESSER, 1994). Ao falarmos de epistemologia, entramos em uma importante área de estudo, fundamental para a discussão e a compreensão de conceitos, tornando-se imprescindível para o entendimento do esporte.

Muitos intelectuais em diferentes áreas se dedicaram em refletir este tema complexo e amplo, como Jean Piaget, no estudo da psicogênese interdisciplinar em Epistemologia Genética (DE PÁDUA, 2009), Gaston Bachelard, que acreditava somente ser possível fazer uma reflexão crítica sobre a produção de conceitos se nos debruçássemos sobre a história das ciências (MONTEIRO et al, 2012), Michel Foucault, que investigou uma arqueologia das ciências humanas, podendo se dividir em dois ciclos, arqueologia e genealogia, - o primeiro com origem na questão kantiana da determinação da possibilidade de conhecer, e o segundo com a influência nietzschiana da impossibilidade de nos libertarmos da nossa própria condição e da nossa história (THIRY-CHERQUES, 2010).

Ainda na linha dos intelectuais que se dedicaram ao estudo da epistemologia, temos Karl Popper, Thomas Kuhn, Paul Karl Feyerabend e Imre Lakatos, esses seriam provavelmente os principais expoentes no estudo da filosofia da ciência. Karl Popper considera que todas as leis e teorias científicas são, em sua essência, hipotéticas e conjecturais e as teorias científicas demonstrariam valor através dos princípios de verificação e da falseabilidade. Estes princípios seriam critérios de demarcação entre ciência e metafísica, em que toda proposição que possa ser refutada por experiência empiricamente observável é científica, caso contrário, metafísica (POPPER, 1982; TESSER, 1994; SCHMIDT; SANTOS, 2007).

O segundo nome é Thomas Kuhn que interpreta o conhecimento científico como uma sucessão de períodos que envolvem paradigmas e rupturas. O primeiro período é a ciência normal, nos quais a comunidade científica adere a um paradigma, porquanto que, com o surgimento de novas hipóteses e teorias o paradigma dominante é confrontado em um período de crises. Esse processo leva ao período que é chamado de revolução científica, culminado em uma ruptura do status quo, para então se estabelecer novos paradigmas ao ponto de esses serem amplamente

aceitos pela comunidade científica, se constituindo novamente um período de ciência normal (KUHN, 1978; OSTERMANN, 1996).

O terceiro nome é de Paul Karl Feyerabend, que critica o dogmatismo do método científico ao lançar uma proposta de uma epistemologia anárquica. Suas sugestões de um anarquismo científico foram trabalhadas numa rede semântica de estudos da compreensão como método. A anarquia do método seria responsável por impulsionar a autoridade da razão e libertar cientistas de dogmas que sua profissão desenvolveu em um processo histórico (FEYERABEND, 1989; BRITO, 2015).

E, por fim, Imre Lakatos, que apresenta a metodologia dos programas de pesquisa. Um programa de pesquisa se constituiria de um “núcleo firme”, “heurística”, “cinturão protetor” e processos progressivos e regressivos. O “núcleo firme” seria o conjunto de hipóteses e teorias irrefutáveis; a heurística é o processo que informa os cientistas a modificar o cinturão protetor; este cinturão protetor é formado por um conjunto de hipóteses auxiliares e métodos observacionais que auxiliam o programa a se adequar aos fatos; quando o programa de pesquisa propõe fatos antes não cogitados e estes fatos são corroborados pela comunidade científica, ele pode ser considerado progressivo; mas quando o programa de pesquisa não propõe novos fatos ou quando propostos não são corroborados, então o programa é regressivo. A história da ciência passaria pela disputa e concorrência desses programas em períodos de revoluções científicas e seria um processo racional de superação de um programa pelo outro (LAKATOS; MUSGRAVE, 1980; SILVEIRA, 1996).

Como bem destacou Tesser (1994), a epistemologia aborda problemas lógicos, problemas semânticos, problemas gnosiológicos, problemas metodológicos, problemas ontológicos, problemas axiológicos, problemas éticos, problemas estéticos e problemas pedagógicos. Em sua origem etimológica, “Epistemologia” significa discurso (logos) sobre a ciência (episteme), portanto, episteme + logos formam a epistemologia que pode ser entendida como a ciência da ciência, a filosofia da ciência, um estudo crítico dos princípios, das hipóteses e dos resultados das diversas ciências, se materializando como a teoria do conhecimento.

Partindo desses preceitos orientamos este capítulo para refletir e discutir o conceito de esporte e o sentido de esporte escolar, com autores que realizaram suas pesquisas dando ênfase em questões conceituais e epistemológicas do esporte,

procurando fornecer subsídios para uma maior compreensão no fenômeno em si. Para Gumbrecht (2007) a proposta de definir o sentido de esporte pode parecer pouco complicada em um primeiro momento, mas ao tentar fazê-la se revelará excepcionalmente difícil.

Algumas teorias epistemológicas abordam o esporte em toda a sua abrangência, conjuntamente com a Educação Física, por exemplo, para Manoel Tubino (2010) as principais seriam: a Teoria Antropológico-Cultural do Esporte e Educação Física de José Maria Cagigal; a Ciência do Esporte, de Herbert Haag; e a Teoria do Direito às Atividades Físicas, do próprio Tubino.

Para Manoel Tubino (2010), José Maria Cagigal seria um dos nomes mais importantes da Educação Física no século XX, sendo que os principais temas investigados por Cagigal foram a Educação Física Escolar, o Lazer e os Jogos Olímpicos, abrangendo discussões também voltadas às temáticas da legislação e agressividade (MARTINES, FUGI, SOUZA, 2020). Em sua teoria Antropológico-Cultural do Esporte e Educação Física, também chamada de Cineantropologia, sempre estiveram associadas as ideias de uma educação integral do homem sendo reivindicada pelo movimento, tendo a cultura física como base metafísica que compreenderia o corpo, o movimento, a motricidade e o esporte (TUBINO, 2010; MARTINES, FUGI, SOUZA, 2020), o último com duas direções interpretativas, o esporte espetáculo e o esporte práxis, o esporte educacional seria parte do esporte práxis (TUBINO, 2010).

Com a influência da obra *Homo Ludens* (HUIZINGA, 2012) e partindo de um conceito humanístico, Cagigal adota o termo *homo deportivus* como uma derivação lógica para demonstrar a identidade do jogo e do esporte, na qual entendia o esporte como uma propriedade metafísica do homem (CAGIGAL, 1959) e da aceitação dessa definição surge a necessidade de estudá-lo sob três prismas distintos: 1. O homem esportivo: caminho metafísico; 2. Os diferentes tipos de esportistas: percurso da psicologia diferencial; e 3. O homem esportivo na sociedade: percurso sociológico (BELTRÁN, 2006).

A Ciência do Esporte de Herbert Haag apresenta um sistema de pesquisa em que outros conhecimentos se integram com o esporte e a maioria desses campos científicos teriam a possibilidade de dialogar com o esporte educação (TUBINO, 2010).

Os sete primeiros campos teóricos aceitos por Haag para a Ciência do Esporte foram: Medicina do Esporte, Biomecânica do Esporte, Psicologia do Esporte, Pedagogia do Esporte, Sociologia do Esporte, História do Esporte e Filosofia do Esporte. Depois, foram aceitos novos campos teóricos: Ciência da Informação e do Esporte, Ciência Política do Esporte, Ciência Jurídica e Esporte, Teoria de Instalações e Equipamentos para o Esporte, e Economia e Esporte. Além desses campos, Haag ainda incorporou Campos Temáticos Específicos (Teoria do Movimento, Teoria do Jogo etc.) e Campos Teóricos Gerais (Música e Movimento, Esporte em Grupos Especiais etc.). (TUBINO, 2010, p. 75).

Alguns desses campos científicos estabelecem relação direta com práticas esportivas educativas, como a Pedagogia do Esporte, a Psicologia do Esporte, a Teoria do Movimento, a Teoria do Jogo (TUBINO, 2010). Herbert Haag também apresenta um modelo de pesquisa integrando a teoria do currículo e a teoria da instrução no intuito de oferecer uma estrutura conceitual e diretrizes para uma pesquisa eficaz em pedagogia do esporte (HAAG, 1989).

Na Teoria do Direito às Atividades Físicas de Manoel Tubino, foi incorporada a percepção do direito à Educação Física e ao Esporte, assim, as formas de exercício do direito ao esporte passariam pelo Esporte-Educação, o Esporte- Lazer e o Esporte de Desempenho. O Esporte-Educação teria duas vertentes, que seriam o Esporte Educacional e o Esporte Escolar, e o Esporte de Desempenho, poderia ser entendido na perspectiva do rendimento ou do alto rendimento (TUBINO, 2010). Essa proposta teórica foi amplamente aceita na segunda metade do século XX em vários documentos de organismos internacionais.

Partindo da concepção da Teoria do Direito às Atividades Físicas, uma definição geral de esporte seria:

Fenômeno socio-cultural, cuja prática é considerada direito de todos, e que tem no jogo o seu vínculo cultural e na competição o seu elemento essencial, o qual deve contribuir para a formação e aproximação dos seres humanos ao reforçar o desenvolvimento de valores como a moral, a ética, a solidariedade, a fraternidade e a cooperação, o que pode torná-lo um dos meios mais eficazes para a comunidade humana (TUBINO; GARRIDO; TUBINO, 2006, p. 37).

Com essa definição e uma perspectiva sistêmica, o Esporte-Educação estaria conectado com as manifestações do Esporte-Lazer e do Esporte de Desempenho, o Esporte-Educação sempre teria um sentido de formação cidadã

(TUBINO, 2010). Posicionando o papel dos sujeitos inseridos em todo o processo formativo da perspectiva sistêmica adotada, Manoel Tubino (2010) especifica que:

Os praticantes do Esporte atual do Esporte-Educação serão os futuros atletas do Esporte-Lazer, e aqueles com mais vocação e oportunidade poderão chegar ao Esporte de Desempenho durante a curva biológica favorável e, depois, ingressar definitivamente no Esporte-Lazer, que favorece a Qualidade de Vida. Por outro lado, os modelos de sucesso do Esporte de Desempenho provocam acessos em maior número para o Esporte-Educação e Esporte-Lazer. Percebe-se que este é o ciclo do Esporte Contemporâneo, no qual, repito, o Esporte-Educação pode ser o “alicerce” fundamental (TUBINO, 2010, p.70).

Avaliando a proposta conceitual de uma definição do esporte liderada por Manoel Tubino, e considerando o contexto histórico, político e social do Brasil no momento de sua produção, Marchi Júnior (2015) pondera que apesar dos expressivos avanços que a proposta desempenhou para o esporte nacional, algumas limitações puderam ser identificadas ao longo dos anos seguintes, através de leituras mais detalhistas, com os próprios autores da proposta identificando e sugerindo um processo revisional.

Esforços empreendidos na direção de uma interpretação analítica foram realizados por Marchi Júnior (2004), após uma revisão de boa parte das perspectivas conceituais e teóricas estudadas até aquele momento, chegando ao entendimento de que o esporte poderia ser compreendido como uma “[...] atividade física, construída e determinada a partir de contextos socioculturais, em constante desenvolvimento, e em franco processo de mercantilização, profissionalização e espetacularização” (MARCHI JÚNIOR, 2004, p. 24). Esses três processos, quando aliado a uma análise dos contextos históricos e socioculturais da humanidade, proporcionariam uma leitura menos determinista para a compreensão do conceito (MARCHI JÚNIOR, 2015).

Tais esforços permitiram ampliar a visão sobre o fenômeno esportivo que assume características polissêmicas, de múltiplos sentidos, formas e funções no transcurso de suas interpretações.

Desse modo, visualizamos a possibilidade de entender o esporte na contemporaneidade como uma atividade física polissêmica, institucionalizada, regada e competitiva, um fenômeno histórico da humanidade construído e determinado a partir de contextos socioculturais diversificados, em constante desenvolvimento, e em franco processo de profissionalização, mercantilização e espetacularização (MARCHI JÚNIOR, 2015, p. 55).

Ainda que se coloque um direcionamento de interpretação, o entendimento do conceito não encontra uma definição final, dado sua complexidade, amplitude e abertura para diferentes perspectivas de análise. É com essa premissa que Marchi Júnior (2015) constrói um modelo analítico do esporte, proposta orientada pela compreensão da categoria sociológica do mimetismo social, com perspectiva teórica que procura subsidiar uma alternativa interpretativa da comunicação entre esporte e sociedade através das relações de interdependências entre as estruturas macro e microsociais.

Esse mimetismo social entre o macro e o microsocial determinaria de forma inconsciente um modo de pensar, agir e ver o mundo social através de um conjunto de referenciais valorativos (MARCHI JÚNIOR, 2015), tais elementos auxiliariam na detecção da influência que características comportamentais e valorativas da sociedade contemporânea poderiam exercer nas esferas do esporte educacional, do esporte de participação e do esporte de rendimento.

Nesse sentido temos que o esporte é compreendido como um fenômeno processual físico, social, econômico e cultural, construído dinamicamente e historicamente, presente na maioria dos povos e culturas intercontinentais, independentemente da nacionalidade, língua, cor, credo, posição social, gênero ou idade, e que na contemporaneidade tem se popularizado globalmente e redimensionado seu sentido pelas lógicas contextuais dos processos de mercantilização, profissionalização e espetacularização (MARCHI JÚNIOR, 2015, p. 59).

Quando comparamos essa interpretação com as anteriores, temos a percepção de um sentido mais universal atribuído ao fenômeno, não se restringindo a particularidades de um determinado tempo e espaço, ganhando maior flexibilidade frente as dinâmicas macro e microestruturais do tecido social. É nesse contexto que o modelo analítico é lançado, sendo nomeado como “*Modelo Analítico dos 5 E’s*”, adotando o princípio da polissemia dimensional, que procura realizar a leitura do fenômeno esportivo a partir dos múltiplos sentidos, significados, contextos e dimensões (MARCHI JÚNIOR, 2015). As dimensões que formam o modelo analítico são: Emoção, Estética, Ética, Espetáculo e Educacional.

FIGURA 2 - MODELO ANALÍTICO DO ESPORTE: 5 E'S.



FONTE: MARCHI JÚNIOR, 2015, p.60.

Práticas construídas sob uma ordem tecnológica ou então estabelecidas em formas primárias da natureza, que tivessem a finalidade de propiciar um ambiente de contraposição à rotina ou rotinas do cotidiano, por meio de atividades esportivas que gerem a exposição a uma certa imprevisibilidade ou risco, estariam associadas a dimensão da emoção e levariam a uma excitabilidade, manifestada na composição de um descontrole controlado das emoções (MARCHI JÚNIOR, 2015). A segunda dimensão é a estética, que se volta para a relação entre o esporte e o conceito de saúde e aos aspectos bio-fisiológicos almejados por aqueles que buscam nas práticas esportivas um estado de bem-estar a partir de um estilo de vida estetizada que cumpra as demandas sociais da corporeidade contemporânea (MARCHI JÚNIOR, 2015).

A ideia de critérios, valores, princípios, construções sociais que nos levam a determinados padrões e regras comportamentais, constituem a dimensão da ética, que atua transversalmente por todas as manifestações esportivas, se materializando em protocolos de competições, saudações patrióticas e institucionais, cordialidade entre os participantes e respeito ou ausência dele aos códigos de honra que idealizam o “jogo limpo” (MARCHI JÚNIOR, 2015). O contexto econômico e mercadológico, a geração e constituição de ofertas e demandas fazem parte da

dimensão do espetáculo, que é capitalizada pelo interesse midiático, gerando um grande envolvimento populacional e com a capacidade de comunicação global, sendo um dos últimos estágios do processo de evolução de uma modalidade esportiva, ao qual, Marchi Júnior (2015) denomina como “tese dos estágios” em que no decorrer dessa evolução, inevitavelmente, as etapas do amadorismo, da institucionalização, da profissionalização e da mercantilização aconteceriam até a manifestação da espetacularização. O autor também pondera que dado a relevância dos aspectos econômicos, uma dimensão econômica poderia ser considerada, mas este aspecto acabou surgindo como uma variável interveniente no processo de constituição do espetáculo.

A última dimensão, educacional, desempenha a função de interconectar todas as outras dimensões numa intencionalidade formativa, entendendo que o processo, “[...] seja institucional ou informal, subsidia a formação da tão desejada e retoricamente defendida reflexividade e criticidade do ser humano na sociedade contemporânea” (MARCHI JÚNIOR, 2015, p. 64).

Com diferentes linhas teóricas apresentadas, e considerando o princípio da polissemia dimensional, entendemos ser profícuo ampliar nossa base conceitual nas dimensões educacionais, estéticas e do espetáculo, procurando identificar as relações entre as mesmas que podem refletir no esporte de formação.

3.1 O ESPORTE EDUCACIONAL: DIÁLOGO ENTRE A SOCIOLOGIA DO ESPORTE E A PEDAGOGIA DO ESPORTE

Penso que há uma ligação entre o corpo e o que em francês nós chamamos de *esprit de corps*. Se a maioria das organizações, seja a Igreja, o Exército, os partidos, as indústrias, etc., dão tanto espaço às disciplinas corporais, é porque, em grande parte, a obediência é a crença, e porque a crença é o que o corpo admite mesmo quando o espírito diz não (poderíamos, nessa lógica, refletir sobre a noção de disciplina). Talvez seja refletindo sobre o que o esporte tem de mais específico, isto é, a manipulação regrada do corpo, sobre o fato de o esporte, como todas as disciplinas em todas as instituições totais ou totalitárias, os conventos, as prisões, os asilos, os partidos, etc., ser uma maneira de obter do corpo uma adesão que o espírito poderia recusar, que se conseguiria compreender melhor o uso que a maior parte dos regimes autoritários faz do esporte (BOURDIEU, 2004, p. 220).

É com essa premissa que Bourdieu (2004) vai afirmar que a disciplina corporal é um instrumento de “domesticação” por excelência. Na dimensão educacional, a Pedagogia do Esporte surge como uma importante área de investigação para uma

melhor sustentação de processos de ensino do esporte, como sua sistematização, organização, aplicação e avaliação. Mas como esses estudos poderiam contribuir para uma maior ampliação e aproximação das noções epistemológicas do esporte?

Na verdade, é justamente por compreendermos a relevância da dimensão educacional dentro de uma proposta analítica para interpretação conceitual do esporte, que a Pedagogia do Esporte passa a ser fundamental nesse empreendimento, juntamente com outras áreas como a Sociologia do Esporte. Dado que suas preocupações com os processos de ensino surgem em decorrência da ampliação dos significados, finalidades e cenários que as práticas esportivas passaram a desempenhar na contemporaneidade (COUTINHO e SILVA, 2009; RUFINO e DARIDO, 2011; REVERDITO, SCAGLIA e PAES, 2013). Nesse sentido, as ciências pedagógicas ao se debruçar sobre o fenômeno esportivo, contribuem para uma maior integração da relação entre fundamentações teóricas e ação prática.

A pedagogia se ocupa daquilo que foi produzido pela humanidade ao longo de sua historicidade. E vivendo o homem que criou o passado no presente, a pedagogia analisa, interpreta e compreende a problemática educativa, para selecionar diretrizes no presente, que sejam orientadoras da ação educativa, projetando no futuro ingredientes para a configuração da atividade humana por meio da prática educativa concreta, em busca de um ideal pedagógico capaz de realizar nos sujeitos humanos a formação humana, por meio de saberes e modos de ações sistematizadas e organizadas culturalmente (REVERDITO, SCAGLIA e PAES, 2009, p. 601).

Sustentados por essa lógica, Reverdito, Scaglia e Paes (2009) realizaram um importante trabalho de análise e delineamento dos principais autores e obras que se propuseram em construir abordagens em Pedagogia do Esporte em seus múltiplos contextos. A partir do delineamento, cinco grupos de autores foram identificados, com caracterizações, estratégias metodológicas e fundamentações próprias.

As fundamentações baseadas nas ciências biológicas e pedagógicas, psicologia geral e cognitiva, juntamente com a aprendizagem formal e incidental puderam ser encontradas nos trabalhos de Kröger e Roth (2002) e Greco e Benda (1998), tendo forte influência das teorias de controle e aprendizagem motora (REVERDITO, SCAGLIA e PAES, 2009).

Nas abordagens de Garganta (1995) e Graça (1995) as fundamentações se alicerçam em uma teoria dos jogos desportivos coletivos, pautada em uma abordagem fenômeno-estrutural e sistêmica. Já Paes (2001) e Balbino (2001), compartilham do pensamento sistêmico e construtivista, tendo como base a teoria

das inteligências múltiplas, enquanto Scaglia (1999, 2003) e Freire (2003), partem por uma abordagem interacionista, por uma teoria do jogo e das produções culturais a partir do pensamento sistêmico-complexo (REVERDITO, SCAGLIA e PAES, 2009).

De maneira geral, em todas as abordagens as estratégias metodológicas partem por um consenso em relação a utilização do jogo como uma maneira eficaz de ampliar os domínios técnicos e táticos em modalidades coletivas (REVERDITO, SCAGLIA e PAES, 2013). Essas abordagens procuram estabelecer uma ruptura com modelos que centravam seu processo de ensino na decomposição do jogo em partes menores, que priorizavam a técnica isolada em um caráter situacional (GALATTI et al., 2014)

A superação de paradigmas anteriores que foram confrontados por novas hipóteses e teorias (Kuhn, 1978), inauguradas pela Pedagogia do Esporte parece marcar um período de revolução científica no campo acadêmico, estabelecendo um novo período de ciência normal, que supera o isolamento das partes para a compreensão do jogo como um todo.

Essas inflexões permitem a aproximação de outras áreas do conhecimento que possam colaborar para uma maior compreensão da dimensão educacional do esporte. Gaya (2001, 2006) reconhece a dificuldade de perceber as particularidades do esporte partindo de uma disciplina isolada, que por vezes carece de convergências teóricas que permitam apontar para uma perspectiva interdisciplinar.

Os elementos interpostos, instauram uma aproximação com a Sociologia do Esporte para discussão e análise de diferentes aspectos apresentados no campo educacional e esportivo. O sociólogo Pierre Bourdieu ao se questionar “Como ensinar a alguém, isto é, a seu corpo, a corrigir seu gesto?” (BOURDIEU, 2004, p. 218), indica que problemáticas envoltas ao ensino de práticas corporais poderiam alcançar um conjunto de questões teóricas de importância capital, pensando que essas condutas “[...] se produzem, em sua grande maioria, aquém da consciência, que se aprendem, pode-se dizer, por uma comunicação silenciosa, prática, corpo a corpo” (BOURDIEU, 2004, p. 219)

A pedagogia do esporte como área de investigação das práticas esportivas, procura assegurar e facilitar a apropriação do fenômeno esportivo pelos sujeitos, quando o contexto da prática esportiva é orientado por um ambiente formativo por excelência, que preconiza pressupostos teóricos e metodológicos sustentados sobre pilares pedagógicos (REVERDITO, SCAGLIA e PAES, 2013).

Todavia, as práticas desenvolvidas em programas esportivos não necessariamente seguem esses modelos, por vezes, propostas de iniciação esportiva ficam mais centradas na formação do atleta do que no desenvolvimento pessoal do sujeito, o ser atleta precede o ser pessoa (BALBINO *et al.*, 2013). Isso se explicita em programas que priorizam a descoberta de talentos, como se isso fosse algo inato e não desenvolvido.

Essas noções também acabam por idealizar no esporte de iniciação uma evolução quase que natural até as categorias adultas, ainda que nem todos tenham essa predisposição (BALBINO *et al.*, 2013). Mas quais seriam as razões históricas e sociais que viabilizaram esse tipo de perspectiva? Para Coakley (2007), logo depois do surgimento do esporte que se estabeleceu em concomitância com os valores da sociedade dominante da Europa e América do Norte do século XIX, se percebeu as potencialidades de sua utilização de forma dirigida com as crianças, para orientá-las na preparação de uma vida adulta produtiva. Nesse período o esporte é percebido como uma ferramenta de mudanças positivas de comportamento, produzindo coesão em populações etnicamente diversas e favorecendo o surgimento de uma lealdade nacional (COAKLEY, 2007), muitas dessas concepções vão permanecer até o presente. Um outro ponto que merece ser destacado, é o papel que a figura do atleta, sobretudo, o papel que o atleta de alto rendimento passa a ter na sociedade contemporânea.

Quando os processos de seleção dos atletas se inserem na lógica da formação esportiva, as pessoas acabam por serem induzidas a considerar o atleta como um referencial para modelos de condutas morais e sociais (BALBINO *et al.*, 2013), isso acaba sendo intensificado quando o atleta é mitificado por suas realizações e conquistas, criando-se o arquétipo do herói (RUBIO, 2001).

Esses padrões referenciais, se estabelecem como um importante fator de reprodução de atitudes, que impactam na implementação de métodos de treinamento e organização de competições direcionadas na iniciação esportiva com os mesmos moldes dos treinamentos e competições realizadas nas categorias adultas (BALBINO *et al.*, 2013). Essa estrutura permite uma posição de privilégio para os agentes que de alguma forma se beneficiam desse modelo de reprodução, alterações na direção de um modelo que preconize experiências socializadoras como elemento central do esporte de formação sofrem forte resistência (COAKLEY, 2007).

Todos esses sentidos e significados agregados ao campo esportivo, se traduzem como parte de uma *doxa*, que reflete um senso comum, a partir de um consenso dos agentes pertencentes ao campo sobre o sentido das coisas (BOURDIEU, 1996). Para Pierre Bourdieu a *doxa* se apresenta em um campo e subcampos na forma de *doxa* ortodoxa e a heterodoxa. A primeira é compartilhada por aqueles que detêm maior poder dentro do campo, enquanto a segunda se manifesta na não aceitação das disposições de poder no campo e da tentativa de subverter as lógicas internas de distribuição de capitais (BUENO, 2021).

Em algumas situações, profissionais inseridos em programas de formação esportiva, que apresentam uma visão mais abrangente do esporte, tendo o discernimento das contradições expostas por determinados métodos de competição e estratégias de ensino, encontram dificuldades em seu trabalho, principalmente quando tentam propor novas formas de atuação e de modificação das estruturas (BALBINO *et al.*, 2013). O funcionamento dessas estruturas e as formas de incorporação que os agentes fazem de um modo de agir próprio, conferem uma regularidade capaz de produzir um *habitus* do Campo ou do Subcampo em questão.

regularidades associadas a um meio ambiente socialmente estruturado produzem *habitus*, sistemas de disposições duradouras, estruturas estruturadas predispostas a funcionarem como tal, ou seja, enquanto princípio de geração e de estruturação de práticas e de representações que podem ser objetivamente "reguladas" e "regulares" sem em nada serem o produto da obediência a regras, objetivamente adaptadas ao seu fim sem suporem a mira consciente dos fins e o domínio expresso das operações necessárias para os atingir (BOURDIEU, 2002, p. 163).

A apropriação dos conceitos da teoria sociológica de Pierre Bourdieu, são alguns dos componentes que podem auxiliar a compreender a dimensão educacional manifestada nas competições esportivas. Alguns profissionais acabam tendo suas expectativas frustradas, enquanto outros profissionais e instituições que preconizam uma especialização precoce, priorizando em seus processos didático-pedagógicos os gestos técnicos das modalidades (BALBINO *et al.*, 2013) e a conquista de competições já em fases iniciais da formação esportiva, acabam obtendo maior lucro simbólico. É importante ponderar que “[...] atribuir ao professor toda a culpa pela ênfase no aprimoramento de habilidades precoces é injusto e insuficiente” (BALBINO *et al.*, 2013, p.50). Considerar esse aspecto faz sentido quando utilizamos os conceitos da teoria dos campos, até porque o professor que

tenta subverter as lógicas do campo dificilmente terá capital necessário para mobilizar individualmente as estruturas do campo ou subcampo que está inscrito.

Nas investigações sobre as abordagens em Pedagogia do Esporte realizadas por Reverdito, Scaglia e Paes (2009), foram identificados alguns tópicos que poderiam ser aprofundados, como as definições, modelos e finalidades das competições esportivas, os processos de avaliação que auxiliem na análise para apontar direções para o ensino dos esportes, e a formação profissional no sentido de tentar compreender as motivações das escolhas de um método em detrimento de outro. Nesse panorama as competições são um objeto central para nossa proposta de pesquisa. No esporte de iniciação as competições devem constituir uma extensão e complemento dos conteúdos desenvolvidos no treino (MESQUITA, 2004). As atitudes de familiares, dirigentes, técnicos/professores e árbitros em relação à criança e ao adolescente inseridos nesse contexto podem contribuir de maneira significativa para a socialização no esporte e para socialização pelo esporte (BALBINO *et al.*, 2013).

Os resultados são negativos quando a criança e o adolescente deixam de ser protagonistas nesse processo, e a satisfação dos adultos se sobrepõem aos da criança e do adolescente que sacrificam o seu tempo em uma prática que deixa de ser prazerosa (KORSAKAS; DE ROSE JUNIOR, 2002). As práticas esportivas, dentre elas as competições, são formuladas por adultos que de forma recorrente transferem para seus filhos e/ou alunos seus desejos e objetivos que eles próprios não conseguiram atingir quando jovens (BALBINO *et al.*, 2013).

A própria formulação das competições segue os mesmos modelos das modalidades convencionais praticadas por adultos, a disposição dos jogadores em quadra, as dimensões de espaço, as exigências impostas pelo regimento dos regulamentos e a formatação dos confrontos entre equipes. Alternativas para esses modelos já foram pensadas nos anos de 1960 na Inglaterra, com a ideia dos jogos modificados (Bunker; Thorpe, 1982 *apud* MESQUITA, 2004), os quais inicialmente eram julgados como uma versão inferior e empobrecida do jogo formal, mas com o passar do tempo houve um reconhecimento de sua potencialidade formativa e pedagógica para uma maior inclusão na formação esportiva (KIRK; GORELY, 2001; MESQUITA, 2004).

As reflexões sobre as transformações, abordagens e o conjunto de processos instaurados em estruturas sociais são de suma importância para compreendermos o

esporte na dimensão educacional no contexto da iniciação, com o diálogo entre a Sociologia do Esporte e a Pedagogia do Esporte. Áreas em que encontramos possibilidades analíticas, nas quais com os referenciais de apenas uma das áreas, teríamos dificuldades de visualizar.

[...] a pedagogia esportiva talvez seja o terreno por excelência para colocar o problema que em geral é exposto no terreno da política: o problema da tomada de consciência. Há um modo de compreensão totalmente particular, em geral esquecido nas teorias da inteligência, e que consiste em compreender com o corpo (BOURDIEU, 1983, p. 219).

É buscando por esses modos de compreensão que devemos superar práticas e conhecimentos pedagógicos que já se provaram insuficientes para promover o homem em sua infinita potencialidade e complexidade (REVERDITO, SCAGLIA e PAES, 2009), avançando em noções que ainda são concebidas como naturais, ou que ainda não foram compreendidas em sua totalidade.

3.2 POR UMA PERCEPÇÃO ESTÉTICA DO ESPORTE EDUCACIONAL

Para esse empreendimento da compreensão do esporte partido de uma visão estética, utilizaremos o referencial do alemão Hans Ulrich Gumbrecht, que em seus trabalhos aborda temas relacionados a filosofia, história cultural e da literatura, e epistemologias. Sua principal obra sobre esporte é intitulada “*Elogio da beleza atlética*” (2007), a qual o autor emprega a noção da estética em possíveis definições do esporte. Nos apropriando de elementos trazidos pelo autor juntamente com as teorias e modelos já explicitados até o momento, pretendemos construir uma interpretação e discussão da dimensão estética no esporte e problematizar essas interpretações na esfera do esporte escolar, dialogando com as outras dimensões do modelo analítico dos “5 E’s”.

Em seu trabalho, Gumbrecht discute as definições dos conceitos de elogio, beleza e esporte, realizando uma análise das práticas físicas e do esporte em seus processos históricos de descontinuidades, desde a Grécia Antiga até sua manifestação na contemporaneidade, perpassando pelos diferentes tipos de fascínios estéticos ligados ao corpo, sofrimento, graça, instrumentos, formas, jogadas e *timing*.

É preciso ponderar que o elogio da beleza atlética é pautado na perspectiva do espectador e não de um atleta, pois Gumbrecht faz essa distinção, mas ressalta que vários elementos apresentados se inserem em ambas as posições. Outro ponto é o fato de o elogio estar centrado em um apelo estético do esporte de alto rendimento, e nesse aspecto é que pretendemos fazer uma releitura dos conceitos explicitados para diferentes manifestações esportivas, em particular para o esporte de formação.

Autores como Norbert Elias e Pierre Bourdieu são mencionados por Gumbrecht, que reconhece em Elias a contribuição para explicar o esporte como um estágio de desenvolvimento da civilização ocidental, e em Bourdieu a contribuição de identificar no esporte um fator de diferenciação e distinção social. Ainda assim, críticas são tecidas pelo autor a essas contribuições, por escreverem sobre esporte não pelo próprio esporte, mas por causas externas e por vezes não esportivas. Isso tornaria difícil invocar ao esporte um apelo estético particular, passando pelo que o autor considera a aceitação de truísmos como “[...] torcer de forma ruidosa por um time é um meio fácil de aliviar as tensões” ou “[...] a competitividade é onipresente em nossa sociedade capitalista de consumo” (GUMBRECHT, 2007, p. 28). Aceitar tais colocações como obviedades tornaria quase inviável sustentar que o fascínio pelo esporte tem raízes respeitáveis em seu apelo estético.

Muitas das pessoas que transitam nos círculos da “alta cultura” tendem a aceitar como experiências estéticas legítimas concertos musicais, determinadas pinturas expostas em galerias e museus, títulos literários renomados ou dramaturgias teatrais. Aqueles dotados de um *habitus* específico para acessar essas experiências estéticas acabam pertencendo a uma elite que se utiliza disso como forma de distinção social.

[...] instrumentos de distinção, aliás, que a autoproclamada classe média culta gosta de usar como arma de agressão social, mais contra os “novos ricos” que contra os ignorantes, pobres e oprimidos. De acordo com essa visão, os times que milhões de pessoas comuns acompanham, e dos quais alguns multimilionários são até donos, jamais seriam dignos o suficiente para serem confundidos com algum tipo de experiência estética (GUMBRECHT, 2007, p. 36).

Essa separação social entre aquilo que supostamente seriam as experiências estéticas legítimas e os jogos de uma modalidade esportiva está tão marcada, que seria quase improvável que os espectadores de esportes ou os praticantes possam

conceber a ideia de estarem envolvidos em uma manifestação que agrega tal apelo estético. Toda essa distinção cultural das práticas se faz interiorizada no sujeito e a separação algo aparentemente óbvio.

Para leitura do apelo estético do esporte e compressão do seu fascínio seria necessário analisar o esporte pelo esporte, evitando fazer essas análises por elementos não-esportivos. A interpretação do esporte como esporte não centra o olhar no fenômeno como função ou expressão de alguma outra coisa. A análise do esporte como esporte nessa perspectiva estética, estaria centrada nos corpos e na intensidade de presença e intensidade da concentração daqueles que assistem e praticam.

O esporte, que na cultura grega antiga assumiu um papel de fenômeno bastante consagrado, teve consideráveis transformações no decorrer da história da cultura ocidental, passando a ser cada vez mais difícil tecer elogios ao esporte sem uma série de ressalvas e críticas, por aqueles ditos especialistas em temáticas esportivas, seja nos meios acadêmicos ou na comunicação especializada através da crônica esportiva. Vários membros da chamada “alta cultura” chegam a interpretar o esporte como um sintoma de tendências altamente indesejáveis da sociedade (GUMBRECHT, 2007).

Em um primeiro momento, Gumbrecht procura pensar os esportes como uma rede de práticas relacionadas, buscando estabelecer características comuns às práticas esportivas através de uma semelhança de famílias, dividindo os esportes em grupos que compartilhassem características comuns, para então comparar um grupo com o outro, extraíndo semelhanças e diferenças:

A luta livre e o rúgbi certamente têm algumas afinidades entre si, e o rúgbi e o futebol desenvolveram-se a partir do mesmo grupo de jogos. Mas a luta livre e o futebol não compartilham muitas características a olho nu, e a convergência entre o adestramento de cavalos e o futebol é ainda mais difícil de enxergar. Mesmo assim, todos se encaixam na rubrica de esportes (GUMBRECHT, 2007, p. 49)

A partir dessa análise o autor identifica a dificuldade de se chegar em uma definição super abrangente de esportes, buscando possibilidades de definição que simplesmente permitissem ver como todos eles estão inter-relacionados. Nessa mesma orientação de análise ele percebe a necessidade de uma definição viável para o esporte que fizesse jus ao seu apelo estético. Um conjunto de definições são

apresentadas, no intuito de se chegar a uma compreensão estética do fenômeno esportivo, sendo elas, *performance e presença, agon e arete* (GUMBRECHT, 2007).

O entendimento de performance passaria pelo investimento corporal, por um caráter de evento que visa distinguir a performance de qualquer coisa que possa surgir a partir da escrita, e o uso de objetos materiais (GUMBRECHT, 2007). A noção de presença abarca o espaço e o tempo, na qual temos percepções sensoriais imediatas, estando ao alcance para sentir e tocar. A presença enfatizaria mais o espaço do que o tempo, mas não necessariamente exclui o tempo, sempre associando o tempo a um lugar específico e, para melhor entender o sentido de presença, é preciso contrastá-la com o sentido de significado, no qual as pessoas sentem-se parte do mundo físico e contíguas aos objetos que o compõem (GUMBRECHT, 2007).

Para exemplificar, Gumbrecht (2007), utiliza a ideia de uma partida de futebol, onde não ocorreria ao jogador se perguntar o que significa a bola, ele simplesmente realizaria movimentos suaves, fazendo com que a bola chegasse a um ponto inesperado do campo se valendo da metáfora de “ter a bola grudada nos pés” (GUMBRECHT, 2007). Um outro ponto de exemplificação seria o relato de experiência do nadador Pablo Morales, detentor de três ouros olímpicos na natação, conquistados nas edições de 1984 e 1992, após ser perguntado sobre as causas que o motivaram a voltar às competições, depois de se aposentar e não participar das Olimpíadas de 1988.

Em 1988 não consegui fazer parte da equipe olímpica, mesmo tendo estado presente nas olimpíadas anteriores e subsequente. Foi um ano tão decepcionante que me levou à aposentadoria. Assistindo aos jogos na televisão, não senti nenhuma atração especial - até que aconteceu uma coisa engraçada. Quando começou a cobertura da prova dos cem metros borboleta, que era minha especialidade, e na qual eu teria uma chance de ganhar a medalha de ouro, tive de sair da sala. Simplesmente não consegui assistir à prova. Minha ligação com aquele evento era tão completa que foi impossível assistir a ele.

O significado dessa experiência ficou mais claro para mim quando assisti ao revezamento feminino dos quatro por cem metros rasos. Jamais esqueci ter visto a grande velocista Evelyn Ashford sair de trás, no último trecho, e arrancar para ganhar a medalha de ouro para os Estados Unidos. A corrida foi mostrada até o fim, e depois houve um replay, mas dessa vez com a câmera focalizada no rosto de Ashford, antes, durante e depois de sua participação. Primeiro seus olhos percorreram a pista oval, depois se concentraram no bastão, depois na curva à frente. Indiferente à multidão, indiferente até às outras competidoras, vi-a perdida na **intensidade da concentração**. O efeito imediato. De novo tive de sair da sala. Entrei na cozinha e comecei a soluçar, sem saber por quê. Não tinha tido nenhum desabafo emocional desde que não conseguira me classificar para equipe

olímpica. Mas quando pensei em minha relação nas horas seguintes, percebi o que tinha perdido, aquela sensação especial de se perder na **intensidade da concentração**. Quando anos depois estava de volta às olimpíadas (GUMBRECHT, 2007, p. 44, grifo nosso).

Quando Pablo Morales descreveu a velocista Evelyn Ashford, ele indicou que, no momento de pegar o bastão, a concentração dela estava totalmente centrada no corpo e em suas percepções, não nas funções analíticas ou verbais “mais elevadas” que normalmente chamamos de pensamento (GUMBRECHT, 2007). Essa *intensidade da concentração* seria preponderante nos processos sensitivos de espectadores e atletas na relação com as práticas esportivas em suas múltiplas dimensões de manifestação.

Ao pensar os objetos do mundo físico, recorrentemente surgem dualidades entre corpo e mente, aqueles que pensam em si apenas como mente na relação com os objetos físicos tendem a estabelecer um distanciamento, inferindo diferentes significados para o objeto. Ao considerar a noção de *presença* no esporte, os sujeitos já não mais enxergam os objetos em posição distanciada, eles passam a fazer parte do mundo físico, e contíguos aos objetos que o compõem.

As outras duas definições complementares que integrariam a noção estética do esporte seriam *Agon* e *Arete*. O conceito de *Agon* poderia ser simplesmente traduzido como competição. Entre outras coisas, a associação de competições com a domesticação de confrontos e tensões potencialmente violentos dentro dos parâmetros institucionais de regras estáveis, enquanto *Arete*, por outro lado, significa buscar a excelência com a consequência de levar algum tipo de performance a seus limites individuais ou coletivos (GUMBRECHT, 2007).

Em uma reflexão sobre as competições o autor realiza uma interpretação que, segundo ele próprio, pode contrariar muitas leituras acadêmicas relacionadas ao esporte, “[...] as competições atléticas não expressam nada, portanto não oferecem nada a ser lido, elas nos fascinam como “corpos que pensam” (GUMBRECHT, 2007, p.55, ênfase do autor). Para Gumbrecht, é necessário que exista um equilíbrio entre competição e excelência, entre *Agon* e *Arete*, e centrar o elogio de uma beleza atlética mais na competição do que na excelência poderia confirmar uma ideia que relegou ao esporte uma má reputação entre os intelectuais.

O espectador munido com várias dessas expectativas ao acompanhar os esportes de alto rendimento, direciona as suas atenções para aquelas modalidades

e categorias que testam os limites do desempenho humano, seja em força, potência, agilidade, organização e inteligência tática individual e coletiva. A busca constante por essa excelência, ou *Arete*, cria padrões de referência que por vezes, acabam se transformando em algo problemático para as divisões e categorias inferiores que não demonstram o mesmo rendimento, e assim não despertam o mesmo apelo estético. Isso também fica evidenciado para algumas modalidades e categorias em esportes femininos.

Esse contexto estabelece um paradoxo em que as comparações surgem como algo praticamente inevitável, como por exemplo, dizer que o futebol masculino é mais bonito ou atrativo que o futebol feminino, ainda que em alguns esportes as categorias femininas possam apresentar padrões táticos muito mais elaborados e sofisticados que na masculina, e essa busca pela excelência com um referencial de um esporte padronizado a ser seguido e contemplado pode levar a um caminho quase sem volta. Também é verdade que em alguns esportes essas comparações não são algo marcante, como por exemplo, o voleibol em que tanto a categoria masculina como a feminina apresentam particularidades que são atrativas para o grande público, enquanto em outras modalidades a categoria feminina é que estabelece esses padrões de excelência.

O mesmo acontece com as comparações entre as ligas multimilionárias com as ligas periféricas, entre as categorias adultas e as categorias de formação e iniciação, chamando a atenção para aquilo que poderíamos destacar como “categorias de base”, que quando pautada nessa mesma noção de *Arete*, conduz quase que automaticamente a um modelo piramidal. Assim, o apelo estético para aquele que acompanha e pratica o esporte nas categorias de formação não está no esporte de formação em si mesmo, igualmente as comparações anteriores, em última análise o que se procura alcançar não são as particularidades e elementos próprios que o esporte praticado naquela categoria pode proporcionar como apelo estético, mas como este pode servir a um modelo de esporte padronizado de alto rendimento. Com isso, o esporte praticado nas categorias inferiores fica a serviço do alto rendimento que poderá proporcionar ao espectador e praticante o ápice de um apelo estético na experiência com o fenômeno esportivo, e seguir por esse caminho pode tornar o esporte de formação refém de uma busca incansável por padrões de excelência estética, mesmo sendo praticamente impossível alcançá-los já nessas categorias.

Todas essas argumentações nos colocam em uma zona de conflito entre *Agon* e *Arete*: “[...] chegamos, aqui, ao limite de *Arete* como fascínio central do esporte, e somos obrigados a ceder à atração de *Agon*” (GUMBRECHT, 2007, p. 58). Essas duas noções caminham juntas em muitos eventos esportivos, principalmente naqueles de maior repercussão, “[...] *Agon* e *Arete* convergem no impulso de ir além, de ir aonde nenhum outro corpo foi antes. Um impulso tão agressivo como se não poupasse os sentimentos do potencial perdedor, seja física ou emocionalmente” (GUMBRECHT, 2007, p.58).

As contribuições de Gumbrecht para pensarmos o esporte a partir de uma concepção estética são fundamentais, mas devemos ponderar que seu esforço está pautado na perspectiva do esporte de alto rendimento, e se considerarmos todos esses princípios para um entendimento universalizado de todas as manifestações esportivas, poderíamos cair em reducionismos, principalmente ao analisarmos o esporte em seu processo de formação, e na sua manifestação em competições de iniciação esportiva como os Jogos Escolares do Paraná.

Para Bourdieu “[...] há uma infinidade de coisas que compreendemos somente com nosso corpo, aquém da consciência, sem ter palavras para exprimi-lo” (BOURDIEU, 1983, p. 219). Como poderíamos compreender o ideal de Performance dentro dos processos de formação em competições esportivas? Como as exigências pautadas na noção de alta performance de treinadores, pais, árbitros e dos próprios alunos podem influenciar nos modos de comportamento, e nas alterações nos modos de agir dos atletas iniciantes nas competições escolares?

A percepção sensível de uma estética do esporte de iniciação, poderia ser considerada a partir da máxima utilização das potencialidades e capacidades de um atleta iniciante? Ou seja, quando a criança ou o adolescente empregassem na execução dos movimentos de um determinado esporte toda sua capacidade, isso poderia ter tanto apelo estético como os movimentos realizados por um atleta olímpico?

Não existindo um único padrão de referência, mas sim padrões que compreenderiam diferentes formas de praticar uma modalidade esportiva dentro de suas particularidades humanas. Isso faz mais sentido quando adotamos para análise as abordagens da Pedagogia do Esporte, que chegam ao consenso da necessidade de ressignificação das formas de compreensão do esporte de formação, não ficando refém apenas dos ideais do esporte de alta performance.

Portanto, refletir a respeito das diversas maneiras de organizar e regar a prática do esporte em eventos competitivos se faz de fundamental importância. As regras de um esporte é algo *sine qua non* para sua expressão estética, fazendo sentido apenas nas competições, também é através delas que é possível comparar o desempenho e condições físicas de atletas dentro das particularidades de cada modalidade, guiando e restringindo suas atuações (GUMBRECHT, 2007).

Ao tornar possíveis o *agon* e *arete*, as regras dos esportes confirmam e consolidam a insularidade que separa o esporte do mundo do cotidiano. Cada conjunto de regras só faz sentido dentro da competição. Fora de um evento de atletismo, não faz sentido lançar pesadas esferas de ferro num espaço aberto – nem mesmo em tempos de guerra. (GUMBRECHT, 2007, p. 61).

São as regras que vão determinar, explícita e implicitamente, os modos de agir dos competidores dentro dos eventos esportivos, quais técnicas e movimentos devem empregar para alcançar seus objetivos, e no transcorrer desse conjunto de fatores é que o espectador irá julgar aquilo que considera bonito ou não (GUMBRECHT, 2007). Segundo o autor, tanto para o atleta como para o espectador, a inutilidade das regras de uma modalidade esportiva no cotidiano do mundo real se estabelece como uma precondição para eles se perderem na *intensidade da concentração*.

Criar maneiras para maximizar a participação e integração do jovem em competições esportivas, poderia se constituir como uma das formas mais potentes de vivenciar uma experiência estética na sociedade contemporânea, não só como espectador, mas também como praticante.

3.3 O ESPETÁCULO E SUAS INFLUÊNCIAS NO REDIMENSIONAMENTO DO ESPORTE EDUCACIONAL

Em diferentes áreas, encontramos na dimensão do espetáculo uma radical transformação nas relações e nos modos de convivência na sociedade. Da revolução da imprensa iniciada com Gutenberg até as primeiras décadas do século XX ocorreram avanços significativos na difusão e disseminação da informação pelo mundo (BRIGGS; BURKE, 2016), mas foi com a sociedade do espetáculo que as relações sociais e interpessoais passaram a ser mediadas por imagens (DEBORD, 1997).

Essa mediação contribui para a globalização e revoluções culturais. Marcel Mauss (2018), ao estudar as técnicas do corpo, constatou que na década de 1930 a maneira de andar das jovens francesas apresentava características semelhantes à caminhada das atrizes, dado o rápido crescimento e difusão do cinema pelo mundo. Isso representa um movimento mais amplo de uniformização de comportamentos e globalização de modelos ocidentais (ROSA, 2019), e a mediação de imagens é absorvida pela economia capitalista que instrumentalizada de uma lógica mercantil vai catapultar a promoção de marcas e produtos para o consumo.

A espetacularização encontra nos esportes um ambiente fértil para se materializar. Até as décadas de 1920 e 1930, o campo cultural ocidental era americano ou provinciano, embora alguns tivessem substancial influência regional como o samba no Brasil, o tango na Argentina ou a música egípcia dentro do mundo islâmico, mas nenhum chegou a ter proporções globais como algumas manifestações estadunidenses, graças a hegemonia econômica desse país naquele período. Com exceção do futebol, os esportes também se limitavam as suas fronteiras geográficas, casos do críquete britânico e do beisebol americano que eram restritos aos próprios países de origem e aqueles países sob influência colonial ou militar (HOBSBAWM, 1995).

Do mesmo modo que o críquete só é jogado como esporte de massa onde a bandeira britânica drapejou um dia, também o beisebol causou pouco impacto, a não ser onde os marines americanos desembarcaram um dia. O esporte que o mundo tornou seu foi o futebol de clubes, filho da presença global britânica, que introduziu times com nomes de empresas britânicas ou compostos de expatriados britânicos do gelo polar ao Equador. Esse jogo simples e elegante, não perturbado por regras e/ou equipamentos complexos, e que podia ser praticado em qualquer espaço aberto mais ou menos plano do tamanho exigido, abriu caminho no mundo inteiramente por seus próprios méritos, e, com o estabelecimento da Copa do Mundo em 1930, tornou-se genuinamente universal. (HOBSBAWM, 1995, p. 158).

Com exceção do cinema, o impacto dos meios de comunicação de massa era modesto até a primeira metade do século XX (HOBSBAWM, 1995). Nos esportes, embora globais, com muitas modalidades presentes em várias nações com adeptos engajados, seus praticantes ainda não tinham sido absorvidos pela economia capitalista, mesmo com o rádio atuando em transmissões esportivas. Somente anos depois, com a mediação de imagens através da televisão, que uma nova ordem para o esporte mundial seria empregada (PRONI, 1998).

A reorganização política e econômica Pós-Guerra Fria lança novas formas de gerenciamento do esporte em favor do Estado e comércio (MARQUES, 2007) e, a partir da década de 1960, com a popularização das transmissões televisivas, o esporte se transforma num espetáculo moderado, consumido por telespectadores como um entretenimento excitante dentro de uma indústria do lazer (BETTI, 1997).

Sem dúvida, a mercantilização e a espetacularização do esporte – processos que foram iniciados ainda na sociedade burguesa – foram elevados à máxima potência na sociedade de massa. A ação da mídia especializada e as oportunidades criadas por um mercado publicitário em expansão certamente contribuíram para revolucionar o universo do esporte contemporâneo, particularmente em virtude da relação que se estabeleceu entre o esporte-espetáculo, a televisão e o marketing esportivo. (PRONI, 1998, p. 75).

Alguns esportes se mostraram mais aptos a espetacularização, dado a preferência popular, a existência de jogos anteriores semelhantes, os usos sociais do corpo, a influência do nacionalismo e a introdução do profissionalismo (PRONI, 1998), criando um espaço de separação entre torcedores e atletas e gerando o imaginário do ídolo esportivo. Esse processo acaba sendo uma “via de mão dupla”, pautado na oferta e demanda, com os esportes mais flexíveis a reestruturações ganhando maior espaço nas transmissões e oferecendo melhores condições mercadológicas para o marketing esportivo (MARCHI JÚNIOR, 2001), tendo modalidades que alteraram consideravelmente suas regras para adequar-se aos modelos de comercialização exigidos por patrocinadores.

O ápice do espetáculo esportivo é alcançado na organização e transmissão de eventos de grande mobilização global, dos quais os Jogos Olímpicos é o megaevento que melhor exemplifica esse estágio. Para compreender os processos de transmutação simbólica de grandes megaeventos esportivos:

seria preciso primeiro analisar a construção social do espetáculo olímpico, das próprias competições, mas também de todas as manifestações que elas são cercadas, como os desfiles de abertura e de encerramento. Seria preciso, em seguida, analisar a produção da imagem televisiva desse espetáculo, que, enquanto suporte de *sport* publicitário, torna-se um produto comercial que obedece à lógica do mercado. (BOURDIEU, 1997, p. 77).

Na organização de eventos como os Jogos Escolares a materialização e reprodução de vários desses ritos acontece, rememorando no imaginário dos agentes envolvidos as características dos megaeventos esportivos. Fatores que

tendem a se manifestar em megaeventos e que exercem influência sobre o seu público como sentimentos nacionais ou nacionalistas, produtos de grandes multinacionais patrocinadoras dos eventos, interesses publicitários das corporações televisivas e demonstração de força política e econômica dos países, estados/províncias, cidades e instituições escolares também podem estar presentes com maior ou menor grau de interesse.

Enquanto a concepção aristocrática do início do esporte moderno enxergava em sua prática uma atividade recreativa e de distinção social (HOBBSAWM, 1995), a concepção clássica burguesa atribuía características educativas dentro de uma competição regrada. Já com o advento da espetacularização, o profissionalismo passa a ser almejado por técnicos, atletas e público, aumentando o distanciamento do amadorismo e massificando modalidades como um produto a ser oferecido e disputado com outros produtos em ambiente mercantil (PRONI, 1998; MARCHI JÚNIOR, 2001; COAKLEY, 2007).

Proni (1998) destaca que a massificação de algumas modalidades por meio do espetáculo acaba retirando o caráter elitista em que foram fundadas, enquanto outros esportes amadores que não necessariamente foram fundados com características elitistas, se massificaram quando foram espetacularizados após a inserção no programa dos Jogos Olímpicos

A espetacularização esportiva poderia nos direcionar a pensar em uma dinâmica causal, relacionando a maior espetacularização a uma maior procura pela prática do esporte, contudo, deveríamos fazer a ressalva que muitas das mídias utilizadas como ferramentas para espetacularização acabam fazendo do telespectador um consumidor passivo, no sentido da busca por uma prática esportiva posterior como o simples resultado daquilo que assiste.

A consolidação desse processo de mercantilização conduz a estratégias de espetacularização do esporte. Um raciocínio simplista poderia resumir dizendo que, para vender ou mercantilizar um produto, o melhor caminho é expô-lo ao consumidor de forma espetacular. Contudo, os procedimentos e os objetivos da espetacularização de uma prática esportiva são distintos do processo de popularização dessa mesma prática. Espetacularizando um produto, as ações são direcionadas para um potencial público consumidor, ao passo que popularizando, invariavelmente, o sentido seria massificação da prática. (MARCHI JÚNIOR, 2001, p. 182).

Esse consumo passivo dos espectadores é algo progressivo e gradual à medida que o raio de ação simbólica da indústria dos especialistas e dos

profissionais esportivos é fortalecido (SOUZA, MARCHI JUNIOR, 2015); esse processo é nomeado por Bourdieu (2004) como a “desposseção dos leigos”, levando a socialização do esporte, mas sem praticá-lo.

Em suma, o esporte, que nasceu dos jogos realmente populares, isto é, produzidos pelo povo, retorna ao povo, como a folk music, sob a forma de espetáculos produzidos para o povo. O esporte-espetáculo apareceria mais claramente como uma mercadoria de massa e a organização de espetáculos esportivos como um ramo entre outros do show business, se o valor objetivamente reconhecido à prática de esportes (principalmente depois que as competições esportivas se tornaram uma das medidas da força relativa das nações, ou seja, uma disputa política) não contribuísse para mascarar o divórcio entre a prática e o consumo e, ao mesmo tempo, as funções do simples consumo passivo. (BOURDIEU 1983, p. 144).

É por essa espetacularização que a introdução das relações mercantis começa a ser intensificada, com a comercialização de eventos de massa como entretenimento, favorecendo um comércio de lazer com a venda de uma imensa gama de produtos que acabam refletindo em boa parte do seu público, de diferentes idades, gêneros e classes sociais (PRONI, 1998; MARQUES, GUTIERREZ E ALMEIDA, 2008).

Ao falar do poder da televisão, temos uma relação de interdependência entre os interesses das ligas esportivas e das empresas de comunicação (PRONI, 1998). As últimas têm no jornalismo esportivo o principal espaço para divulgar e legitimar um discurso, sendo um campo que sofre grande pressão do campo econômico, mas também atua e influencia a estrutura de todos os outros campos (BOURDIEU, 1997). Nas intersecções entre os campos, certos comportamentos e opiniões tendem a reverberar no campo educacional esportivo, moldando e dando direcionamentos para os agentes inseridos nos processos de formação.

Para Bourdieu (1996), em todo campo há dominantes e dominados, sendo assim, segundo os valores e princípios internos de cada espaço social, um especialista de um campo só é considerado dominante em sua estrutura se outros especialistas que residem nesse mesmo campo assim o reconhecem. Dado a natureza que se constitui o campo midiático, em alguns casos é viabilizado uma heteronomia que manipula a “bolsa das ações intelectuais” da lógica de valores e

princípios internos do campo¹³ (BOURDIEU, 1997), e essa heteronomia ocorre quando alguém que não é consagrado em um campo consegue ser ouvido, emitindo a sua opinião através da televisão.

Em sua obra, Bourdieu verificou que entre todos os campos, aquele que detém maior autonomia é o campo artístico, enquanto o campo midiático é o mais dependente das demandas externas (SOUZA, MARCHI JUNIOR, 2015). No Jornalismo Esportivo reside um importante dilema sobre o papel que desempenha na sociedade, questionando até que ponto essa área profissional seria pautada na informação e na cobertura crítica dos fatos ou na utilização do esporte como mero instrumento para o entretenimento do esporte espetáculo (SILVA, 2009). Podendo ser, de tal modo, um espaço profícuo para constante heteronomia e elevação do capital simbólico de agentes que não necessariamente são consagrados no campo esportivo, mas que se utilizam desse espaço para promoção tanto no campo supracitado como em outros campos sociais, por meio da conversão de um capital próprio¹⁴.

Matérias orientadas a problemas sociais no esporte são minoria se comparadas a grande concentração de temas relacionados a resultados, expectativas e performance de equipes e atletas nas competições que estão envolvidos (SILVA, 2009). As poucas matérias que se propõem em analisar e discutir criticamente problemas relacionados ao esporte, são quase sempre pautadas em um senso comum da “falação esportiva”, essa superficialidade em um fenômeno sociocultural tão presente acaba conduzindo o trabalho jornalístico no entretenimento de celebridades (ROWE, 2007), na mitificação do atleta como um

¹³ Assim como alguns juízes podem servir-se da televisão e da opinião pública para criar um curto-circuito nas hierarquias internas de seu campo alterando ou influenciando as relações de forças (BOURDIEU, 1997), estratégias similares podem acontecer no campo esportivo por meio de alguns discursos midiáticos para conservação de um *habitus* próprio. Isso acontece quando personagens que figuram no alto rendimento buscam, através da imprensa ou de mídias sociais, legitimar suas atitudes pautadas em uma certa “essência da modalidade” para justificar comportamentos reprovados socialmente em ambientes que não sejam os do campo esportivo. Por exemplo, treinadores que se dirigem de forma agressiva e desrespeitosa para com seus atletas, torcidas organizadas que invadem centros de treinamento para intimidar atletas e demais profissionais por melhores resultados, atletas que agridem um adversário ou tentam ludibriar a arbitragem e os regulamentos estabelecidos para adquirir vantagens.

¹⁴ Não é raro presenciarmos agentes que atuam no campo esportivo se utilizando de meios midiáticos para sua própria promoção, para conseguir alcançar posições de destaque na política ou então profissionais da comunicação que iniciaram no Jornalismo Esportivo e conseguem chegar a cargos de destaque na estrutura de entretenimento das emissoras.

herói (RUBIO, 2001), no enaltecimento do discurso de superação dos atletas e no caráter salvacionista do esporte.

Uma linha editorial crítica e informativa tende a buscar especialistas para embasar suas matérias ou procura se capacitar em áreas auxiliares, aquelas que demandam uma especificidade própria, que a formação em comunicação não comporta, no entanto, essa linha editorial inevitavelmente terá que avaliar os interesses comerciais envolvidos em sua cobertura, pensando nas constantes pressões advindas do campo econômico.

Para sair de um lugar comum, o jornalismo esportivo deveria considerar outras fontes e métodos presentes nas ciências sociais, podendo avançar em análises econômicas, políticas, científicas e sociais relacionadas ao campo esportivo, deixando de ser uma estrutura quase isolada em determinados contextos (ROWE, 2007). Sem essa autocrítica o trabalho jornalístico tende a ficar refém, única e exclusivamente do entretenimento mercantil, repetindo as mesmas informações em diversos programas, com pautas apenas sobre as rotinas de atletas e equipes, com pouca pluralidade de esportes.

Devemos refletir sobre os impactos dessas repercussões no esporte escolar, considerando que atualmente a televisão ainda exerce grande influência na cultura brasileira, mas que novas formas de mídias começaram a surgir no século XXI, revolucionando as maneiras de intermediação da imagem com o telespectador. Ao falar da estagnação do voleibol brasileiro no final dos anos 90, Marchi Junior (2001), questionava quais poderiam ser os reflexos nas relações e interdependências em meio a crescente profissionalização e espetacularização no campo esportivo.

No decorrer dessas últimas duas décadas, o local que abriga as transformações na difusão da informação através de novas tecnologias, passou a ser conhecido como ciberespaço (MONTEIRO, 2007). Como se trata de algo relativamente recente, ainda não se conhece completamente suas facetas.

O ciberespaço, enfim, é uma grande máquina abstrata, semiótica e social onde se realizam não somente trocas simbólicas, mas transações econômicas, comerciais, novas práticas comunicacionais, relações sociais, afetivas e sobretudo novos agenciamentos cognitivos. Nesse contexto, a Web é seu principal constructo, onde convergem as linguagens e a interoperabilidade necessária para efetuação das trocas simbólicas. Já a Internet é entendida aqui como a base técnica e operacional do ciberespaço. Dito isso, supomos que a compreensão do ciberespaço é mais ampla que a Web e a Internet. (MONTEIRO, 2007, p. 14-15).

Nossa intenção para esse momento não é nos aprofundarmos nos dilemas existentes na práxis do ciberespaço, nem em suas implicações teóricas e filosóficas, mas compreendemos que esse é um fenômeno que não pode ser ignorado quando pretendemos discutir a espetacularização esportiva de nosso tempo. Principalmente quando levamos em conta as particularidades geracionais do recorte de nossa pesquisa, tendo seu olhar voltado para uma geração que nasceu em um período em que muitas tecnologias que compõem o ciberespaço estavam sendo lançadas ou consolidadas.

A partir do ano de 1945, algumas pesquisas começam a considerar um recorte geracional para discutir questões sociais, sendo elas: *Baby Boomer*, X, Y, Z e Alfa. Cada um desses grupos tende a compartilhar costumes, valores, identidades e comportamentos¹⁵ (BORGHA, 2021). Os atletas que hoje disputam os JEPs fazem parte da geração Z, gerações anteriores podem ser consideradas “imigrantes digitais”, ao passo que a geração Z foi a primeira que cresceu alfabetizada digitalmente.

Gerações anteriores em comparação a geração Z, costumavam buscar nos esportes uma sensação de prazer pela prática e maior contato com o meio ambiente através de atividades de aventura, enquanto a geração Z identifica nos esportes, uma importante ferramenta para manutenção da saúde, controle de uma imagem corporal estetizada e melhora do desempenho atlético, podendo se utilizar dos esportes como um meio de terapia emocional-racional (VELUCHAMY et al, 2016).

Com as constantes transformações ao longo das últimas décadas, o espetáculo foi cada vez mais impulsionado por novos espaços que a internet possibilitou que surgissem, se consolidando como parte da economia, da política, da sociedade e da vida cotidiana (CASTRO, 2018). “[...] Dessa forma, conviver com o esporte implica, muitas vezes, em testemunhar ações mercadológicas, o que cria inúmeros personagens ligados a esse universo” (MARQUES, 2007, p. 97):

¹⁵ As diversas gerações convivem em diferentes ambientes: os *Baby Boomers*, nascidos entre a década de 1940 e 1960; a geração X, representada pelas pessoas nascidas em meados da década de 1960, década de 1970 e início da década de 1980; a geração Y, com nascidos nas décadas de 1980 até fim da década de 1990; a quarta geração, chamada de geração Z, formada por pessoas nascidas a partir do fim da década de 1990 até antes de 2010, sendo esta, apontada por muitos estudiosos como a geração mais problemática, em razão de seu nascimento e crescimento serem permeados pelos avanços tecnológicos; e, por fim, ainda pouco estudada, a geração Alfa, os nascidos após 2010 (BORGHA, 2021, p. 9193).

- Atleta-astro: o esportista profissional que, além de atuar como atleta também tem sua imagem vinculada a outras formas de ganho de capital e, por que não, outras carreiras como modelo fotográfico e diplomacia internacional;
- Atleta-produto: o esportista profissional que é negociado entre clubes ou organizações financeiras como uma peça que gera lucros;
- Esportista-consumidor: o sujeito que paga tanto para ter acesso à prática esportiva quanto para acompanhar exposições profissionais e produtos vinculados ao esporte-espetáculo;
- Esportista-praticante: o amador que pratica esporte efetivamente como forma de atividade física sistematizada, sem compromisso formal e econômico de alta performance;
- Esportista-sedentário: o sujeito que se sente atraído pelo esporte, o consome de inúmeras formas, vive seus momentos de lazer em função de manifestações esportivas e de seus produtos, mas não pratica nenhuma modalidade esportiva (MARQUES, 2007, p. 97 - 98).

Nessa definição não fica claro onde o atleta escolar estaria localizado. Dado as características apresentadas, aquela que parece mais se aproximar é a do esportista-praticante, ainda que o atleta escolar possa ou não vislumbrar a chegada na alta performance, tendo compromisso formal e econômico com essa manifestação esportiva. Com isso, poderíamos pensar em uma nova categoria, a do esportista-escolar ou do esportista-formação.

A potencialização do espetáculo foi peça chave para globalização do esporte, uniformizando maneiras de jogar, diluindo ou até eliminando particularidades de algumas culturas. A esse respeito, Betti (1998) cita a Copa do Mundo de Futebol de 1994, em que as equipes passaram a adotar formas semelhantes de jogar, procurando por uma ascensão técnica e tática e rompendo com barreiras geográficas¹⁶.

Os nativos digitais das novas gerações, de maneira cada vez mais precoce passaram a ter contato com o esporte espetáculo por meio das diferentes mídias disponíveis. Por outro lado, as ciências dedicadas em estudar o esporte, tem

¹⁶ Isso fica evidente quando consideramos os processos históricos dos Jogos Escolares de décadas anteriores até o presente e vamos abordar isso com mais detalhes nos subcapítulos 4.2 e 4.3. É provável que, para um menino que participava no início da década de 1950 dos Jogos Colegiais, o ídolo ou referencial de atleta fosse um personagem local que participava das competições no interior dos clubes que existiam naquele momento ou nos campos em que eram disputadas as partidas de futebol ainda amadoras.

Para aqueles que porventura tivessem acesso aos jornais ou rádio, poderiam ter conhecimento dos feitos de atletas de praças esportivas de outros Estados, mais tarde a televisão elevaria a outro status essa difusão, se iniciando na década de 1970 e maximizado nas décadas de 1980 e principalmente 1990, período em que, salvo algumas exceções, certamente a influência do ídolo local já começaria a perder força para as referências de atletas a nível nacional e internacional.

avançado cada vez mais para um entendimento da importância de uma educação para o esporte, procurando possibilitar a prática de forma prazerosa já na iniciação, superando visões anteriores que priorizavam a especialização e a busca de talentos como principal objetivo (MARQUES, GUTIERREZ e ALMEIDA, 2008). Ainda assim, a espetacularização desempenha grande força nesse contexto, estabelecendo uma lógica de reprodução que dificilmente será superada sem a constante reflexão.

Manter os modelos de organização e desenvolvimento do esporte espetáculo no esporte educacional é compactuar com essa lógica imposta, enquanto pensar em adaptações procurando melhor atender as necessidades dos processos formativos, caminha na direção de assumir o protagonismo nessa configuração. Isso não significa tentar excluir todos os elementos presentes no esporte espetáculo, até porque seria algo quase impossível em nosso tempo. Todavia, a identificação de elementos do esporte espetáculo que podem ser posteriormente utilizados no reforço de uma ética positiva do esporte, parece ser uma alternativa para programas de formação baseados em valores e atitudes morais que contribuam para formação integral do indivíduo.

4 OS JOGOS ESCOLARES DO PARANÁ COMO UMA ESTRUTURA RELATIVAMENTE AUTÔNOMA

Neste capítulo partimos por uma linha de análise das estruturas que compõem as instâncias educacionais e esportivas no Paraná e o papel dos Jogos Escolares nesse contexto. Realizamos uma reconstituição histórica do surgimento das competições escolares, dando destaque para o seu desenvolvimento no Estado do Paraná, até o estágio que encontramos atualmente.

O principal documento utilizado para analisar a estrutura esportiva recente do Estado será a Política de Esportes do Paraná de 2018, sendo que apresentamos aqueles que entendemos serem os principais pontos da Política de Esportes e que, de alguma maneira, tem relação com o tema desta dissertação. Também realizamos uma revisão de estudos nacionais e internacionais que se pautaram em discutir temas relacionados a competições escolares, formação esportiva e sistemas esportivos, proporcionando subsídios que permitam refletir com mais clareza o cenário local.

4.1 PERSPECTIVAS NACIONAIS E INTERNACIONAIS DA FORMAÇÃO ESPORTIVA NO CONTEXTO DAS COMPETIÇÕES ESCOLARES

É possível perceber algumas linhas que conduzem a discussão sobre competições em contextos educacionais, perpassando pelo cenário em que elas acontecem. Intensos debates acadêmicos procuraram reforçar um papel positivo ou negativo do emprego das competições para os jovens em formação, a significativa influência da cultura dos agentes envolvidos nos processos, a importância de uma participação compartilhada entre indivíduos e instituições para se atingir objetivos de longo prazo, e por fim, reflexões sobre estruturas e modelos que podem contribuir para uma participação satisfatória e inclusiva ao mesmo tempo que também favorece a detecção e desenvolvimento de talentos esportivos.

Ao pensar o sistema do esporte escolar é necessário considerá-lo em uma estrutura com relações em maior ou menor grau com a estrutura clubística, pois é imprescindível que essas instituições entendam as necessidades dos atletas em iniciação e procurem orientar suas metas e objetivos de forma coordenada, para não correr o risco de sobrepor suas ações ou mesmo deixar de contemplar algumas necessidades fundamentais para o bom funcionamento de um sistema coeso.

[...] Um dos grandes desafios que o desporto de crianças e jovens enfrenta é talvez, a implantação e coordenação de uma abordagem cooperativa entre as escolas e os clubes com o propósito de oferecer um envolvimento educativo a todas as crianças que lhes permita um desenvolvimento à sua própria velocidade e de acordo com os seus próprios interesses. (ISABEL MESQUITA, 2004, p. 146).

Juntamente com a escola e o clube, entendemos que na realidade brasileira e principalmente paranaense é fundamental considerar as prefeituras¹⁷ e a atuação de seus órgãos responsáveis por organizar o esporte a nível local. Como efeito de comparação, em alguns países da Europa como Bélgica e Inglaterra uma grande transformação aconteceu na década de 1990, aonde as organizações esportivas federadas, comunitárias e extracurriculares nas escolas, começaram a pensar e implantar estratégias de cooperação formal entre diferentes instituições promotoras de atividades esportivas (MESQUITA, 2004).

Ao analisar a efetividade de programas que favorecem o desenvolvimento de talentos, o local de nascimento assume uma elevada importância. Estudos em diferentes países verificaram que atletas nascidos em cidades menores tiveram uma maior incidência de chegar ao alto rendimento. Côté et al (2006) constataram que crianças que vivem em cidades menores têm mais oportunidades para o desenvolvimento da *expertise* esportiva, uma vez que esses locais forneceria espaços mais propícios para experimentação de diferentes atividades esportivas entre crianças e adultos, com maiores oportunidades de experimentar o sucesso precoce no esporte tendo o reconhecimento da comunidade através de relações mais próximas e intimistas. Fatores que foram verificados nos Estados Unidos e no Canadá nas modalidades de beisebol, basquete, hóquei no gelo e golfe.

A relação populacional de incidência dos locais de nascimento ou crescimento durante a infância de atletas que chegaram ao alto rendimento, também foi verificada na realidade de Portugal com atletas de elite do Voleibol (HANCOCK et al, 2018). Os pesquisadores observaram que atletas homens e mulheres de distritos

¹⁷ No sistema esportivo paranaense a participação das prefeituras com as seleções municipais em jogos oficiais do Estado ocupa grande parte da agenda esportiva, todavia, a atuação e coordenação de ações dos municípios junto às escolas durante todo o ano nem sempre acontece. As ações geralmente ficam voltadas para a organização dos Jogos Escolares nas fases municipais, tendo a duração de apenas alguns dias dentro do calendário anual. A própria organização do sistema educacional de ensino pode acabar favorecendo essa desvinculação de ações conjuntas, já que a partir do ensino fundamental II (6º ao 9º ano) a competência de gestão das escolas passa a ser quase uma exclusividade do Estado na maioria das cidades paranaenses.

menores tinham 2,4 vezes mais chances de chegar à elite da modalidade, no entanto, os distritos com uma densidade populacional menor acabaram exercendo maior influência para esses resultados¹⁸, ou seja, além das populações serem menores, as cidades pequenas com a maior concentração de pessoas apresentaram vantagens mais expressivas no processo do desenvolvimento esportivo.

Ao analisar estudos como esses devemos ter o cuidado de não fazer generalizações para contextos que apresentam características culturais muito diferentes. Além de considerar as características do local de nascimento e índices populacionais, a competição como elemento da formação esportiva assume uma função relevante, despertando intensos debates a esse respeito.

No âmbito escolar as discussões sobre as competições estiveram polarizadas em vertentes opostas, dificultando qualquer alternativa de diálogo (REVERDITO et al, 2008), que minimamente propusessem um contraponto. Esse não foi um embate restrito só ao contexto nacional, e internacionalmente essa discussão é amplamente colocada em debate: de um lado existe o argumento que ainda na formação a lógica esportiva deveria ser adotada, no outro lado se notabilizam as críticas às experiências negativas que essa lógica produz (AGGERHOLM, STANDAL, HORDVIK, 2018).

Partimos por uma análise similar à adotada por Reverdito et al (2008), que não ignora os aspectos negativos que tendem a emergir quando os modelos de competições de jovens atletas reproduzem de forma pouco racional as lógicas do esporte espetacularizado, mas que também se afasta de interpretações pressupostas na lógica de que a competição tenderia a reforçar uma ideologia capitalista alienada de qualquer intencionalidade educativa, servindo apenas para reforçar a ideia da vitória a qualquer custo.

Um ponto de equilíbrio compreenderia a competição e o esporte de formação como partes integradas, mas sem dar demasiada ênfase na obrigatoriedade de

¹⁸ Hancock et al (2018), baseado em MacDonald et al (2009) e no Conselho Nacional de Pesquisa e Instituto de Medicina (2002), identificou oito características contextuais das comunidades que propiciam um bom ambiente para o desenvolvimento de jovens talentos nos esportes: (1) segurança física/psicológica; (2) estrutura adequada; (3) relações de apoio; (4) oportunidades de pertencer; (5) normas sociais positivas; (6) suporte de eficácia; (7) oportunidades para a construção de habilidades; e (8) integração de família, escola e comunidade.

vencer como principal objetivo, porquanto que o direcionamento do vencer a qualquer custo descaracterizaria a função formativa de todo processo (MESQUITA, 2004). O prazer pelo jogo e o prazer em fazer parte do jogo devem ser os objetivos centrais nessa fase, fazendo da competição um fator motivador para a criança querer praticar uma modalidade e compartilhar desafios com semelhantes que também dividem as mesmas sensações de angústia, tensão, emoção, alegria, êxtase em momentos vitória ou sensações advindas da derrota.

Na competição o indivíduo pode reconhecer em si e no outro a plenitude de uma condição humana primitiva, portanto, elas não se encerram em práticas esportivas (REVERDITO et al, 2008), mas através dessas práticas é possível intermediar comportamentos em uma direção humanizadora, em um ambiente controlado. Por isso, na percepção de jovens atletas o esporte competitivo é motivador por apresentar condições desafiadoras, vivenciando um aprendizado e desenvolvimento ao passo que estabelecem envolvimento com pessoas que também compartilham dos mesmos desafios (JAKOBSSON, 2014).

O estabelecimento de ações práticas desses ideais exige constante reflexão sobre a maneira que o modelo competitivo é empregado em um sistema educacional esportivo. A formulação desses programas e sistema deve contar com a ampla participação direta e indireta de gestores, professores, pais e alunos, para melhor atender as demandas de um calendário de atividades a ser elaborado, recursos necessários e espaços a serem destinados (REVERDITO et al, 2008).

Ainda que um sistema esportivo educacional seja elaborado buscando contemplar uma grande diversidade de práticas para diferentes públicos de alunos, a implantação de uma política nacional e Estadual sofre grande impacto da atuação dos professores a nível local. Na realidade irlandesa, se observou que mesmo com programas elaborados para beneficiar modelos esportivos mais participativos, a efetivação prática não aconteceu de forma satisfatória a níveis locais, dado que muitos professores ainda preservavam um forte compromisso com modelos de competição que beneficiavam os alunos mais capazes em desempenho atlético (BOWLES, O'SULLIVAN, 2012).

Outro fator relevante é a relação de influência que a família exerce para a criança e adolescente se motivarem na continuidade do esporte. De maneira geral, à medida que os jovens ficam mais velhos eles diminuem a sua participação nos esportes, mesmo assim, aqueles que fazem parte de uma cultura esportiva familiar

tendem a refletir uma socialização prolongada em suas práticas (STRANDBU, BAKKEN, STEFANSEN, 2020). Estabelecer estratégias que integrem a família no acompanhamento, na compreensão e na prática dos esportes parece ser um caminho para a melhor efetivação de sistemas esportivos educacionais.

O sistema das competições escolares pautado em modelos tradicionais acaba refletindo uma lógica de reforço da continuidade da prática esportiva para os vencedores, eliminando já nas primeiras fases aqueles que não obtém sucesso nas fases iniciais, impedindo uma continuidade no processo competitivo (BAHIA et al, 2020). Esse problema evidencia a necessidade de estratégias que possam preencher uma lacuna em um sistema esportivo que estimule uma participação ativa e constante de jovens atletas.

Mesmo aqueles atletas e equipes eliminadas em uma competição escolar, poderiam se beneficiar se continuassem jogando em divisões que fossem criadas durante o evento com o intuito de nivelar as disputas. Agrupamentos de acordo com os níveis de habilidade das equipes e atletas tem implicações diretas no comportamento dentro do jogo, impactando positivamente as chances de sucesso nas competições (HASTIE, WARD, BROCK, 2017), tanto para aqueles menos habilidosos como para os mais habilidosos que naturalmente continuariam competindo.

Ao pesquisar os modelos competitivos do esporte escolar nos Estados Unidos da América e na Holanda, Pot e Van Hilvoorde (2013) verificaram que nos Estados Unidos a promoção de competições escolares acontece semanalmente, enquanto na Holanda a agenda de competições escolares ocupa uma média de cinco dias durante todo o ano na maioria das regiões do país. Isso se deve ao contexto cultural dos dois países, visto que nos Estados Unidos a cultura da formação esportiva na escola é muito forte, enquanto na Holanda existe a predominância dos clubes na formação, algo similar ao Brasil.

Mesmo com uma forte cultura clubística no Brasil, a maioria da população não tem a garantia de acesso ao esporte por essa estrutura, dado os códigos econômicos e sociais estabelecidos para entrada em clubes. Nessa realidade a escola ganha o status como o ambiente mais democrático para acontecer um primeiro contato com o esporte organizado e competitivo. Por isso, a necessidade de ampliar investimentos em programas de competições locais (BAHIA et al, 2020), permitindo que uma quantidade expressiva de atletas, que não ascenderam as

etapas estaduais e nacionais, consiga se beneficiar da prática esportiva durante vários períodos do ano.

A efetivação de uma agenda com festivais e competições escolares em nível local durante todo o ano é um elemento motivador para os professores, comunidade e principalmente para os alunos, e quando esses eventos assumem um caráter educativo como principal objetivo, os atletas são mobilizados a se prepararem constantemente com suas equipes para jogar contra outras escolas (KINCHIN, MACPHAIL, NI CHROININ, 2009).

Ao pensar em um sistema esportivo brasileiro e paranaense que procura contemplar as necessidades do sistema educacional é importante considerar um calendário de competições durante todo o ano, privilegiando a periodização dos eventos locais (BAHIA et al, 2020). Isto pode ser feito estabelecendo formatos alternativos com regras flexíveis e jogos modificados, adaptando as modalidades esportivas para melhor evolução de atletas que estão em diferentes níveis de desenvolvimento, minimizando a eliminação precoce (MESQUITA, 2004).

Crítérios como competitividade, intensidade, prestígio, status social do esporte em uma dada região e o uso de critérios de elegibilidade (desempenho acadêmico dos atletas), devem fazer parte das avaliações dos organizadores desses eventos (POT, VAN HILVOORDE, 2013). Para um funcionamento democrático do sistema, diálogos constantes devem ser estimulados entre pais, alunos, professores, árbitros e gestores, assim como diálogos entre órgãos de gestão educacional e esportiva como a secretaria responsável por organizar o esporte e a educação no nível micro e macroestrutural, federações e confederações, escolas, clubes e associações.

4.2 O ESPORTE DESEMBARCA NO PARANÁ: A ESTRUTURA CLUBÍSTICA E AS OLIMPÍADAS COLEGIAIS PRÉ DÉCADA DE 1950

Qual seria a relação entre esporte e escola que possibilitaria o alcance de tantas localidades e contextos diversos do globo terrestre? Na tentativa de esclarecer essa questão, é necessário a realização de uma regressão histórica para se chegar até o momento em que os Jogos Escolares surgem, se constituem e se estruturam.

O surgimento do esporte institucionalizado está intimamente ligado à escola, nesse caso, as escolas da aristocracia inglesa do século XVIII e XIX, que

denominavam como “esportes” as atividades como a caça, o tiro, a pesca, as corridas de cavalos e a esgrima, sendo os jogos e competições físicas (hoje chamados "esporte") classificados como "passatempo". As escolas inglesas desempenharam um importante papel na organização e sistematização desses jogos e competições, dando origem ao esporte moderno (HOBSBAWM, 2015).

Tais transformações nas estruturas sociais levariam a processos que conduziram o fenômeno esportivo a extrapolar suas fronteiras e alcance. Ainda assim, essa íntima relação com a escola permanece até o presente momento e, é verdade que, reconfigurada e transmutada, em parte por um amplo esforço social e intelectual que se empreendeu para entender e definir qual o papel da escola de educação formal frente a aplicação, orientação e ensino dos esportes nesses espaços.

No mesmo período o movimento esportivo ganhava cada vez mais espaço na Europa. Os esportes que inicialmente se alastravam entre a aristocracia inglesa, que identificava em sua prática uma forma de adquirir lucros simbólicos consideráveis, também passava a despertar o interesse de setores populares na Inglaterra, se inserindo em outros países europeus e norte-americanos (HOBSBAWM, 2015). Nos Estados Unidos, os esportes tiveram forte aceitação pelas universidades, enquanto as *Young Men's Christian Association* (YMCA)¹⁹, também contribuíram para o crescimento, a sistematização e a criação de novas práticas esportivas (CORREIA, 2008).

No Brasil, a chegada das YMCA se deu em 1893, auxiliando na disseminação do esporte e da ginástica calistênica no Sudeste e Sul do país no final do século XIX e primeira metade do século XX (CORREIA, 2008). Ainda que na Inglaterra e nos Estados Unidos as escolas e universidades já comesçassem a criar competições entre instituições locais, esses jogos estavam em seu processo embrionário de sistematização e institucionalização.

Enquanto na Europa e na América do Norte o esporte se expandia, aliado a valores de civilidade dentro de uma lógica imposta em parte pela revolução industrial, no Brasil grandes transformações políticas e econômicas entravam em curso, com regulamentações que dificultavam o tráfico de escravos, até que a lei

¹⁹ As *Young Men's Christian Association* (YMCA), surgiram na Inglaterra e tinham objetivos eminentemente evangelizadores, se utilizando de atividades físicas e esportivas como meios de ação para atuar em diferentes partes do globo, onde suas sedes estavam localizadas.

Eusébio de Queiroz entrasse em vigor no ano de 1850, proibindo definitivamente a chegada de africanos na condição de escravos ao país (WACHOWICZ, 2016). A necessidade de povoar várias regiões do país, aliada as novas regulamentações que criminalizavam o tráfico de escravos, motivaram campanhas para incentivar a chegada de imigrantes ao Brasil.

Mesmo a escravidão ainda sendo permitida, ter um escravo tornava-se cada vez mais custoso para os proprietários de terras que perceberam a emergência de substituir a mão de obra. Outro ponto que preocupava boa parte das elites, era o fato do Brasil caminhar para se tornar o país com a maior população negra do mundo, isso fez com que essas elites planejassem um embranquecimento da população baseado no ideal europeu (NADALIN, 2001; WACHOWICZ, 2016).

A região compreendida como o Estado do Paraná atualmente, pertenceu a província de São Paulo até 1853, quando então se tornou província após a assinatura de Dom Pedro II da Lei Imperial n.º 704 (MARTINS, 1995). Com a proposta de tornar o país majoritariamente branco e com a necessidade de ampliar a força de trabalho, o governo brasileiro começou a incentivar a chegada de imigrantes europeus ao país e a província do Paraná, assim como toda a região sul brasileira que eram pouco povoadas, foram os locais que mais receberam imigrantes europeus nesse período (WACHOWICZ, 2016).

Segundo Wachowicz (2016), o primeiro registro de um grupamento de imigrantes europeus chegando ao território que viria a ser a província paranaense, se deu no ano de 1829 com 238 alemães que foram alocados em terras as margens do Rio Negro para o desenvolvimento de atividades agrícolas. Com a disparada do preço de alimentos e baseado nos exemplos positivos das colônias de Blumenau e Dona Francisca (Joinville), localizadas na província de Santa Catarina, o Paraná passa a reivindicar ao governo imperial a criação de grandes colônias similares aos da província vizinha. A alta inflação nos alimentos passava a estar constantemente na pauta da Câmara Municipal de Curitiba, assim como o total despreço de parte da população local pelo trabalho agrícola.

Os camaristas, ao mesmo tempo em que analisavam a situação econômica do país, criticavam veementemente o desprezo manifesto pelo brasileiro, e paranaense em particular, ao trabalho agrícola. Trabalhar no cabo da enxada era considerado uma atividade de baixo *status* social, digna apenas de escravos e libertos. O homem comum estava cheio de preconceitos com relação ao trabalho agrícola. Preferia ser peão de tropa, cavalgar à procura

de reses nos Campos Gerais ou colher erva-mate a dedicar-se ao serviço da agricultura. (WACHOWICZ, 2016, p. 175).

Todo esse contexto levou a criação da colônia Assungui (Cerro Azul) em 1859, que comportava imigrantes franceses, ingleses, italianos, alemães, espanhóis e suecos, além dos próprios brasileiros locais. Mesmo com terras bastante férteis, o grande problema é que essa colônia ficava localizada a 109 quilômetros ao norte de Curitiba, muito longe dos principais centros urbanos da província – Curitiba e Antonina –, devido a pouca infraestrutura de transporte da época, muitos alimentos produzidos deterioravam-se nos celeiros (WACHOWICZ, 2016). Esses empecilhos fizeram com que muitos imigrantes deixassem a colônia e fossem em direção a Curitiba ou outras províncias do império em busca de trabalho e melhores condições de vida.

Anos depois, em 1875, Adolfo Lamenha Lins assume o governo do Paraná, estudando o caso da colônia Assungui e verificando o movimento de imigrantes alemães que deixaram Joinville para viver em chácaras nas intermediações de Curitiba, bem como as formações e funcionamento das colônias Argelina (1869) de imigrantes franceses, Pilarzinho (1871) e Abranches (1873) de imigrantes poloneses. Com tais estudos, Lamenha Lins cria ao redor de Curitiba o primeiro cinturão verde organizado por imigrantes no Brasil, ao todo 12 princípios são adotados na construção desse projeto, destacamos cinco desses princípios:

- 1 – As colônias em hipótese alguma deveriam ficar situadas longe dos grandes centros consumidores;
- 2 – Os núcleos coloniais deveriam ser localizados nos terrenos contíguos às estradas carroçáveis já existentes: Graciosa, Mato Grosso, que ligava Curitiba aos Campos Gerais, e a do Assungui, carroçável em alguns quilômetros para o norte de Curitiba;
- 3 – Uma Simples estrada vicinal, partindo da estrada tronco, seria suficiente para ligar os núcleos com a capital;
- [...]
- 10 – Em cada colônia mais afastada da capital, seria edificada uma escola e uma capela;
- [...]
- 12 – As novas gerações que houvessem aprendido a lidar com a terra e dominar as condições brasileiras deveriam ser orientadas para o interior, evitando-se desta forma que as mesmas se urbanizassem. (WACHOWICZ, 2016, p. 177 - 178).

A política de Lamenha Lins teve êxito, dando origem a diversas colônias como Santa Cândida (1875), Orleans (1875), Santo Inácio (1876), Riviera (1876), D. Augusto (1876), D. Pedro (1876), Lamenha (1876) e Tomás Coelho (1876). A

mesma iniciativa tentou ser replicada para formação de colônias nos municípios litorâneos de Paranaguá, Morretes e Antonina, mas não teve o mesmo sucesso. A proximidade de Curitiba fazia com que os imigrantes buscassem a capital, formando-se novos núcleos coloniais nas regiões onde hoje são Bairro Água Verde (colônia Dantas), Santa Felicidade, Piraquara (colônia Nova Tirol) e Colombo (WACHOWICZ, 2016).

As tentativas de povoamento de outras regiões da província continuaram, mas agora sem Lamenha Lins que já não estava mais no Governo. Após o Paraná receber uma comissão de russo-alemães que vieram conhecer os Campos Gerais, aventou-se a possibilidade da chegada de 20.000 imigrantes russos que eram de origem alemã e que decidiram deixar a Rússia após o governo russo impor a obrigatoriedade do serviço militar. Ao desembarcarem no Paraná, aproximadamente 3.800 russo-alemães, muitos foram alocados em terras improdutivas para agricultura, as quais o governo provincial adquiriu de políticos e proprietários desses campos, o que fez com que cerca da metade desses imigrantes deixasse a província, famintos e deslocando-se a pé até o porto de Paranaguá (WACHOWICZ, 2016).

Dos 20.000 imigrantes que poderiam desembarcar no Paraná, apenas 1.800 fixaram residência, formando as colônias de Otávio em Ponta Grossa, Sinimbu em Palmeira e Virmond na Lapa. A imigração russo-alemã para os Campos Gerais foi considerada um fracasso no período, tendo repercussões negativas no Brasil e internacionalmente, e anos depois, Alfredo D' Escragnolle Taunay estaria a frente do Governo Paranaense e baseado no plano de Lamenha Lins, revolve retomar em 1885, a política de criação de colônias nas proximidades de Curitiba. Mesmo sofrendo críticas de lideranças políticas provinciais, que diziam que Taunay valorizava em demasiado os imigrantes em detrimento de uma cultura cabocla nacional, Taunay organiza nos anos de 1885 e 1886 várias sociedades de imigrantes (WACHOWICZ, 2016).

Com o assentamento de diversos povos europeus no Paraná e o estabelecimento de suas terras, famílias e trabalho, a cultura brasileira e paranaense pouco a pouco seria incorporada por esses imigrantes ao mesmo tempo que esses iriam influenciar significativamente a cultura paranaense com os seus costumes trazidos da Europa, como vestimenta, culinária, música, dança, manifestações religiosas, idioma e o próprio esporte.

São esses imigrantes que vão iniciar a estrutura do esporte paranaense, com a criação das primeiras associações e clubes. Mezzadri (2000) identifica quatro grupamentos de clubes entre os anos de 1880 e 1920: o primeiro grupo tinha suas ações voltadas para atividades culturais, literárias e políticas; o segundo era composto por membros de alto poder aquisitivo e buscavam reafirmar comportamentos das elites que faziam parte; no terceiro grupo situavam-se pessoas que prezavam pela manutenção das tradições de seus países; enquanto o quarto grupo era formado pelos clubes beneficentes de operários e suas atividades eram voltadas para auxiliar operários em dificuldade.

A primeira organização clubista do Paraná é o “Club Litterário de Paranaguá”, fundado em 1872, e a partir da década de 1880 uma série de clubes vão sendo fundados, principalmente em Curitiba, mas também no litoral e nos Campos Gerais (MEZZADRI, 2000; FUGMANN, 2010). Alguns clubes eram fechados apenas a pessoas da mesma nacionalidade, outros não estabeleciam isso como uma norma, porém o próprio *habitus* instituído no interior das instituições acabava sendo uma barreira para novos membros.

Os alemães tiveram grande influência no associativismo nas regiões em que ocupavam e na criação de clubes que desenvolviam alguma modalidade esportiva como parte de suas atividades (FUGMANN, 2010). Povos como portugueses, italianos e poloneses também foram responsáveis pela criação de várias instituições clubísticas no Paraná. Em um primeiro momento, esportes como tênis, boliche, ciclismo, tiro e golfe eram muito praticados, além da prática ginástica e, com o passar dos anos, novas modalidades foram incorporadas como o atletismo, a natação, a bola ao cesto (basquetebol) e o futebol (MEZZADRI, 2000; MORAIS, 2011).

Assim como a quantidade de associações e clubes que cresciam exponencialmente, na segunda metade do século XIX, o surgimento de escolas se intensifica, ainda que fossem uma exclusividade das elites da época. O primeiro registro de um espaço escolar no Paraná é de 1836, com o professor João Baptista Brandão conseguindo uma sala na igreja de São Francisco de Paula. Após constantes solicitações ao governo provincial, depois que Zacarias Góes e Vasconcellos assume como o primeiro Presidente da Província do Paraná, em 1854. Residências de professores que eram utilizadas como escola passaram a ser reprovadas, algo que era comum até aquele momento, e as escolas começaram a

ser instaladas em edifícios públicos ou em prédios alugados exclusivamente para esse fim (CASTRO, 2008).

Em uma nova concepção de escola, o primeiro edifício construído foi o Liceu de Curitiba, dedicado ao ensino secundário, em 1857. Outras escolas de ensino secundário também foram se estabelecendo nos municípios de Curitiba, Paranaguá, Castro, Ponta Grossa e Morretes (CASTRO, 2008). Algumas dessas escolas, particulares funcionavam como internato, atendendo alunos do interior e poucas escolas eram de atendimento misto, uma vez que a maioria era exclusiva para meninas ou meninos, sendo que algumas instituições recebiam subsídios governamentais (TRINDADE, 2001).

Nas duas últimas décadas do século XIX, as escolas que estavam em funcionamento tinham seus conteúdos bastante voltados a humanidades, geralmente o professor era admitido por concurso e ministrava uma ou mais disciplinas. As disciplinas mais comuns eram latim, francês, inglês, aritmética, geometria, geografia, e mais tarde, ciências naturais, química e física, e nas escolas particulares os alunos também tinham aulas de português, alemão e história (TRINDADE, 2001).

Durante a década de 1880, algumas escolas ofertavam cursos preparatórios para as academias superiores. Os jovens das elites paranaenses que pretendiam ingressar nessas academias tinham que ir para São Paulo, Recife, Rio de Janeiro ou para Europa (TRINDADE, 2001).

FIGURA 3 - EDIFÍCIOS ESCOLARES CONSTRUÍDOS NO PARANÁ ATÉ 1903.



FONTE: Castro (2008, p. 16)

Essas instituições fazem parte de um grande movimento educacional que vai contribuir para formação e reconhecimento de um corpo de intelectuais nos anos seguintes, e nomes como Rocha Pombo, Vitor Ferreira do Amaral, Nilo Cairo, Pamphilo d' Assunção, Euclides Beviláqua e Hugo Simas, são alguns desses expoentes e idealizadores da Universidade do Paraná, em 1912. Em diversas cidades paranaenses esses e outros intelectuais, vários sendo filhos de imigrantes, eram ativos em círculos literários, fazendo parte de inúmeros grêmios, associações, congregações e clubes (TRINDADE, 2001).

No começo do século XX, o interesse pelo esporte ganhou cada vez mais adeptos no interior dos clubes e entre as várias modalidades presentes, o futebol era a que mais despertava a curiosidade popular, principalmente nos clubes beneficentes dos operários (MEZZADRI, 2000). Todavia, de modo geral sua prática ainda era bastante elitizada e a organização de confrontos e torneios eram organizados pelos próprios clubes, na eminência de formar uma instituição reguladora da modalidade. Estabelecendo uma clara divisão social entre as equipes, clubes da elite curitibana fundam em 12 de fevereiro de 1915 a Liga Sportiva Paranaense (LSP). Mas com os constantes desentendimentos entre os clubes e

protesto daqueles que se sentiam prejudicados com a forma de condução desta Liga, em fevereiro de 1916, liderados por Curitiba, Paraná, Rio Branco e América, é criada a Associação Paranaense de Sports Athléticos (APSA). (CAPRARO, 2002; MOLETTA JUNIOR, 2009).

Durante o final do século XIX e início do século XX, o movimento esportivo ainda não era tão difundido nas escolas brasileiras e paranaenses. Essas práticas ainda estavam restritas aos clubes, enquanto nas escolas os métodos ginásticos começaram a ganhar cada vez mais relevância. A inserção de práticas físicas no ambiente escolar se caracterizava inicialmente pelas demandas e delimitações dos movimentos Higienistas e Eugenistas (GHIRALDELLI, 1991; CAPRARO e SOUZA, 2017). Os métodos das escolas ginásticas tiveram suas raízes estabelecidas na Europa do fim do século XVIII e início do século XIX (SOARES, 1996).

FIGURA 4 - LIVRO “O HOMEM FORTE” DE DOMINGOS NASCIMENTO 1905



FONTE: Moraes (2011, p. 38).

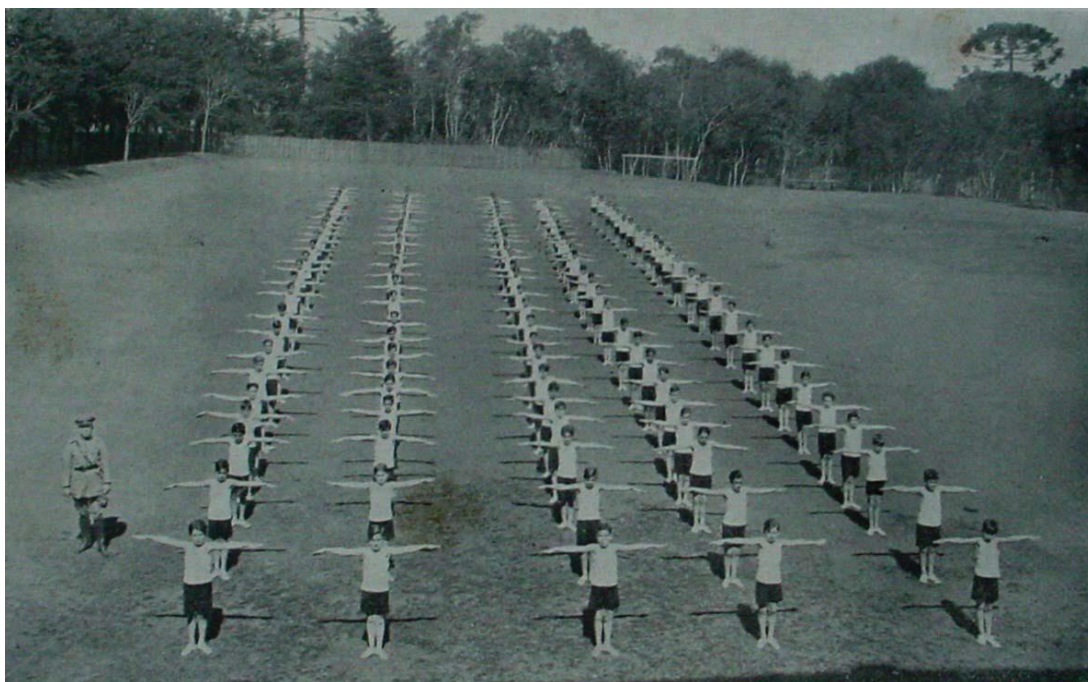
Esses métodos viriam a desempenhar forte influência no Brasil, contando com amplo trabalho e diligência de Rui Barbosa que, na então posição de deputado, defendia a inserção da ginástica como conteúdo obrigatório nas escolas brasileiras (CAPRARO; SOUZA, 2017). Os métodos mais conhecidos no Brasil eram o método francês, o alemão e o sueco, mas o primeiro ganhou maior divulgação e adesão (SOARES, 1996). Tais esforços para incorporar a ginástica como disciplina nas escolas teve sucesso e se consolidaria nas décadas seguintes. Ghiraldelli (1991), pontua que a concepção higienista era particularmente forte nos anos finais do Império e na Primeira República (1889-1930).

À medida que práticas físicas como a ginástica passavam a fazer parte da rotina dos estudantes paranaenses, o aumento populacional e o crescente interesse da sociedade pelo esporte motivaram a formação das primeiras ligas. Então parecia uma questão de tempo para o esporte chegar nas escolas secundárias. Até a década de 1930, com exceção do futebol, toda a organização esportiva se constituía entre os próprios clubes. Em 23 de maio de 1932, é criada a Liga Atlético Paranaense, que anos depois se transformou na Federação Desportiva Paranaense, entidade que assume a responsabilidade de regulamentar diferentes modalidades com departamentos de atletismo, bola ao cesto (basquetebol), voleibol, handebol, natação, halterofilismo, ginástica, pugilismo e punhobol (MEZZADRI, 2000).

O início de um processo de esportivização das aulas de Educação Física das instituições de ensino secundário se intensificou nos anos finais da década de 1940 (CHAVES, 2004). É interessante observarmos que já no final da década de 1930, o Colégio Estadual do Paraná promovia as Olimpíadas Colegiais e Ginasiais, assim como, competições esportivas que aconteciam internamente em outros estabelecimentos de ensino (MARTINES, 2010).

No contexto paranaense, jogos estudantis são resultado de importante processo de transição histórica da acessão do movimento esportivo nas escolas. Evidências desse período podem ser encontradas na realidade do Ginásio Paranaense (Colégio Estadual do Paraná), que tinha como cerne da disciplina de Educação Física o método francês de ginástica como um conteúdo predominante (CHAVES, 2004).

FIGURA 5 - OS ALUNOS EM EXERCÍCIO DE GINÁSTICA



FONTE: Museu do Colégio Estadual do Paraná. Prospecto – Regulamento do Internato do Ginásio Paranaense de Curitiba, 1932 (CHAVES, 2004, p.150).

FIGURA 6 - AULA DE GINÁSTICA NO PÁTIO DO GYMNASIO PARANAENSE EM 1932



FONTE: Chaves (2004, p. 151).

NOTA: Acervo Particular Ernani Costa Straube²⁰.

²⁰ A legenda completa desta fotografia no acervo do professor Ernani é a seguinte: “Aula de ginástica no pátio do Gymnásio Paranaense em 1932 (hoje Colégio Estadual do Paraná). Atual sede da Secretaria de Estado da Cultura. Fotógrafo Heisler”. (CHAVES, 2004, p.151).

A esportivização no interior dos clubes paranaenses e a introdução do método francês de ginástica seria a causa que levaria à ascensão do movimento esportivo nas escolas paranaenses? Estabelecer essa relação de causa e efeito poderia nos levar a incorrer em interpretações minimamente duvidosas. Evidentemente que não se pode atestar de maneira categórica que o surgimento de tais eventos desempenhou uma relação direta para ascensão da esportivização nas escolas, até porque, como destacou Soares (1996), esse processo não era exclusivo do Paraná, ele acontecia nacionalmente. No entanto, ainda que não se possa afirmar que existiu uma influência direta nesse processo, também não se pode descartar possíveis influências indiretas.

Esses achados conduzem a outros questionamentos: instituições externas às escolas de educação formal poderiam influenciar determinadas estruturas sociais para um processo de esportivização, antes mesmo que isso acontecesse por intermédio das próprias escolas? Caso a resposta seja afirmativa, entenderíamos que o surgimento desses eventos em um primeiro momento não se deu de maneira planejada através de um projeto educativo na sua essência, mas como resposta para uma demanda de estruturas sociais externas a escola? E até que ponto isso não contribuiria apenas para uma mera reprodução de sistemas esportivos dominantes?

Registros historiográficos apontam que a primeira edição de competições escolares no estado aconteceu em 1938, quando o então professor de Educação Física do Colégio Estadual do Paraná (CEP), José Heredia Navarro, foi procurado e incentivado por integrantes da Associação Ginásiana do CEP para organizar um campeonato esportivo entre os colégios do Paraná e a primeira edição foi nomeada como Olimpíadas Colegiais (CHAVES JUNIOR e MARTINES, 2008).

O evento continuaria nos anos de 1939 e 1940, tendo em 1940 a primeira participação feminina. Essa edição contou com a participação de sete estabelecimentos de ensino secundário da capital e um de Paranaguá²¹ (CHAVES JUNIOR e MARTINES, 2008). No jornal dos estudantes da escola é possível identificar algumas percepções do evento:

²¹ Nessa competição foi reunindo um total de 268 atletas, competindo nas modalidades de futebol, voleibol, basquetebol, natação e atletismo.

Esta competição, que foi a maior e a mais importante que se efetuou nos meios colegiais, despertou desusado entusiasmo entre os estudantes paranaenses que batalharam com denodo pelos louros olímpicos. [...] No dia da abertura solene, tivemos a surpresa de ver presentes os representantes do Sr. Prefeito, do Dr. Hostílio de Araújo, digno Diretor Geral da Educação, e o Sr. ten. cel. Dimas S. de Menezes, comandante da 3ª R.A.M. e outras altas autoridades civis e militares. (O GINÁSIO PARANAENSE - EXTERNATO, 1940, p.11 *apud* CHAVES JUNIOR e MARTINES, 2010, p. 214).

Nos anos seguintes, entre 1941 e 1945 houve uma interrupção na realização do evento, retornando somente em 1946. Chaves Júnior e Martines (2008), levantam a hipótese de que as Olimpíadas Colegiais sofreram essa paralização possivelmente pelo decurso da Segunda Guerra Mundial, o que fez com que o evento só retornasse em 1946, com a realização da Olimpíada do Centenário – alusiva aos 100 anos de fundação do Colégio Estadual do Paraná. O evento foi organizado de acordo com as determinações da Portaria n.º 924, de 28 de junho de 1946, da Diretoria Geral de Educação, que tinha como objetivo incentivar a prática da Educação Física e dos esportes nas escolas secundárias do Estado (CHAVES JUNIOR e MARTINES, 2008, p. 04).

Art. 1º - A Olimpíada Colegial e Ginasial, será realizada, anualmente, em época oportuna a ser designada pela Secretaria de Educação e Cultura, e em reunião da “Comissão Organizadora”, com o objetivo de incentivar a prática da educação física e dos desportos em todas as suas modalidades dentre a mocidade dos Estabelecimentos de Ensino Secundário do Estado, devidamente oficializados.

Art. 2º - A Olimpíada Colegial e Ginasial, terá o patrocínio oficial do Estado, pela Secretaria de Educação e Cultura, ficando a cidade de Curitiba, Capital do Estado, designada para sede da mesma.

Art. 3º - A Olimpíada Colegial e Ginasial será organizada e dirigida pelo Departamento de Educação Física do Colégio Estadual do Paraná e por uma “Comissão Organizadora” composta por professores de educação física e dois alunos devidamente credenciados por cada Estabelecimento de Ensino inscrito para a competição. (RELATÓRIO E REGULAMENTO DA OLIMPÍADA COLEGIAL E GINASIAL DE 1946, s/p *apud* CHAVES JUNIOR e MARTINES, 2008, p. 05).

Nessa retomada o governo passa a patrocinar oficialmente o evento, que contava com a participação de várias autoridades, nas aberturas solenes e demais cerimônias de premiação. Os troféus entregues aos vencedores das competições eram designados com nomes de políticos e representantes da sociedade civil e militar e, no regulamento da competição, é possível evidenciar essa aproximação do governo e como era a estrutura organizacional do evento.

Esse envolvimento de órgãos ligados ao governo do Estado atuando nas demandas relacionadas ao esporte e a Educação Física, reflete as ações e intenções do Governo Federal, durante o período do Estado Novo, em controlar a administração burocrática do esporte nacional, dado que a atuação do Estado na administração do esporte até aquele momento era quase nula. Nesse período o governo de Getúlio Vargas desenvolveu projetos nas áreas da saúde, da educação, das leis trabalhistas, do esporte, além de diversas outras áreas, na tentativa de centralizar a influência do Estado e reforçar uma identidade nacional (MEZZADRI, 2000).

No esporte a aprovação do Decreto Lei n. 3.199, de 14 de abril de 1941, concretiza esse propósito do Governo Federal, estabelecendo uma estrutura para o esporte nacional, regulamentando as entidades esportivas, definindo a função do Estado brasileiro frente ao esporte e indicando como as práticas esportivas deveriam ser administradas (MEZZADRI, 2000). Ainda na década de 1940, o governo paranaense já tem suas primeiras iniciativas voltadas ao esporte, mas é na década seguinte que ele vai se fato assumir a gestão do esporte estadual, tendo os Jogos Escolares como um de seus pilares.

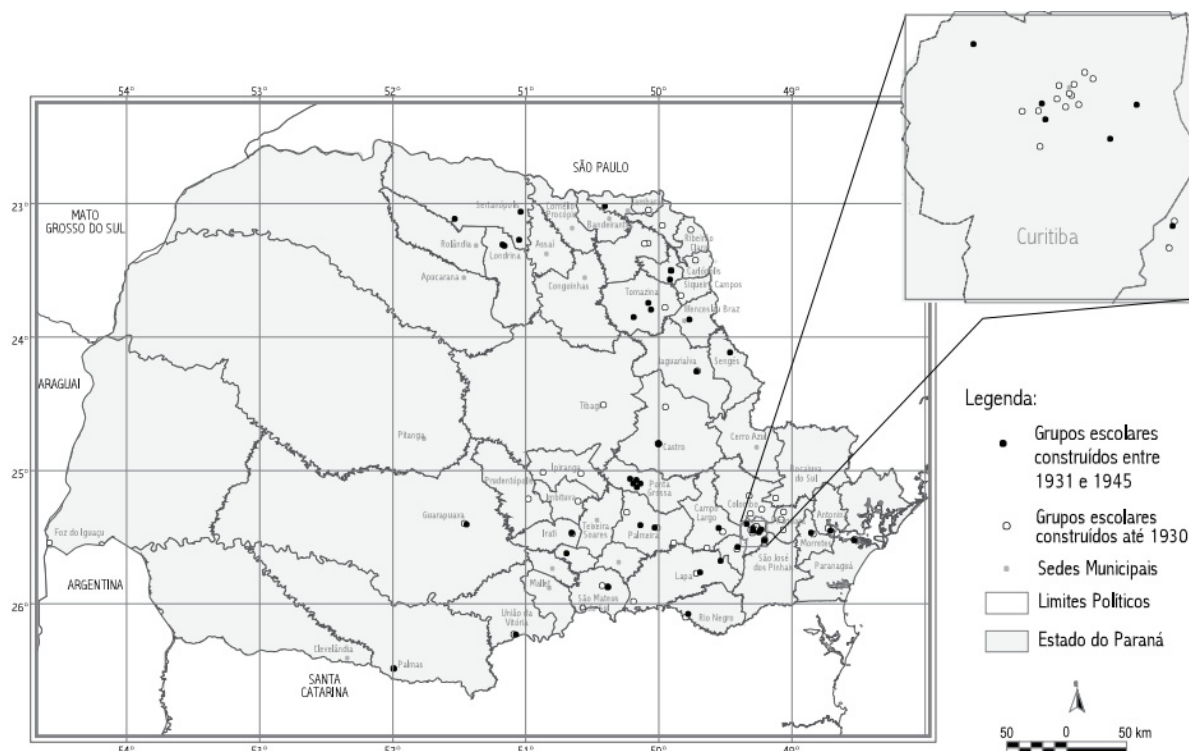
4.3 O ESTADO ASSUME O PROTAGONISMO: O ESPORTE COMO ELEMENTO UNIFICADOR E OS JOGOS ESCOLARES DO PARANÁ PÓS DÉCADA DE 1950

“[...] Há boas razões para se tratar as práticas esportivas como um espaço relativamente autônomo, mas não se deve esquecer que esse espaço é o lugar de forças que não se aplicam só a ele” (BOURDIEU, 1983, p.210).

Até a década de 1930 a densidade demográfica do Paraná se concentrava basicamente nas regiões dos Campos Gerais, Curitiba e Litoral. Já no início do século XX, o Norte Pioneiro era um local de elevado interesse político de paulistas e paranaenses, dado a produção do café. Em 1920, o Estado do Paraná concede a um grupo econômico liderado por Antônio Barbosa Ferraz, a exploração por 70 anos da estrada de ferro São Paulo-Paraná que visava interligar Ourinhos (São Paulo) a Cambará (Paraná) e, em 1922, uma missão japonesa liderada por Eizo Yamashima compra de Antônio Barbosa Ferraz uma parte da fazenda de Congonhas; seis anos depois, em 1928, um grupo de ingleses adquire o controle acionário da ferrovia São

Paulo-Paraná, a exploração do local pelos ingleses acaba dando origem a cidade de Cornélio Procópio, enquanto os japoneses iniciam colônias que vão dar origem as cidades de Assaí e Uraí (WACHOWICZ, 2016). O desenvolvimento dessa região possibilita o surgimento de outras cidades e a criação de novos grupos escolares.

FIGURA 7 - EDIFÍCIOS ESCOLARES CONSTRUÍDOS NO PARANÁ ATÉ 1945



FONTE: Castro (2008, p. 78).

Os ingleses realizaram diversos estudos na região norte paranaense e ficaram bastante satisfeitos com a fertilidade do solo, fazendo com que buscassem acordos com o governo para aquisição de grandes porções de terra em todo norte do estado. As terras seriam vendidas para povos estrangeiros, paranaenses, catarinenses e, principalmente, para paulistas e mineiros, através da Companhia de Terras Norte do Paraná, que era subsidiária a empresa *Brazil Plantations Syndicate*. Durante a década de 1940, o eixo produtor de café deslocou-se por toda região norte do estado, formando as grandes regiões denominadas como Norte Novo (Londrina, Maringá, Apucarana) e Novíssimo (Cianorte, Umuarama e Paranavaí), favorecendo a fundação de vários municípios (WACHOWICZ, 2016).

Enquanto o Norte se desenvolveu sob forte influência da população Paulista e Mineira, tendo já na década de 1940 vários municípios formados, a região Oeste tem um crescimento um pouco mais tardio. Nas primeiras décadas do século XX, a

produção de erva-mate era a principal forma de subsistência no Oeste, sendo uma região completamente isolada, e argentinos e paraguaios tinham maior contato com os moradores locais do que os paranaenses de outras partes do estado (WACHOWICZ, 2016).

Na década de 1930, a economia baseada em erva-mate começa a entrar em decadência, pois a região oeste paranaense era alvo constante de conflitos internos do Governo Federal e, em 1943, durante o Estado Novo, chegou a ser transformada no território federal do Iguaçu. Em Santa Catarina e, principalmente, no Rio Grande do Sul, existia um excedente de mão de obra agrícola e assim, Getúlio Vargas junto com empresários gaúchos, pretendiam enviar essas pessoas para o novo território. No entanto, depois da queda do Estado Novo e da constituinte de 1946, o território do Iguaçu foi dissolvido, mas mesmo assim, várias imobiliárias gaúchas já estavam fixadas na região (WACHOWICZ, 2016). Similar ao norte paranaense, podemos dizer que o povoamento do oeste aconteceu através de uma colonização intermediada por empresas.

FIGURA 8 - EDIFÍCIOS ESCOLARES CONSTRUÍDOS NO PARANÁ ATÉ 1955



FONTE: Castro (2008, p. 122).

Esse aumento populacional, juntamente com o Decreto Lei n. 3.199, de 1941, que define uma estrutura esportiva com a centralidade nas ações do estado, serão um marco para o esporte paranaense da década de 1950 (MEZZADRI, 2000). O aumento de escolas em todo o estado fez com que ano a ano a Olimpíada Colegial e Ginásial crescesse em número de participantes, tendo em 1952, a inscrição de delegações de diferentes regiões do Estado, compreendendo os municípios de Jacarezinho, Londrina, União da Vitória, Bandeirantes, Santo Antônio da Platina, Palmas, Palmeira, Ponta Grossa, Cambará, Foz do Iguaçu, Rolândia, Arapongas, Piraí do Sul, Jaguariaíva, Wenceslau Braz e Siqueira Campos (CHAVES JUNIOR e MARTINES, 2008).

Na edição subsequente, em 1953, a Olimpíada Colegial e Ginásial passa a se chamar “Jogos Colegiais do Paraná” (JOCOP’S). Essa data, até então era considerada por órgãos oficiais do governo como o marco inicial dos jogos entre escolas no Paraná, mas como a própria literatura nos indica, competições com as mesmas características já aconteciam a mais de uma década (CHAVES JUNIOR e MARTINES, 2008; COSTA, 2018), o que nos leva a sugerir que, em 1953, o governo do estado toma para si a responsabilidade de organizar e gerenciar o evento.

FIGURA 9 - JORNAL GAZETA DO POVO APRESENTANDO OS JOGOS ESCOLARES DO PARANÁ DE 1953



FONTE: Costa (2018, p.73).

A demarcação do ano 1953 como o ano de surgimento de um evento oficial para promoção de competições estudantis no Paraná, demonstrava o interesse do Estado em estabelecer a sua posição como protagonista na organização da competição. Naquela edição, houve grande investimento do Governo para agenciar o evento, algo que não se repetiu nas edições posteriores (COSTA, 2018). Elementos que podem exemplificar esse período são localizados no jornal Gazeta do Povo, nas edições de 1953 e 1954:

QUANDO OS NÚMEROS DISPENSAM COMENTÁRIOS Coube desta vez, ao Departamento de Esportes da Secretaria de Educação, a organização dos JOGOS, que concentram, em Curitiba – MIL E OITOCENTOS rapazes e moças dos ginásios em cidades interioranas e outros tantos quase, de nossa capital. Cerca de três mil estudantes, aproximadamente, se movimentaram em razão dos jogos. Equipes masculinas e femininas, disputam todas as modalidades do atletismo, futebol, bola ao cesto, voleibol e natação (GAZETA DO POVO, 1953 *apud* COSTA, 2018, p. 72).

Os JOGOS COLEGIAIS DO PARANÁ, frisamos, constituem-se já ao nono ano consecutivo de sua realização, um espetáculo de gala e esplendor raros, num desses acontecimentos que se constituem em tradição, cuja renovação anual passa a figurar no “carnet” dos sonhos e dos anseios da mocidade que frequenta nossos estabelecimentos de ensino de nível secundário.

Nós saudamos, efusivamente, os << OLIMPICOS de 1945 >>, os pioneiros, os que seguiram a trilha de tão expressivas vitórias, até os << OLIMPICOS de 1953 >> (GAZETA DO POVO, 1953 *apud* COSTA, 2018, p. 74).

O investimento reduziria significativamente nos anos posteriores, movendo críticas da mesma imprensa que um ano antes destacava pontos positivos, enaltecendo a organização da competição.

Os Jogos Colegiais de 1954 não tiveram a pompa e o brilho que caracterizaram os Jogos dos outros anos. Os Colégios do interior ficaram à margem dos acontecimentos desportivos, pois o nosso Governo não dispunha de verba para conduzir e alojar os jovens interioranos à festa máxima da juventude colegial. Retrocedemos neste particular; o entusiasmo, a galhardia dos outros anos, quando aqui estiveram quase todos os colégios do interior paranaense, não foram o bastante para que o

atual Governo fornecesse auxílio financeiro numa obra de intercâmbio estudantil e aprimoramento de nossa raça. Lá ficaram aqueles meninos que talvez por anos vêm sonhando em conhecer a capital do Estado. Filhos de lavradores, gente a quem devemos o progresso de nosso Estado (GAZETA DO POVO, 1954, p. 9 *apud* COSTA, 2018, p. 76).

Após assumir o protagonismo na condução do esporte, o governo estadual cria a Divisão de Educação Física e Esporte (DEFE) da Secretaria Estadual de Educação, também cria o Conselho Regional de Esportes (CRE) e passa a financiar a organização de eventos esportivos e a construção de infraestrutura em clubes sociais (MEZZADRI, 2000; STAREPRAVO, 2006). Além dos próprios clubes, ligas, federações e outros projetos embrionários de eventos esportivos também demandavam recursos do estado, caracterizando uma clara disputa no campo esportivo.

Independente de os subsídios concedidos pelo governo serem maiores ou menores para os Jogos Colegiais, o que fica marcado nos extratos acima é o intenso envolvimento da sociedade civil com a realização do evento. O que certamente poderia impactar na continuidade ou não, o fato de a competição continuar nos dá indícios que a estrutura dos Jogos Colegiais daquele período começou a ganhar maturidade e autonomia dentro do sistema esportivo vigente.

Nesse período outros importantes eventos competitivos na história do esporte paranaense começam a ser gerenciados ou apoiados pelo governo, casos dos Jogos Universitários e Jogos Abertos, confirmando a década de 1950 como um momento chave de ruptura no modelo de gestão do esporte. Os Jogos Universitários do Paraná (JUPs) têm seu embrião com a fundação da Federação Paranaense de Desportos Universitários (FPDU) em 19 de setembro de 1941, com jogos que aconteciam entre as Associações Atléticas Acadêmicas (AAAs) dos cursos da Universidade Federal do Paraná (UFPR) (STAREPRAVO, 2006). As primeiras edições contaram com a participação de integrantes dos cursos de Medicina, Engenharia, Veterinária, Direito, Agronomia e Química Industrial (ALBUQUERQUE, 2003).

Como a única universidade do Estado até então era a UFPR, os jogos ficavam restritos aos cursos da instituição. As AAAs de Engenharia e Medicina geralmente eram as finalistas, dando origem ao clássico “ENGMED”, famoso no

meio universitário da época. O incentivo do Estado nas décadas seguintes e a inauguração de novas faculdades em outras cidades, viabilizou a participação do interior, acabando com a hegemonia das AAAs de Engenharia e Medicina da UFPR. No começo da década de 1960, universidades públicas já existiam nas cidades de Londrina, Arapongas, Ponta Grossa, Paranaguá, União da Vitória, Jacarezinho e Apucarana (ALBUQUERQUE, 2003).

A história dos Jogos Abertos do Paraná (JAPs) é particularmente interessante para nosso tema de pesquisa, pois diferente de outros eventos que tiveram seu surgimento em Curitiba, os JAPs são fundados no norte do Estado, na cidade de Londrina, tendo inspiração nos Jogos Abertos do Interior de São Paulo (JAISP), que contou com a participação de equipes dos municípios do norte paranaense como convidadas em algumas edições, motivando Reynaldo Ramon a idealizar o evento local em 31 de agosto de 1957 (CORDEIRO, 1996). Em 1962 o Estado assume a organização técnica da competição (RIBAS, 2007).

Reynaldo Ramon era natural de Curitiba e se formou em 1953 na Escola de Educação Física e Desportos do Paraná, que mais tarde seria integrada a UFPR. Após se formar ele muda-se para Londrina junto com alguns colegas de turma, à procura de oportunidades em uma cidade com crescimento acelerado, mas que tinha carência de profissionais em diversas áreas. Depois de estabelecer residência na cidade ele começa a ministrar aulas no Colégio Novo Ateneu e, no mesmo período, também participa dos Jogos Abertos do Interior de São Paulo (CORDEIRO, 1996).

O que merece destaque para nosso tema de pesquisa é que Reynaldo Ramon em sua juventude estudou no Colégio Estadual do Paraná e teve seu interesse pelo esporte incentivado pela participação nas equipes da escola, sendo atleta de destaque nas modalidades de voleibol e basquetebol. Além da escola, também integrou as equipes dessas modalidades nos clubes Atlético Ferroviário e Curitibano, participou dos Jogos Universitários e competiu com a seleção paranaense de voleibol, nos campeonatos brasileiros de 1950, 54, 58 e 60 (CORDEIRO, 1996).

FIGURA 10 - PROF. HUGO PILATO RIVA DISCURSANDO POR OCASIÃO DO ENCERRAMENTO DOS JOGOS COLEGIAIS DO PARANÁ (1963), NO AUDITÓRIO DO COLÉGIO ESTADUAL DO PARANÁ.



FONTE: Acervo: Família Hugo Pilato Riva.

FIGURA 11 - ENTREVISTA NO CANAL 12 (TV PARANAENSE), NOS VII JOGOS ABERTOS DO PARANÁ (1963), EM MARINGÁ.

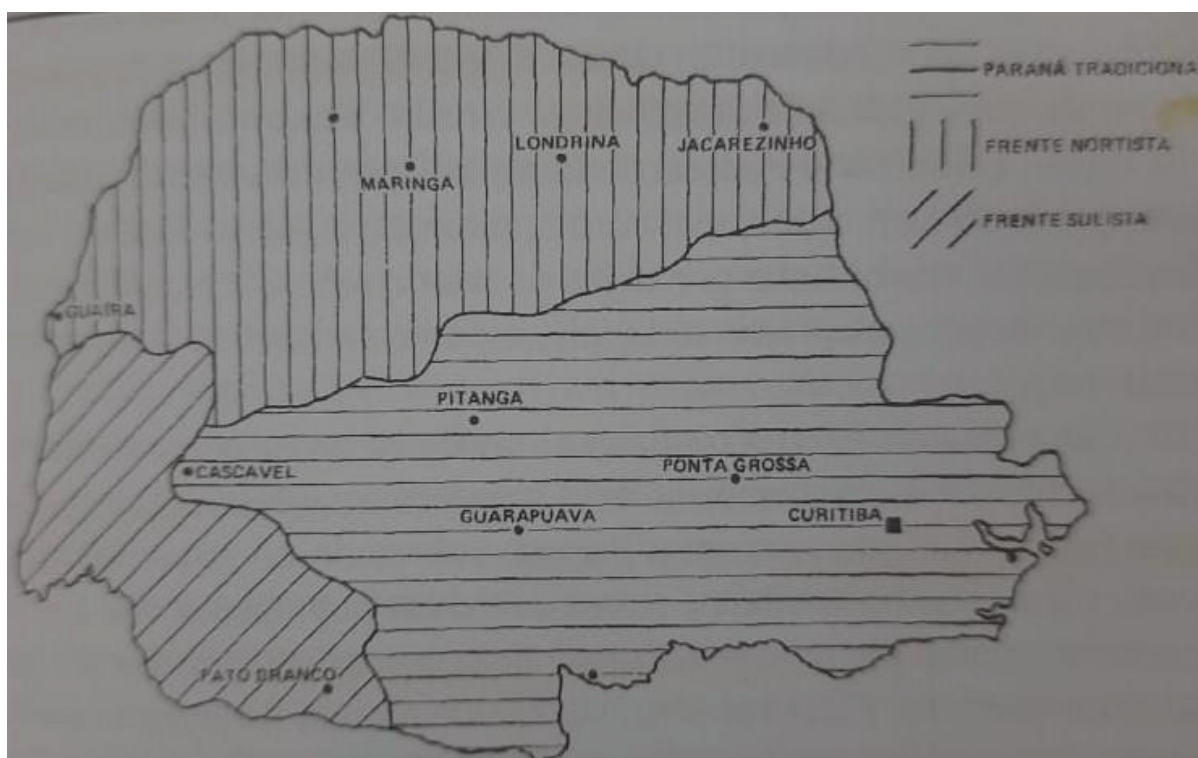


FONTE: Acervo: Família Hugo Pilato Riva.

Na formação dos Jogos Colegiais, Jogos Universitários e Jogos Abertos não há nenhum indício de que as competições foram criadas pensando em uma lógica sequenciada de práticas esportivas para atletas de diferentes faixas etárias. Ao que tudo indica, o surgimento desses eventos acontece como resposta a uma demanda social de um fenômeno que atingia proporções cada vez maiores no apelo popular. Os Jogos Escolares seria o primeiro pilar nessa tríade de eventos competitivos fomentados ou incentivados diretamente pelo Governo do Estado, enquanto clubes, associações, ligas e federações também recebiam incentivos do Estado, mas suas organizações já eram mais independentes.

Outro ponto que podemos identificar é a função desses eventos como elemento unificador do Estado. Wachowicz (2016), mostra que os processos de colonização do Paraná nos séculos XIX e XX, determinaram três frentes histórico-culturais no Estado, a frente sulista (oeste), frente nortista (norte) e o Paraná tradicional.

FIGURA 12 - AS TRÊS FRENTES HISTÓRICO-CULTURAIS QUE OCUPARAM E COLONIZARAM O PARANÁ.



FONTE: Wachowicz (2016, p. 331).

Até a metade do século XX, o controle político do governo paranaense sempre esteve nas mãos das elites do Paraná tradicional, que pouco se

preocupavam com o norte e oeste do estado, muitos inclusive consideravam aqueles que vivam nessas regiões como forasteiros. O expressivo crescimento da frente nortista, na década de 1960, influenciou que lideranças políticas advindas do norte chegassem ao posto de governador do estado, com apoio do lapeano Ney Braga (WACHOWICZ, 2016).

Essa nova conformação política sofreu forte resistência das elites do Paraná tradicional, pois um caso emblemático foi quando Haroldo Leon Peres, governador em 1971, tentou mudar a capital paranaense para a cidade de Campo Mourão, ficando mais próximo de sua base política em Maringá. A irritação das elites curitibanas foi tamanha, que conseguiram articular a cassação do governador sob processo de corrupção (WACHOWICZ, 2016).

A chegada de José Richa (1983 - 1986) e Álvaro Dias (1987 – 1991) ao posto de governador é considerado por Wachowicz (2016) como um ponto de virada na relação de forças da política paranaense, principalmente por haver um rompimento de lideranças políticas do norte, com a figura de Ney Braga, importante oligarca do Paraná tradicional. Na edição do jornal Folha de Londrina de 1983, é ilustrado um diálogo no centro de Curitiba, entre pessoas originárias da capital e do interior, evidenciando parte do pensamento da época e da rivalidade posta no cenário político.

Curitiba, Boca Maldita, sexta-feira, 10 horas da manhã. Uma roda de amigos, bastante heterogênea, parte pro quinto cafezinho (...).

- Hoje é dia de espetáculo exclusivo para os curitibanos no Afonso Pena (aeroporto): a revoada dos jacus. É a caipirada que veio com o Richa, voando de volta pro interiorzão (risos de alguns). A conversa assume um tom de desafio. Um terceiro provoca:

- Mas vai me dizer que a equipe do Richa não é um bando de OVNI? São todos uns “Objetos Voadores Não Identificados” ...

O provocado, talvez o único interiorano do grupo, não deixa por menos:

- Ora, meu filho, a sociedade curitibana deve estar adorando os OVNI. Afinal, pela primeira vez, ela vai conseguir superar o seu crônico complexo de inferioridade em relação à aristocracia paulista e carioca. Pela primeira vez ela vai poder sentir-se realmente “aristocrata”.

Um outro, parecendo atingido, pede mais um café e arma um sorriso no canto da boca:

- Quem desdenha quer comprar. Tem um caipira aí, que assumiu uma Secretaria de Estado, que gastou uma fortuna pra entrar de sócio no Clube Curitibano e está gastando mais ainda pra ingressar no Country.

O homem do interior não baixa a guarda:

- Esta aristocracia é meia boca. Vocês viram coisa mais deprimente que as degenerações genéticas nestas famílias tradicionais curitibanas, que casam entre si? Já viram troço mais engraçado que a tese daquela velinha socióloga professora da Universidade Federal que depois de anos de estudo sobre o “homo” curitibano concluiu que: 1) ele é alto e belo; 2) que

tem facilidade para aprender idiomas estrangeiros; 3) tem grande afinidade com a música e as artes em geral. E foi essa “nata” da sociedade paranaense que, tentando copiar a arquitetura europeia, acabou fincando esses ridículos anõezinhos nos jardins. (FOLHA DE LONDRINA, 1983 *apud* WACHOWICZ, 2016, p. 333 – 334).

O fragmento do jornal Folha de Londrina é bastante revelador sobre um sentimento que pairava no campo político entre as duas regiões. Quando Álvaro Dias assume o governo em 1987, sua equipe é formada principalmente por pessoas de Londrina, sua cidade de origem. No campo esportivo, o também londrinense Edson Gradia, assume a recém-criada Secretaria Especial do Esporte (MARTINS, 2004).

Em 1987, a nova secretaria coordena uma série de projetos, como a criação dos Jogos da Juventude do Paraná (JOJUPs), direcionado para seleções municipais, similar aos Jogos Abertos, mas buscando suprir uma lacuna na faixa etária atendida entre os Jogos Escolares e os Jogos Abertos, portanto, seria uma competição de transição (MARTINS, 2004). Um ano antes é implementado nos Jogos Abertos as fases regionais, procurando uma maior interiorização e democratização do evento (RIBAS, 2007).

A descentralização e democratização das práticas esportivas vira um dos objetivos principais da administração pública nas décadas de 1980 e 1990, e com isso, os Centros Regionais de Esporte foram criados nas cidades de Arapongas, Maringá, Umuarama, Jacarezinho, Paranavaí, Marechal Cândido Rondon, Ponta Grossa e Curitiba (MEZZADRI, 2000). O esporte profissional que até então era algo exclusivo ao futebol, tem através de parcerias público/privadas uma abertura para outras modalidades se profissionalizarem em todo o estado.

Um projeto pioneiro foi idealizado pelo Clube Cristalino que profissionalizou sua equipe de voleibol, custeando salários, hospedagem e alimentação. O clube manteve sua equipe até o final da década de 1980, inspirando outros projetos e inaugurando um modelo profissional na gestão do esporte paranaense.

Partindo da experiência adquirida pelo Clube Cristalino, outras entidades foram sendo gradualmente criadas nas diversas modalidades esportivas. Os casos mais específicos foram, o basquetebol de Londrina e Ponta Grossa, o futebol de salão na maioria das cidades do Estado, a natação em clubes de Curitiba, Londrina, Maringá e Ponta Grossa, o handebol feminino em Cambé e o masculino em Maringá, o voleibol masculino em Maringá e o feminino em Curitiba, e o Atletismo, que também foi relativamente estruturado em diferentes cidades. Mesmo com a criação desses clubes não ocorreu um fortalecimento das federações, das ligas ou de outras

instituições das modalidades esportivas envolvidas (MEZZADRI, 2000, p.129).

Seguindo esse modelo, um projeto que ganhou muita relevância em todo o Brasil foi lançando em 1997, consolidando uma parceria entre a empresa Unilever, o gestor e técnico Bernardinho e o governo do Estado: o projeto Rexona consistia na formação de uma equipe feminina profissional de voleibol e na implantação de núcleos de iniciação ao voleibol em várias escolas do Estado (VLASTUIN, 2008; CRUZ, SALVINI e MARCHI JÚNIOR, 2020).

Essa nova conjuntura se enquadrava na lógica de espetacularização do esporte. Na década de 1970 o brasileiro acompanhava através das imagens televisivas a seleção nacional de futebol masculino se sagrando tricampeã na Copa do Mundo sediada no México; é também nessa década que as Olimpíadas de Munique (1972), são transmitidas pela primeira vez na televisão brasileira. Na década seguinte as Olimpíadas de Los Angeles (1984) marcam um ponto de virada, aceitando o profissionalismo nos jogos e fazendo a transição de sua ênfase política para a ênfase econômica (ALMEIDA, 2015).

Em território local, o Coritiba Foot Ball Club conquistava o Campeonato Brasileiro de Futebol em 1985, tendo grande comoção de uma parcela da sociedade paranaense que acompanhou a partida final através da televisão. Nos últimos anos da década de 1990, a equipe feminina de voleibol do Rexona despontava no cenário nacional com a conquista de títulos da Superliga de Voleibol. Esses acontecimentos evidenciam esse momento de mudança na relação da sociedade paranaense com o esporte.

Os Jogos Escolares do Paraná não ficariam imune a todas as mudanças que ocorriam no esporte em escala nacional e global. As políticas nacionais, que eram articuladas para as etapas nacionais dos jogos, tiveram inúmeras compreensões em diferentes períodos históricos que passaram pela consolidação, marcos reflexivos do formato do evento, retomada do foco no rendimento até a privatização para o COB (KIOURANIS, 2017), afetando em maior ou menor grau as etapas que aconteciam no Paraná. O fato é que, em termos de resultados esportivos, as delegações paranaenses foram bem-sucedidas quando os Jogos Escolares da Juventude (JEBs) retomaram uma perspectiva de rendimento a partir da década de 1990, se tornando um dos principais Estados do Brasil dentro dos JEBs.

Com a redemocratização do Brasil em 1984, aliado a um contexto que tinha transformado o esporte em um fenômeno cultural de massa, em 1988, a Constituição Federal impõe ao Estado a função de fomentar as práticas esportivas nas dimensões: educacional, participação e rendimento. Em 24 de março de 1998, é sancionada a Lei Nº 9.615, batizada como Lei Pelé, que favorece a criação em 25 de maio de 2000, da Confederação Brasileira do Desporto Escolar (CBDE), e em 22 de setembro do mesmo ano, também é fundada a Federação do Desporto Escolar do Paraná (FDEPR), filiada a CBDE.

Apesar do surgimento da CBDE e suas filiadas, a estrutura dos Jogos Escolares do Paraná e seu fomento continuavam sob a responsabilidade da Paraná Esporte, com a FDEPR tendo uma atuação tímida no esporte escolar paranaense. Em 08 de abril de 2013, com base no Decreto nº 7.984 a CBDE tem o reconhecimento legal de ser um órgão legítimo de representação nacional na administração do desporto educacional no ensino fundamental e médio.

§ 1º O desporto educacional pode constituir-se em:

I - esporte educacional, ou esporte formação, com atividades em estabelecimentos escolares e não escolares, referenciado em princípios socioeducativos como inclusão, participação, cooperação, promoção à saúde, co-educação e responsabilidade; e

II - esporte escolar, praticado pelos estudantes com talento esportivo no ambiente escolar, visando à formação cidadã, referenciado nos princípios do desenvolvimento esportivo e do desenvolvimento do espírito esportivo, podendo contribuir para ampliar as potencialidades para a prática do esporte de rendimento e promoção da saúde.

§ 2º O esporte escolar pode ser praticado em competições, eventos, programas de formação, treinamento, complementação educacional, integração cívica e cidadã, realizados por:

I - Confederação Brasileira de Desporto Escolar - CBDE, Confederação Brasileira de Desporto Universitário - CBDU, ou entidades vinculadas, e instituições públicas ou privadas que desenvolvem programas educacionais; e

II - instituições de educação de qualquer nível. (BRASIL, 2013, Art. 3).

A dimensão do esporte de formação é inaugurada no texto da legislação como parte do desporto educacional. Nesse mesmo artigo (Art. 3º), o desporto educacional ou esporte-educação, é reconhecido como uma prática desenvolvida na educação básica e superior em formas assistemáticas, devendo evitar a seletividade, a competição excessiva entre seus participantes, tendo por finalidade o desenvolvimento integral do praticante com uma formação voltada para o exercício da cidadania e a prática do lazer.

Desde então a CBDE e suas afiliadas ampliam as ações voltadas ao esporte escolar no país, assumindo maior protagonismo ao passo que integra uma cadeia hierárquica do esporte escolar no mundo, sendo filiada à Federação Internacional do Esporte Escolar (ISF), à Federação Internacional de Escolas Católicas (FISEC) e tendo o reconhecimento do COB. O crescimento de novas instituições responsáveis pelo esporte escolar no Brasil e no Paraná, cria um segundo sistema de competições escolares. O primeiro já estabelecido historicamente, baseado na organização das prefeituras (fases municipais), dos governos estaduais (fases regionais e estaduais) e do COB (fase nacional), que até então indicavam a ISF as equipes representantes do Brasil em competições internacionais. O segundo sistema é baseado na organização de competições regionais pela FDEPR, no caso do Paraná, com as escolas vencedoras seguindo para as competições nacionais promovidas pela CBDE e depois torneios internacionais da ISF ou federações afiliadas.

Na maioria das competições internacionais, o foco é voltado para seleções nacionais de estudantes de uma determinada faixa etária, não se restringindo a equipe de uma única instituição de ensino vencedora em seu país. Quando o COB indica sua representante nacional para as competições da ISF, suas equipes são de estudantes de uma única escola vencedora dos Jogos Escolares da Juventude nas suas modalidades específicas, enquanto a maioria dos outros países disputam com seleções nacionais. Como esse segundo sistema baseado na CBDE ainda é recente, estando em processo de consolidação, várias competições da ISF contavam com a indicação feita pelo COB das equipes vencedoras nos JEBs.

Mesmo com todo esse movimento no subcampo dos Jogos Escolares em escala nacional, o principal evento no esporte escolar paranaense continua sendo os Jogos Escolares do Paraná, com a promoção da Paraná Esporte em parceria com prefeituras, Núcleos Regionais de Educação e mais recentemente da própria FDEPR.

Nos últimos anos, a Paraná Esporte e a Secretária de Educação do Estado, lançaram programas na direção de incentivar diretamente uma melhora no nível dos jogos e ampliação da participação das escolas. O primeiro programa foi o Talento Olímpico do Paraná, criado em 2011, na intenção de transformar o estado em referência nacional no esporte, dando condições de manter os grandes atletas no Paraná e ainda criando um forte cenário nas categorias de formação.

O Talento Olímpico do Paraná, consistia na oferta de bolsas em valores escaláveis, começando com atletas em formação até atletas de nível olímpico. No caso dos Jogos Escolares, os atletas se enquadravam no primeiro nível (formação), durante as edições os regulamentos e valores distribuídos sofreram alterações, mas de maneira geral aqueles que chegassem até a fase estadual dos JEPs com algum destaque poderiam concorrer a bolsa. No decorrer dos anos o projeto mudou de nome, passando a se chamar Geração Olímpica, e durante toda a sua vigência contou com o patrocínio da Companhia Paranaense de Energia (COPEL).

Buscando ampliar a participação das escolas nos JEPs a Superintendência de Estado da Educação (SUED), cria em 2014, as Aulas Especializadas de Treinamento Esportivo (AETE), integrando essa ação a Política da Educação Integrada, regulamentada pela Instrução nº 012/2014 – SUED (SURKAMP, 2016).

2.1 – AULAS ESPECIALIZADAS EM TREINAMENTO ESPORTIVO – AETE

As aulas Especializadas em Treinamento Esportivo – AETE tem por objetivo desenvolver e identificar talentos esportivos no contexto da escola, formar e organizar equipes esportivas e participar dos Jogos Escolares do Paraná e outros eventos similares, promovidos pela Secretaria de Estado da Educação e/ou comunidade.

[...]

2.1.2 Funcionamento

As Aulas Especializadas em Treinamento Esportivo deverão ter a carga horária de 4 (quatro) horas semanais distribuídas em, no mínimo, 2 (dois) dias para os estudantes da mesma modalidade e matriculados no mesmo estabelecimento de ensino.

2.1.3 Abertura e Organização das Turmas

a) As atividades serão desenvolvidas em modalidades coletivas, com número mínimo de 20 (vinte) e máximo de 25 (vinte e cinco) alunos por turma, e em modalidades individuais, com número mínimo de 10 e máximo de 25 alunos, atendendo às fases de aprendizado:

Fase 1 – Iniciação (fundamentos básicos das modalidades esportivas);

Fase 2 – Intermediária (aperfeiçoamento dos aspectos técnicos e táticos);

Fase 3 – Avançado (aprofundamento dos aspectos técnicos e táticos). (SUED, 2014, p.1-2).

Para a escola aderir as AETE o professor responsável pelas turmas deveria ser concursado e a manutenção do projeto era condicionada a participação da escola nos JEPs nas edições seguintes. As modalidades escolhidas pelas instituições de ensino deveriam estar de acordo com o regulamento dos jogos e as atividades deveriam ser desenvolvidas no contraturno da matrícula escolar dos alunos.

Tanto o programa Talento Olímpico do Paraná, rebatizado de Geração Olímpica, como as AETE, ainda estão ativos atualmente (2022). Ambos os programas desempenharam uma influência direta no JEPs, além desses, inúmeras ações que não necessariamente tem relação direta com os jogos foram e ainda são desenvolvidas pela Paraná Esporte. Uma ação que teve a premissa de pensar em toda estrutura do esporte paranaense administrado pelo Estado, foi a Política de Esportes do Paraná, documento publicado em 2018 após alguns anos de pesquisa e formulação.

A Política de Esportes do Paraná se constitui como o primeiro pilar de um total de cinco que formam o sistema esportivo estadual; resumidamente os cinco pilares e objetivos seriam os seguintes: **1. Política de Esportes:** a) dar clareza aos objetivos, b) conceituar os processos e definir linhas de atuação; **2. Público Estratégico:** a) Identificar os principais públicos estratégicos, b) construir uma rede de responsabilidades e conceber uma visão sistêmica da Política do Esporte; **3. Plano de ações:** a) identificar ideias e ações, b) definir competências, c) mapear intervenções necessárias à consolidação dos objetivos da política e d) delinear ações voltadas a pesquisa, equipamentos, infraestrutura, direito e legislação, engenharia, programas, projetos e atividades; **4. Gestão Integrada:** a) identificar a estrutura, b) definir a dinâmica de funcionamento, c) mapear os processos gerenciais, d) alinhar objetivos e metas organizacionais, e) delinear RH, financiamento e capacitação, f) definir unidades de medidas, indicadores e metas, g) identificar fontes de financiamento; **5. Sistema Integrado de informações:** a) coletar, organizar, comparar e monitorar as informações, b) construir um banco de dados, c) dar suporte a gestão integrada, d) fortalecer os processos decisórios, e) respaldar o feedback e retroalimentação (PARANÁ, 2018).

O documento enfatiza que seu propósito não é o de definir condições para que as ações se concretizem, mas sim, identificar o que é necessário realizar e o porquê realizar, através da definição de prioridades e da articulação entre setor público, privado e terceiro setor (PARANÁ, 2018). Sendo assim, seus dois principais objetivos seriam “[...] sensibilizar as pessoas para a importância da prática do esporte ao longo de toda sua vida, assegurando-lhes as oportunidades e condições de acesso” e “[...] incentivar e oportunizar o desenvolvimento dos talentos esportivos” (PARANÁ, 2018, p. 95).

Após evidenciar as normativas em âmbito legislativo que caracterizam o esporte em nível estadual e nacional e os direcionamentos teóricos que nortearam essas leis, o documento identifica a ausência de uma matriz esportiva que melhor representasse os anseios de governos em seus diferentes níveis de atuação e da sociedade como um todo (PARANÁ, 2018).

FIGURA 13 - BIOGRAFIA DO ESPORTE.



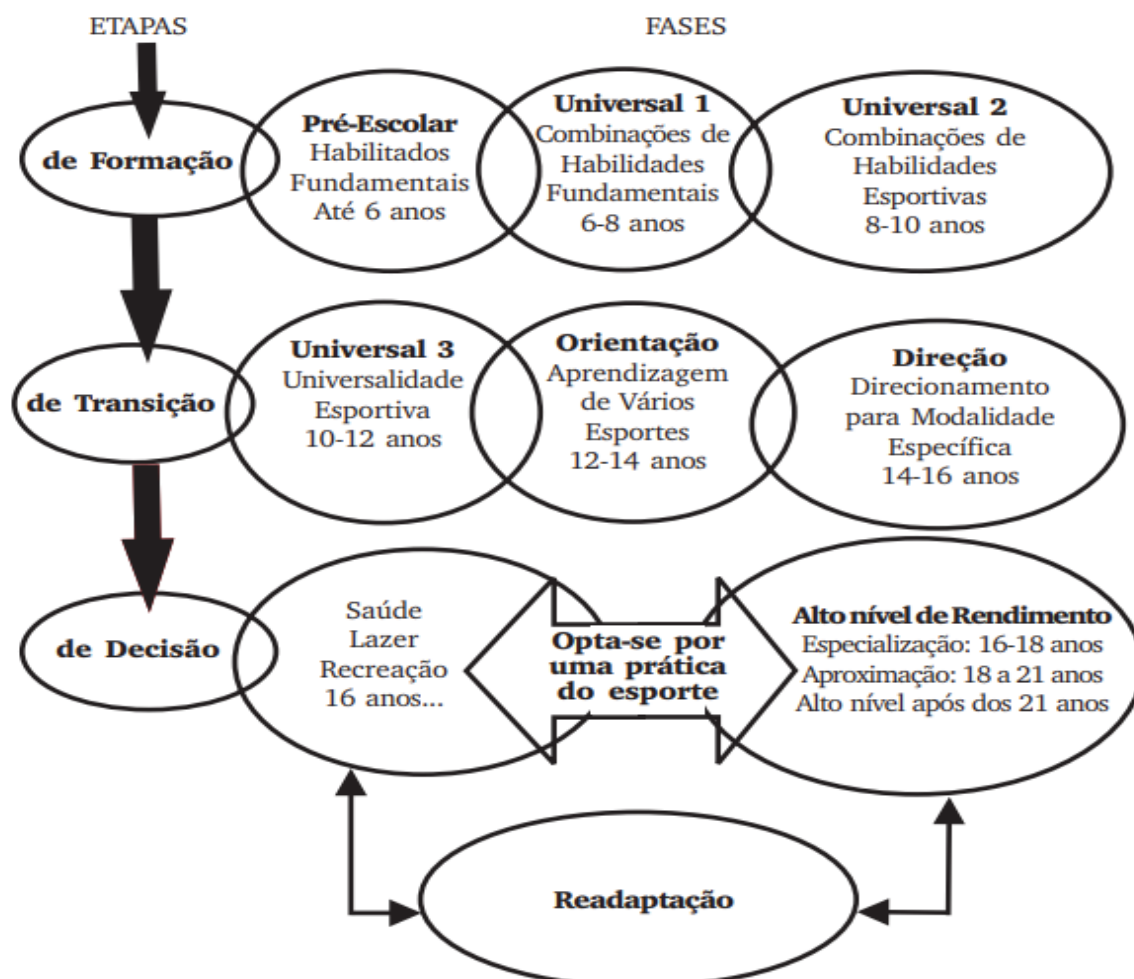
FONTE: Política de Esportes do Paraná (PARANÁ, 2018, p. 80).

Assim, pautado no trabalho do Grupo de Trabalho do Sistema Nacional do Esporte (GTSNE), e em estudos de Greco e Silva (2008), é elaborado um modelo com a intencionalidade de melhor orientar o entendimento e atuação das diferentes esferas (pública, privada e terceiro setor) no esporte, aonde minimamente algumas lacunas encontradas anteriormente poderiam ser preenchidas.

Essa 'Biografia do Esporte' segue com algumas adaptações a premissa teórica de uma metodologia de ensino chamada de Estrutura Temporal, proposta por Greco e Silva (2008), que adotam importantes referenciais da área de Desenvolvimento Motor. Esta Estrutura Temporal é constituída de quatro etapas sequenciais: formação, transição, decisão e readaptação, que, por sua vez, incorporam nove fases, que se relacionariam pedagógica, didática e metodologicamente entre si. Os objetivos de cada etapa e fase seriam determinados

pela interação de fatores como a idade cronológica, a experiência, a cultura corporal de movimento e a maturidade biológica (GRECO E SILVA, 2008).

FIGURA 14 - ESTRUTURA TEMPORAL COM SUAS ETAPAS E FASES. ²²



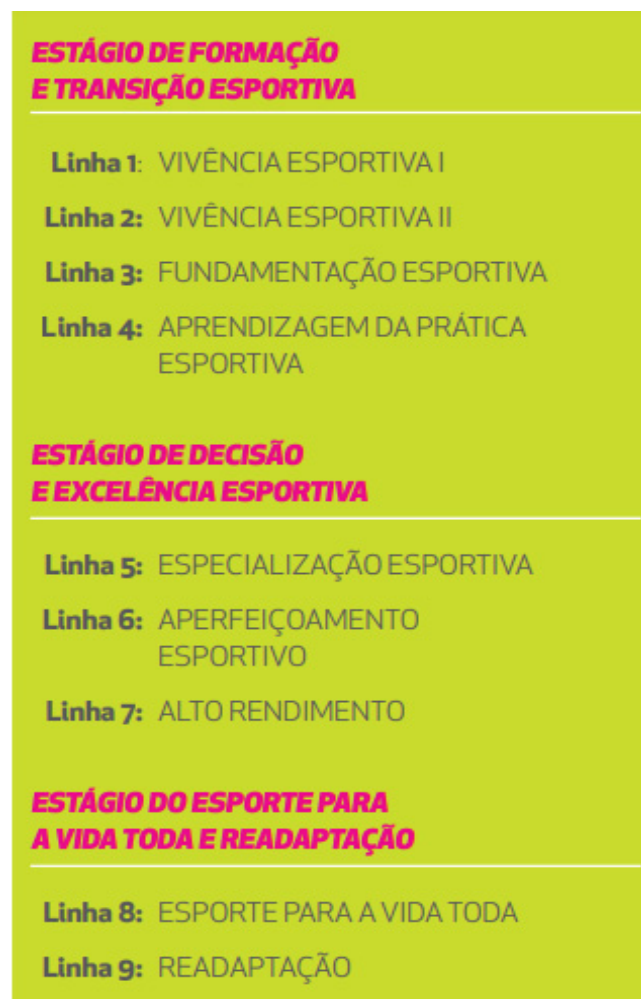
FONTE: Greco e Silva (2008, p. 89).

Utilizando a proposta metodológica de Greco e Silva (2008), a Política de Esportes do Paraná compreende o desenvolvimento esportivo em 3 estágios que englobam 9 linhas de atuação, na qual procura estabelecer um entendimento do indivíduo de acordo com seu nível de desenvolvimento esportivo. Os estágios e linhas seriam assim distribuídos: **1º Estágio - Formação e transição esportiva:** Linha 1: vivência esportiva I (0 a 5 anos), Linha 2: vivência esportiva II (06 a 10 anos), Linha 3: fundamentação esportiva (11 a 14 anos), Linha 4: aprendizagem da prática esportiva (15 a 17 anos); **2º Estágio - Decisão e excelência esportiva:**

²² A estrutura apresentada sofre adaptações de trabalhos anteriores (GRECO, 1995; GRECO; BENDA, 2006).

Linha 5: especialização esportiva (18 a 19 anos), Linha 6: aperfeiçoamento esportivo (19 a 21 anos), Linha 7: alto rendimento (após 21 anos); **3º Estágio - Esporte para a vida toda e readaptação:** Linha 8 : esporte para a vida toda (todas as idades), Linha 9 : readaptação (todas as idades) (PARANÁ, 2018).

FIGURA 15 - RESUMO DOS 3 ESTÁGIOS E 9 LINHAS DE ATUAÇÃO.



FONTE: Paraná (2018, p. 112).

As idades propostas não são estanques, apenas são demarcadas como base de referência. O texto da política reforça que em alguns casos podem existir particularidades que não se enquadrem especificamente em uma faixa etária. Após a formulação da política de esportes, boa parte dos programas e projetos da Paraná Esportes começaram ser pensados dentro dessa concepção.

Na Política de Esportes é reconhecido a necessidade de diálogo entre sistema esportivo e sistema educacional, não procurando realizar um aprofundamento em conteúdos pertencentes a estrutura curricular da Educação

Física Escolar, mas centrando o foco em conteúdos esportivos que se apresentam fora das atividades curriculares, podendo ou não se desenvolver em estabelecimentos de ensino.

Dessa forma, cumpre-nos tão somente reconhecer a necessária interface entre o Sistema Educacional já constituído e o Sistema Esportivo, esse ainda em fase de construção e consolidação, procurando identificar pontos de convergência e alinhamento capazes de alavancar não somente o desenvolvimento educacional, mas também esportivo, recíproca e concomitantemente, corroborando, portanto, ao desenvolvimento dos dois sistemas, e também dos alunos da Educação Básica, pelo viés do esporte escolar (PARANÁ, 2018, p. 99).

Na lógica proposta da biografia do esporte, os JEPs estariam situados principalmente na aprendizagem de vários esportes aliados ao desenvolvimento do gosto pela prática (10 a 16 anos), podendo nos anos finais de participação no evento se situar na especialização esportiva. Na proposta de Greco e Silva (2008), os Jogos Escolares fariam parte da etapa de transição, nas fases universal 3, orientação e direção.

Todavia, para nosso objeto de pesquisa que tem o foco a faixa etária de 12 a 14 anos, e considerando os estágios e linhas de desenvolvimento, estaríamos posicionando a nossa discussão no 1º estágio de Formação e Transição esportiva, na linha 3, de fundamentação esportiva. Isso será importante para discussão que será abordada no próximo capítulo, onde falaremos da organização das políticas públicas em diferentes regiões do Estado.

No próximo capítulo apresentamos e discutimos os resultados das escolas participantes nas fases regionais e finais dos Jogos Escolares do Paraná, entre os anos de 2012 e 2019. Procurando entender padrões de regularidade que possibilitassem a formulação de indicadores avaliativos do desempenho e da participação das escolas, municípios e núcleos regionais de educação do Estado no evento.

5 INDICADORES DE DESEMPENHO E PARTICIPAÇÃO DAS ESCOLAS NAS FASES REGIONAIS E FINAL DOS JOGOS ESCOLARES DO PARANÁ

Considerando todo o período entre 2012 e 2019, em que as coletas e análises se concentraram, obtivemos um total de 3.511 linhas e 12 colunas com informações das fases regionais e finais das escolas participantes dos JEPs. As informações foram organizadas em planilha de Excel e posteriormente os dados foram entrecruzados através de planilhas dinâmicas para a construção de gráficos e tabelas. Após esse processo, buscamos no subcapítulo 5.1, contemplar dados demonstrando graficamente os percentuais de equipes participantes dos JEPs na fase regional de cada ano analisado, de forma generalizada nas categorias masculina e feminina, e também apresentamos os percentuais de participação de equipes nas fases regionais por modalidade disputada.

No subcapítulo 5.2, são expostos os índices de participação dos Núcleos Regionais de Educação, considerando o conglomerado de escolas de cada núcleo, mostrando os resultados gerais de todas as modalidades analisadas, apresentando os resultados das modalidades de Basquetebol, Handebol e Voleibol de maneira conjunta e, por fim, os resultados isolados da modalidade de Futsal.

No subcapítulo 5.3, são expostos os índices relativos do potencial de participação nos JEPs de um determinado município, considerando o conglomerado de escolas de cada cidade e na apresentação dos resultados destacamos quatro municípios de cada Núcleo Regional de Educação, os dois com maiores índices e os dois com menores índices relativos de participação.

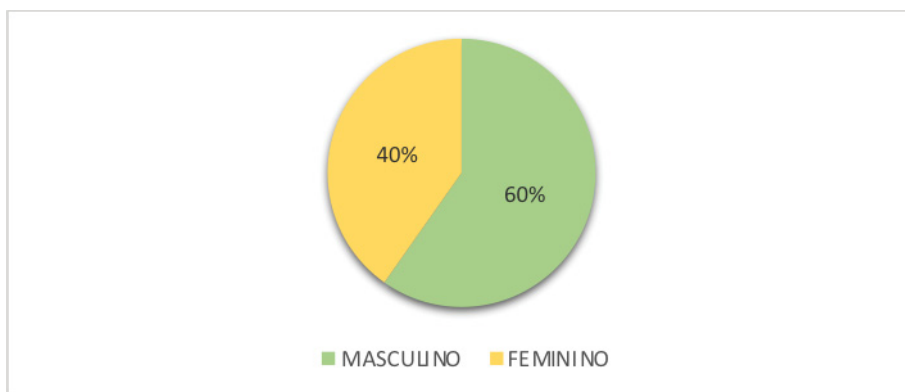
Para melhor compreensão da leitura dos dados que serão apresentados na sequência, destacamos os municípios que integram os oito Núcleos Regionais de Educação que estamos analisando. **Área Metropolitana Sul (14 municípios):** Agudos do Sul, Araucária, Balsa Nova, Campo do Tenente, Campo Largo, Contenda, Fazenda Rio Grande, Lapa, Mandirituba, Piên, Quitandinha, Rio Negro, São José dos Pinhais e Tijucas do Sul; **Ponta Grossa (11 municípios):** Carambeí, Castro, Imbituva, Ipiranga, Ivaí, Palmeira, Piraí do Sul, Ponta Grossa, Porto Amazonas, São João do Triunfo e Tibagi; **Francisco Beltrão (20 municípios):** Ampére, Barracão, Bela Vista da Caroba, Bom Jesus do Sul, Capanema, Enéas Marques, Flor da Serra do Sul, Francisco Beltrão, Manfrinópolis, Marmeleiro, Pinhal de São Bento, Planalto, Pranchita, Pérola d'Oeste, Realeza, Renascença, Salgado

Filho, Santa Izabel do Oeste, Santo Antônio do Sudoeste e Verê; **Cascavel (18 municípios)**: Anahy, Boa Vista da Aparecida, Braganey, Cafelândia, Campo Bonito, Capitão Leônidas Marques, Cascavel, Catanduvas, Corbélia, Céu Azul, Guaraniaçu, Ibema, Iguatu, Lindoeste, Santa Lúcia, Santa Tereza do Oeste, Três Barras do Paraná e Vera Cruz do Oeste; **Maringá (25 municípios)**: Ângulo, Astorga, Atalaia, Colorado, Doutor Camargo, Floraí, Floresta, Flórida, Iguaçu, Itambé, Ivatuba, Lobato, Mandaguari, Mandaguaçu, Marialva, Maringá, Munhoz de Melo, Nossa Senhora das Graças, Ourizona, Paçandu, Presidente Castelo Branco, Santa Fé, Santo Inácio, Sarandi e São Jorge do Ivaí; **Paranavaí (21 municípios)**: Alto Paraná, Amaporã, Cruzeiro do Sul, Guairaçá, Inajá, Itaguajé, Jardim Olinda, Mirador, Nova Aliança do Ivaí, Nova Esperança, Paranacity, Paranapoema, Paranavaí, Paraíso do Norte, Santa Inês, Santo Antônio do Caiuá, São Carlos do Ivaí, São João do Caiuá, Tamboara, Terra Rica e Uniflor; **Londrina (19 municípios)**: Alvorada do Sul, Bela Vista do Paraíso, Cafeara, Cambé, Centenário do Sul, Florestópolis, Guaraci, Ibiporã, Jaguapitã, Londrina, Lupionópolis, Miraselva, Pitangueiras, Porecatu, Prado Ferreira, Primeiro de Maio, Rolândia, Sertanópolis e Tamarana; **Cornélio Procopio (19 municípios)**: Assaí, Bandeirantes, Congonhinhas, Cornélio Procopio, Itambaracá, Jataizinho, Leópolis, Nova América da Colina, Nova Fátima, Nova Santa Bárbara, Rancho Alegre, Santa Amélia, Santa Cecília do Pavão, Santa Mariana, Santo Antônio do Paraíso, Sertaneja, São Jerônimo da Serra, São Sebastião da Amoreira e Uraí.

5.1 DISTRIBUIÇÃO DOS ALUNOS E MODALIDADES NAS FASES REGIONAIS.

Quando estruturamos os dados das fases regionais dos NREs da Área Metropolitana Sul, Cascavel, Cornélio Procopio, Francisco Beltrão, Maringá, Paranavaí, Ponta Grossa e Londrina, encontramos o número de 2444 equipes participantes dos JEPs entre os anos de 2012 a 2019, as quais representaram 429 escolas diferentes nas modalidades de basquetebol, handebol, futsal e voleibol, sendo possível chegar aos percentuais de participação dos naipes masculinos e femininos.

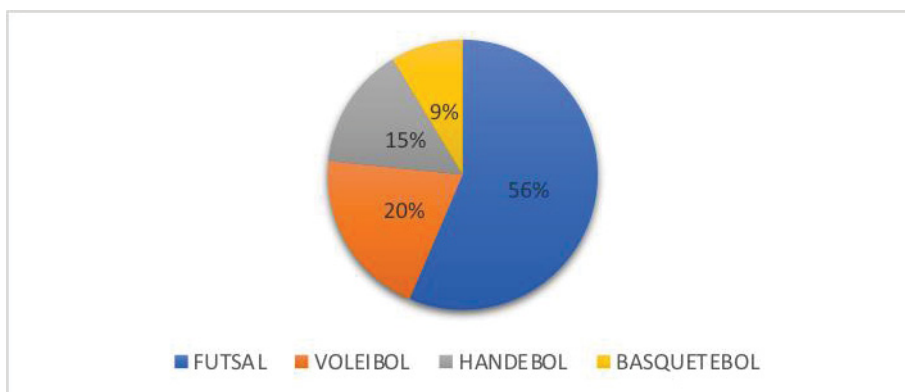
GRÁFICO 1 - PERCENTUAL DE PARTICIPAÇÃO DE EQUIPES POR NAÍPE.



NOTA: Gráfico elaborado pelo autor (2020).

Em números absolutos a participação de equipes femininas nos JEPs foi de 983, representando 40% do total, enquanto as equipes masculinas tiveram 1461 participações, correspondente a 60% do total. Na sequência procurou-se identificar os resultados da cultura esportiva das escolas em cada modalidade, considerando os dois naipes de maneira conjunta.

GRÁFICO 2 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL GERAL DAS MODALIDADES PRATICADAS NAS FASES REGIONAIS DOS JEPS.



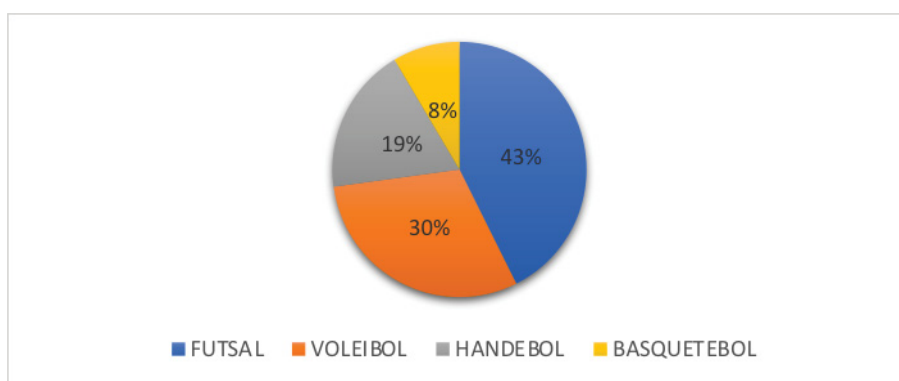
NOTA: Gráfico elaborado pelo autor (2020).

Em todo período analisado o futsal foi a modalidade mais praticada, com a participação de 336 escolas que tiveram 1380 equipes competindo nos JEPs, representando 56% da amostra; a segunda modalidade mais praticada foi o voleibol com 20%, tendo 495 equipes de 153 escolas; a terceira modalidade foi o handebol com 15%, tendo 359 equipes de 100 escolas; e o basquetebol como quarta modalidade, totalizando 9% da amostra, com 212 equipes de 74 escolas.

Somando os percentuais das modalidades basquetebol, handebol e voleibol, chegamos a um total de 44%, o que demonstra um predomínio do futsal como

modalidade mais praticada entre as escolas nas fases regionais analisadas. Mas a análise desses resultados de maneira generalizada pode inviabilizar a percepção de certas particularidades de meninos e meninas, pois quando analisamos os resultados da participação nas modalidades por naipes masculinos e femininos, algumas diferenças se acentuam, enquanto outras diminuem.

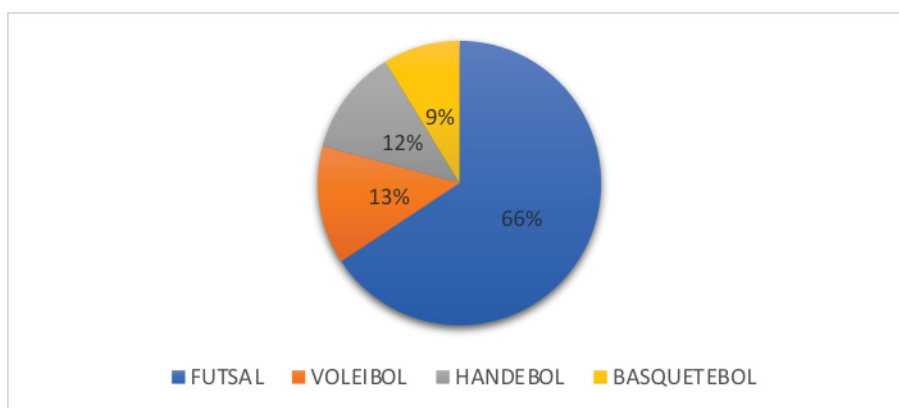
GRÁFICO 3 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS MODALIDADES PRATICADAS NAS FASES REGIONAIS DOS JEPS NO NAÍPE FEMININO.



NOTA: Gráfico elaborado pelo autor (2020).

Ainda que a ordem de prevalência das modalidades não se altere, é possível notar que em comparação ao gráfico geral da distribuição percentual das modalidades praticadas, na categoria feminina a distribuição é mais equânime, com as participações no futsal totalizando 43% (419 equipes de 180 escolas), no voleibol 30% (297 equipes de 111 escolas), no handebol 19% (183 equipes de 67 escolas) e no basquetebol 8% (84 equipes de 37 escolas).

GRÁFICO 4 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS MODALIDADES PRATICADAS NAS FASES REGIONAIS DOS JEPS NO NAÍPE MASCULINO.



NOTA: Gráfico elaborado pelo autor (2020).

Para categoria masculina constatamos um predomínio ainda maior da presença do futsal sobre as outras modalidades, representado 66% (960 equipes de 267 escolas) da amostra, enquanto o voleibol 13% (197 equipes de 88 escolas), o handebol 12% (176 equipes de 75 escolas) e o basquetebol 9% (128 equipes de 61 escolas), se somados os valores percentuais das três últimas modalidades temos o número de 34%, um terço do total. Interessante notar que, assim como na categoria feminina, o basquetebol mantém praticamente os mesmos números, enquanto que no handebol e no voleibol o naípe feminino aumenta em relação aos percentuais gerais e no naípe masculino o processo é inverso, sendo o voleibol a modalidade com a redução mais significativa.

5.2 ÍNDICE DE PARTICIPAÇÃO DAS ESCOLAS NAS FASES REGIONAIS POR NÚCLEOS REGIONAIS DE EDUCAÇÃO

No subcapítulo 5.1, os resultados demonstraram os índices de participação das escolas de todos os NREs por categoria e para cada uma das modalidades coletivas disputadas nas fases regionais dos JEPs. Neste subcapítulo procuramos detalhar os resultados de participação do conglomerado de escolas em cada NREs, sendo possível verificar quais núcleos têm as escolas com o maior potencial de participação nos JEPs ao longo de todo o período analisado.

Para apresentação dos resultados foi organizado uma classificação dos NREs que tiveram as escolas com mais participações nos JEPs e, para construir essa classificação, foram consideradas as diferenças do número total de escolas que fazem parte da estrutura administrativa de cada NRE, com o número total de escolas diferentes que participaram dos JEPs. Sendo assim, não se avaliou apenas os números absolutos de participação das escolas para evitar distorções que considerassem o NRE com o maior número de presenças no evento como aquele que tem o maior potencial de participação. Por exemplo, ao compararmos um núcleo regional X que tem 110 escolas em sua estrutura administrativa e que contabilizou 50 participações nos JEPs, com um núcleo regional Y que tem 60 escolas em sua estrutura administrativa e que contabilizou 35 participações nos JEPs, poderíamos considerar que o núcleo regional X é aquele com maior potencial de participação já que teve 50 presenças em todo o período, mas ao fazermos isso, vamos estar

menosprezando o fato do núcleo regional X ter quase o dobro de escolas em sua estrutura administrativa.

Com esse quadro de diferenças na quantidade total de escolas de cada região, que acabam por refletir as diferenças populacionais da faixa etária que o estudo está dedicado, entendemos que seria mais profícuo apresentar os resultados em números relativos, a partir de uma divisão simples da soma do número de escolas diferentes que participaram dos JEPs, pelo número total de escolas que fazem parte da estrutura administrativa deste mesmo NRE. Realizando essa divisão, chegamos ao índice percentual que pode ser mais efetivo para avaliar as particularidades de cada região.

TABELA 4 - PERCENTUAL GERAL DOS NÚCLEOS REGIONAIS DE EDUCAÇÃO POR ESCOLAS DISTINTAS QUE PARTICIPARAM DA FASE REGIONAL (2012 – 2019).

CLASSIFICAÇÃO	NÚCLEO REGIONAL	Nº DE ESCOLAS DO NÚCLEO	Nº DE ESCOLAS PARTICIPANTES	PERCENTUAL
1	PARANAVAÍ	49	40	81,6%
2	CORNÉLIO PROCÓPIO	71	46	64,8%
3	FRANCISCO BELTRÃO	99	63	63,6%
4	MARINGÁ	125	59	47,2%
5	ÁREA METROPOLITANA SUL	172	80	46,5%
6	CASCADEL	110	47	42,7%
7	LONDRINA	162	65	40,1%
8	PONTA GROSSA	149	44	29,5%

NOTA: Tabela elaborado pelo autor (2020).

Na tabela 4 vemos que o NRE de Paranavaí é aquele que tem o maior percentual de participação de suas escolas nos JEPs, entre os anos de 2012 e 2019, nas quatro modalidades coletivas analisadas. Isso não significa afirmar que o NRE de Paranavaí teve o maior número de equipes inscritas na competição, até porque uma mesma escola pode ter equipes nas quatro modalidades com participações em anos consecutivos nas edições da competição.

Quando focamos nosso olhar para uma análise da multiplicidade de escolas que integram o JEPs em cada regional, estamos investigando um importante aspecto de democratização do acesso a esses eventos por um maior número possível de adolescentes. Se voltássemos o nosso olhar apenas para o número de equipes inscritas nas fases regionais, em alguns casos poderíamos ter a falsa percepção de que uma região tem maior potencial de participação da comunidade

escolar do que outra região, o que nem sempre é verdade, tendo situações em que algumas escolas desempenham um predomínio de aparições nas fases regionais, não porque venceram suas seletivas municipais, mas porque simplesmente não há outras equipes para competirem contra em suas cidades.

Durante a coleta foi possível evidenciar cidades com várias escolas que não tinham nenhuma equipe inscrita em determinadas modalidades, enquanto outras cidades, com menos, tinham várias equipes inscritas de diferentes instituições de ensino. A diversidade de instituições de ensino participando do JEPs pode denotar um certo potencial de democratização da formação esportiva a nível colegial de uma região.

Quando analisamos os dados por modalidade, verificamos algumas mudanças na classificação das regiões. É importante destacar que o futsal foi analisado isoladamente, dado sua forte presença no evento em todas as regiões, tanto para a categoria masculina como para a feminina, adotamos essa estratégia na exposição dos dados com o objetivo de evitar distorções na leitura.

TABELA 5 - PERCENTUAL GERAL DOS NÚCLEOS REGIONAIS DE EDUCAÇÃO POR ESCOLAS DISTINTAS QUE PARTICIPARAM DA FASE REGIONAL (2012 – 2019), NAS MODALIDADES DE BASQUETEBOL, HANDEBOL E VOLEIBOL.

CLASSIFICAÇÃO	NÚCLEO REGIONAL	Nº DE ESCOLAS DO NÚCLEO	Nº DE ESCOLAS PARTICIPANTES	PERCENTUAL
1	PARANAVAÍ	49	27	55,1%
2	MARINGÁ	125	41	32,8%
3	CORNÉLIO PROCÓPIO	71	23	32,4%
4	CASCADEL	110	30	27,3%
5	ÁREA METROPOLITANA SUL	172	46	26,7%
6	FRANCISCO BELTRÃO	99	26	26,3%
7	LONDRINA	162	38	23,5%
8	PONTA GROSSA	149	26	17,4%

NOTA: Tabela elaborado pelo autor (2020).

Se no percentual geral o NRE de Paranavaí já se posicionava como aquele que tem a maior variabilidade de escolas participando das fases regionais dos JEPs, quando consideramos o Basquetebol, o Handebol e o Voleibol, conjuntamente, evidenciamos uma diferença ainda maior para o segundo colocado. Em contrapartida, o NRE de Ponta Grossa continua com o menor percentual entre as oito sedes administrativas analisadas. Também podemos perceber que praticamente

todos os NREs reduzem quase pela metade seus percentuais quando comparamos a tabela 5 com a tabela 4.

Quando analisamos apenas o Futsal não temos mudanças nas posições dos NREs que se encontram nas extremidades da tabela, enquanto outros núcleos demonstram variações interessantes que cabem ser pontuadas. É o caso do NRE de Francisco Beltrão que mais do que dobra o seu percentual, Cornélio Procópio também tem um aumento considerável, indicando um predomínio do futsal nessas regiões, já os NREs de Maringá, Cascavel e Área Metropolitana Sul alternam suas posições e demonstram um aumento menos acentuado na relação do futsal com as outras modalidades, indicando um maior equilíbrio na prática de diferentes esportes coletivos.

TABELA 6 - PERCENTUAL GERAL DOS NÚCLEOS REGIONAIS DE EDUCAÇÃO POR ESCOLAS DISTINTAS QUE PARTICIPARAM DA FASE REGIONAL (2012 – 2019), NA MODALIDADE FUTSAL.

CLASSIFICAÇÃO	NÚCLEO REGIONAL	Nº DE ESCOLAS DO NÚCLEO	Nº DE ESCOLAS PARTICIPANTES	PERCENTUAL
1	PARANAVAÍ	49	29	59,2%
2	CORNÉLIO PROCÓPIO	71	41	57,7%
3	FRANCISCO BELTRÃO	99	55	55,6%
4	MARINGÁ	125	51	40,8%
5	CASCADEL	110	39	35,5%
6	ÁREA METROPOLITANA SUL	172	56	32,6%
7	LONDRINA	162	42	25,9%
8	PONTA GROSSA	149	33	22,1%

NOTA: Tabela elaborado pelo autor.

O NRE de Ponta Grossa chama a atenção aparecendo em último lugar em todos os cenários, tendo poucas escolas participantes em relação ao número total de escolas de sua estrutura administrativa. O que pode influenciar isso é o tamanho populacional das cidades dos outros NREs, cidades menores e com poucas escolas podem em muitos casos eliminar a necessidade de seletivas municipais, mas isso é apenas uma hipótese já que não estamos analisando as fases municipais. As particularidades das cidades vão ficar mais claras no próximo subcapítulo.

5.3 POTENCIAL DE PARTICIPAÇÃO DAS ESCOLAS NAS FASES REGIONAIS POR MUNICÍPIOS

Os critérios de cálculo que realizamos nesse subcapítulo seguem a mesma lógica do subcapítulo anterior, mas a diferença é que não consideramos o número de participações de escolas distintas como fizemos na análise dos percentuais dos NREs. Consideramos sim, o número total de participações de equipes por modalidades, para todas as escolas de um município, independente da escola ser a mesma ou não, isso porque várias cidades têm apenas uma escola e se tentássemos estabelecer o critério de divisão por escolas distintas não conseguiríamos identificar as diferenças reais entre municípios com poucas escolas. Por exemplo, poderíamos ter duas cidades que têm apenas uma escola, onde a primeira teve 12 equipes participando dos JEPs e a segunda teve 20 equipes participantes; quando estabelecemos a divisão entre o número total de escolas, que nesse caso seria uma, pelo número total de escolas distintas que participaram dos JEPs, que nesse caso também seria uma, teríamos o mesmo resultado para as duas cidades, ainda que a segunda tivesse participado com mais equipes no decorrer de todas edições analisadas.

Na exposição dos dados são apresentados os dois municípios com maior índice de participação e os dois municípios com menor índice de participação de cada núcleo regional.

TABELA 7 - MUNICÍPIOS COM MAIOR E MENOR POTENCIAL DE PARTICIPAÇÃO NA FASE REGIONAL DOS JEPS, DENTRO DE SEUS RESPECTIVOS NÚCLEOS REGIONAIS, NAS MODALIDADES DE BASQUETEBOL, HANDEBOL E VOLEIBOL (2012 – 2019).

NÚCLEO REGIONAL	MUNICÍPIOS	Nº DE ESCOLAS DO MUNICÍPIO	Nº PARTICIPAÇÕES NOS JEPs	ÍNDICE
ÁREA METROPOLITANA SUL	FAZENDA RIO GRANDE	18	26	1,44
	RIO NEGRO	1	1	1,00
	SÃO JOSÉ DOS PINHAIS	43	27	0,63
	TIJUCAS DO SUL	2	1	0,50
PONTA GROSSA	CASTRO	18	28	1,56
	TIBAGI	5	7	1,40
	CARAMBEÍ	7	2	0,29
	PALMEIRA	15	4	0,27
FRANCISCO BELTRÃO	RENASCEÇA	1	6	6,00
	PÉROLA D'OESTE	3	12	4,00
	FLOR DA SERRA DO SUL	2	1	0,50
	FRANCISCO BELTRÃO	23	9	0,39
CASCADEL	CÉU AZUL	3	15	5,00

	CORBÉLIA	4	11	2,75
	BRAGANEY	3	1	0,33
	LINDOESTE	3	1	0,33
MARINGÁ	OURIZONA	1	12	12,00
	ITAMBÉ	1	8	8,00
	IVATUBA	2	1	0,50
	SÃO JORGE DO IVAÍ	5	2	0,40
PARANAVAÍ	SÃO CARLOS DO IVAÍ	1	16	16,00
	TAMBOARA	1	13	13,00
	CRUZEIRO DO SUL	1	1	1,00
	UNIFLOR	1	1	1,00
LONDRINA	FLORESTÓPOLIS	1	9	9,00
	PRADO FERREIRA	1	9	9,00
	CAMBÉ	14	13	0,93
	LONDRINA	101	45	0,45
CORNÉLIO PROCÓPIO	NOVA FÁTIMA	2	11	5,50
	URAÍ	4	14	3,50
	JATAIZINHO	2	1	0,50
	SANTA AMÉLIA	2	1	0,50
	SÃO JERÔNIMO DA SERRA	8	4	0,50

NOTA: Tabela elaborado pelo autor (2020).

Para interpretarmos os valores, precisamos considerar que o número máximo de participações que as escolas de um município poderiam ter no decorrer das edições de 2012 a 2019, seria de 48 e, como vemos na tabela anterior, nenhuma cidade atingiu esse número. Dentro dos critérios adotados, chama a atenção que as cidades com os melhores índices de participação são aquelas de menor porte, enquanto cidades como Francisco Beltrão, São José dos Pinhais e Londrina que têm um número considerável de escolas, apresentam um baixo índice. No decorrer das análises percebemos que esse método de divisão acaba “puxando para baixo” os índices das cidades de médio e grande porte populacional, quando consideramos somente algumas modalidades em um pequeno espaço de tempo. Portanto, ainda que uma cidade de maior porte estivesse somando 48 participações, seus índices ainda seriam baixos. Isso evidencia uma limitação do estudo e uma indicação para futuros estudos que adotem a mesma proposta metodológica. Mesmo com essas limitações, ressaltamos que nenhuma cidade chegou a atingir o número máximo de participações.

TABELA 8 - MUNICÍPIOS COM MAIOR E MENOR POTENCIAL DE PARTICIPAÇÃO NA FASE REGIONAL DOS JEPS, DENTRO DE SEUS RESPECTIVOS NÚCLEOS REGIONAIS, NAS QUATRO MODALIDADES (BASQUETEBOL, FUTSAL, HANDEBOL E VOLEIBOL) (2012 – 2019).

NÚCLEO REGIONAL	MUNICÍPIOS	Nº DE ESCOLAS DO MUNICÍPIO	Nº PARTICIPAÇÕES NOS JEPs	ÍNDICE
ÁREA METROPOLITANA SUL	PIÊN	2	16	8,00
	AGUDOS DO SUL	1	6	6,00
	SÃO JOSÉ DOS PINHAIS	43	41	0,95
	ARAUCÁRIA	34	32	0,94
PONTA GROSSA	SÃO JOÃO DO TRIUNFO	4	13	3,25
	TIBAGI	5	16	3,20
	CARAMBEÍ	7	6	0,86
	PALMEIRA	15	8	0,53
FRANCISCO BELTRÃO	BELA VISTA DA CAROBA	1	16	16,00
	RENASCENÇA	1	15	15,00
	ENÉAS MARQUES	3	5	1,67
	FRANCISCO BELTRÃO	23	22	0,96
CASCAVEL	ANAHY	1	14	14,00
	CÉU AZUL	3	28	9,33
	SANTA LÚCIA	2	3	1,50
	CASCAVEL	58	53	0,91
MARINGÁ	ITAMBÉ	1	18	18,00
	FLORAÍ	1	14	14,00
	SÃO JORGE DO IVAÍ	5	10	2,00
	MARINGÁ	60	61	1,02
PARANAVAÍ	SÃO CARLOS DO IVAÍ	1	30	30,00
	INAJÁ	1	20	20,00
	NOVA ESPERANÇA	7	29	4,14
	PARANAVAÍ	17	47	2,76
LONDRINA	CENTENÁRIO DO SUL	1	17	17,00
	PRADO FERREIRA	1	16	16,00
	BELA VISTA DO PARAÍSO	4	5	1,25
	LONDRINA	101	61	0,60
CORNÉLIO PROCÓPIO	NOVA AMÉRICA DA COLINA	1	15	15,00
	NOVA FÁTIMA	2	18	9,00
	SÃO JERÔNIMO DA SERRA	8	14	1,75
	LEÓPOLIS	2	1	0,50

NOTA: Tabela elaborado pelo autor (2020).

Inserindo a modalidade de futsal na análise com as demais modalidades apresentadas anteriormente, temos novamente as cidades menores apresentando os maiores índices e precisamos considerar que, ao realizar a análise das quatro modalidades de maneira conjunta, o número máximo de participações que as

escolas de um município poderiam ter no decorrer das edições de 2012 a 2019, seria de 64.

Ao compararmos o quadro das duas tabelas, identificamos alguns pontos relevantes, como o índice expressivo da cidade de São Carlos do Ivaí, que tem uma população de 6.352 habitantes (IBGE, 2010), e apenas uma escola, o Colégio Estadual São Carlos do Ivaí. Ao observarmos na planilha os dados detalhados, verificamos que a escola participou dos JEPs em todas as edições entre 2012 e 2019, em diferentes modalidades e sempre nos dois naipes, masculino e feminino. Esse alto índice também é verificado na cidade de Inajá, de 3.128 habitantes, que também tem apenas uma escola, a Escola Estadual Padre Anchieta, que participou de todas as edições nos dois naipes, com uma predominância do futsal para o naipe masculino e do voleibol no naipe feminino.

É possível identificar alguns municípios um pouco maiores e que apresentam bons índices dentro de seus núcleos regionais, como Uraí, Corbélia e Céu Azul. Tanto o município de Uraí (11.472 habitantes) como o de Corbélia (16.312 habitantes), tem quatro escolas, todas já participaram do JEPs ao menos uma vez no decorrer do período analisado, tanto na categoria masculina como feminina, em praticamente todas as modalidades, com exceção do basquetebol, em que Uraí não teve nenhuma participação. Já a cidade de Céu Azul (11.032 habitantes) tem um bom índice dentro de seu núcleo regional, mas das três escolas da cidade, quase todas as participações contabilizadas foram de apenas uma escola, do Colégio Estadual Monteiro Lobato, nas modalidades de voleibol e futsal, para as duas categorias, demonstrando seu predomínio na cidade ou ausência de projetos nas outras escolas do município.

O que podemos extrair desses dados é que, por algum motivo, as escolas de cidades menores em termos populacionais, sobretudo cidades do interior, têm uma maior taxa de participação nos JEPs, possibilitando para seus alunos que se encontram na faixa etária entre 12 a 14 anos uma maior chance de participação nos JEPs nas modalidades coletivas quando comparados aos escolares de cidades mais populosas. Outro ponto, é que mesmo os municípios que apresentam bons índices, em muitos casos têm apenas uma escola de sua cidade que participa e “monopoliza” a participação no evento. O monopólio nem sempre está associado ao fato de se conquistar as vagas por meio de seletivas municipais, até porque em determinadas edições, algumas modalidades sequer têm inscritos, caso recorrente

no basquetebol. Ao identificarmos cidades onde várias escolas de um município estão participando dos JEPs em diferentes edições, modalidades e categorias, podemos ter o indicativo de um possível cenário esportivo fértil a nível escolar.

5.4 POTENCIAL DE CONQUISTAS DE PÓDIOS NA FASE FINAL DOS JEPS

Nos tópicos anteriores procuramos analisar os índices de participação nas fases regionais dos JEPs. Já neste subcapítulo fazemos uma análise do desempenho das equipes na fase final. Procuramos compilar dados do número de participações das escolas e dividimos pelo número de pódios conquistados na competição. Os pódios alcançados correspondem as equipes que chegaram em uma das três primeiras colocações na classificação estadual dos JEPs.

TABELA 9 – PERCENTUAL DE PÓDIOS CONQUISTADOS POR NÚCLEOS REGIONAIS DE EDUCAÇÃO NA FASE FINAL (2012 – 2019)

NÚCLEO REGIONAL	Nº PARTICIPAÇÕES DE SUAS ESCOLAS	Nº PÓDIOS DE SUAS ESCOLAS	PERCENTUAL DE PÓDIOS POR PARTICIPAÇÃO
PONTA GROSSA	59	21	35,6%
MARINGÁ	62	22	35,5%
LONDRINA	59	11	18,6%
PARANAVAÍ	54	10	18,5%
CORNÉLIO PROCÓPIO	34	5	14,7%
CASCADEL	28	4	14,3%
FRANCISCO BELTRÃO	56	8	14,3%
ÁREA METROPOLITANA SUL	36	1	2,8%

NOTA: Tabela elaborado pelo autor (2021).

Com os dados apresentados podemos identificar que as escolas do Núcleo Regional de Ponta Grossa (35,6%) e Maringá (35,5%) são aquelas que obtiveram os maiores percentuais de conquistas de pódios, com resultados quase iguais, enquanto o Núcleo Regional da Área Metropolitana Sul (2,8%) obteve o pior desempenho com apenas uma conquista. Quando comparamos esses resultados com a Tabela 4 do percentual geral de participações das escolas na fase regional, encontramos um resultado inverso das escolas do NRE de Ponta Grossa, enquanto os índices de participação na fase regional era o menor entre todos os núcleos, na fase final o NRE de Ponta Grossa é o que apresenta melhor desempenho em conquistas.

No caso do NRE de Francisco Beltrão o processo se deu ao inverso, nas fases regionais este foi o núcleo com o terceiro melhor índice de participação (63,3%), enquanto na fase final foi o segundo pior desempenho em conquista de pódios (14,3%). Todavia, devemos novamente fazer a ressalva do impacto da modalidade de futsal nos resultados desse núcleo, podendo gerar distorções quando analisamos todas as quatro modalidades coletivas de maneira conjunta.

Apesar dos núcleos alternarem suas posições quando comparamos os dois cenários, não conseguimos perceber uma relação direta entre pouco índice participativo nas fases regionais com alto percentual de conquista de pódios na fase final, esse parece ser um caso bastante particular das escolas pertencentes ao NRE de Ponta Grossa, merecendo maiores investigações de possíveis particularidades.

Fazendo essa análise, foi possível identificar que dentro dos NRE algumas cidades tinham maior representatividade na proporção de pódios alcançados pelas escolas de um determinado núcleo. Sendo assim, procuramos detalhar o número de conquistas de pódios de cada município em seus respectivos NREs, identificado aquelas regiões com as maiores concentrações de conquistas em apenas algumas cidades e aquelas regiões com um ambiente de conquistas pulverizado em vários municípios.

TABELA 10 – PERCENTUAL DE PÓDIOS CONQUISTADOS DAS ESCOLAS DE UM MESMO MUNICÍPIO NA FASE FINAL (2012 – 2019).

NÚCLEO REGIONAL	MUNICÍPIOS	Nº PARTICIPAÇÕES DAS ESCOLAS	Nº PÓDIOS DAS ESCOLAS	PERCENTUAL DE APROVEITAMENTO
ÁREA METROPOLITANA SUL	FAZENDA RIO GRANDE	7	1	14,3%
	CAPITÃO LEÔNIDAS			
CASCADEL	MARQUES	2	1	50,0%
CASCADEL	CASCADEL	16	3	18,8%
CORNÉLIO PROCÓPIO	BANDEIRANTES	6	1	16,7%
CORNÉLIO PROCÓPIO	CORNÉLIO PROCÓPIO	9	2	22,2%
CORNÉLIO PROCÓPIO	URAÍ	10	2	20,0%
FRANCISCO BELTRÃO	FRANCISCO BELTRÃO	6	1	16,7%
FRANCISCO BELTRÃO	SANTA IZABEL DO OESTE	13	2	15,4%
	SANTO ANTÔNIO DO			
FRANCISCO BELTRÃO	SUDOESTE	12	5	41,7%
LONDRINA	LONDRINA	37	11	29,7%
MARINGÁ	ASTORGA	8	1	12,5%
MARINGÁ	COLORADO	3	1	33,3%

MARINGÁ	FLORAÍ	4	2	50,0%
MARINGÁ	LOBATO	2	1	50,0%
MARINGÁ	MARINGÁ	32	12	37,5%
MARINGÁ	MUNHOZ DE MELO	2	1	50,0%
MARINGÁ	OURIZONA	2	1	50,0%
MARINGÁ	SARANDI	4	3	75,0%
PARANAVAÍ	ALTO PARANÁ	9	5	55,6%
PARANAVAÍ	PARANAVAÍ	7	1	14,3%
PARANAVAÍ	TAMBOARA	8	3	37,5%
PARANAVAÍ	TERRA RICA	15	1	6,7%
PONTA GROSSA	CASTRO	14	2	14,3%
PONTA GROSSA	IMBITUVA	4	1	25,0%
PONTA GROSSA	PONTA GROSSA	35	18	51,4%

NOTA: Tabela elaborada pelo autor (2021)

Constatamos o NRE de Maringá com oito municípios conquistando pódios em alguma das edições dos JEPs (2012 – 2019), demonstrando um nível elevado das equipes das escolas de diferentes municípios. Na média as conquistas se concentram entre três e quatro municípios de um mesmo NRE, mas chama a atenção o caso do NRE de Londrina, o qual tem em sua estrutura administrativa 19 municípios, e ao todo conquistou 11 pódios nos oito anos analisados, contudo, apenas as escolas da cidade de Londrina conseguiram chegar ao pódio.

5.5 NATUREZA DOS PROJETOS ESPORTIVOS, FINANCIAMENTO E CONSELHOS MUNICIPAIS DE ESPORTE

Neste subcapítulo utilizamos os dados da plataforma Power BI (*Business Intelligence*) do projeto Gestão do Esporte nos Estados e Municípios (GEEM), construído pelo Instituto de Pesquisa Inteligência Esportiva (IPIE). Por esses dados fornecerem um amplo diagnóstico do cenário esportivo dos municípios brasileiros, entendemos ser importante verificar as informações das cidades paranaenses que fazem parte dos NREs que nosso estudo está voltado.

Outro elemento que aumenta a aderência desses dados para nossa pesquisa é o fato de considerarmos os níveis de atendimento esportivo em consonância com os estágios de desenvolvimento apresentados na Política de Esportes do Paraná. Sendo assim, na plataforma realizamos filtros dos grupos de municípios de cada NRE para que posteriormente utilizássemos esses dados procurando por possíveis relações com os resultados das escolas nos JEPs. Destacamos três tópicos que

foram considerados em nossa análise: o primeiro se refere aos Conselhos Municipais de Esporte, o segundo está relacionado as modalidades ofertadas nos municípios, e por fim, a distribuição de recursos para os projetos esportivos.

Conselhos municipais são espaços públicos de composição paritária entre membros ligados diretamente a estrutura governamental municipal e membros da sociedade civil, permitindo a negociação de interesses da coletividade, cuja função é formular e controlar a execução das políticas públicas setoriais (MARTINS et al, 2008). Portanto, buscamos identificar o percentual de cidades que possuem ou não possuem Conselhos Municipais de Esporte, dentro do agrupamento dos NREs.

TABELA 11 - PERCENTUAL DE CIDADES QUE POSSUEM UM CONSELHO MUNICIPAL DE ESPORTE POR NÚCLEOS REGIONAIS DE EDUCAÇÃO.

NÚCLEOS REGIONAIS	TEM CONSELHO	NÃO TEM CONSELHO
PONTA GROSSA	36,40%	63,60%
CASCADEL	27,80%	72,20%
LONDRINA	26,30%	73,70%
FRANCISCO BELTRÃO	25,00%	75,00%
CORNÉLIO PROCÓPIO	21,10%	79,00%
ÁREA METROPOLITANA SUL	14,30%	85,70%
MARINGÁ	8,00%	92,00%
PARANAVAÍ	5,00%	95,00%

FONTE: Adaptação nossa de Power BI – Data Base: Gestão do Esporte nos Estados e Municípios (GEEM). Instituto de Pesquisa Inteligência Esportiva (2022).

Podemos perceber que um alto percentual de municípios não possui Conselhos Municipais de Esporte, contabilizando todas as cidades do Paraná, 83,17% não possuem conselhos, enquanto 16,83% possuem. Dos NREs analisados, apenas três apresentam uma média superior a média paranaense na relação de municípios que não possuem conselho, Área Metropolitana Sul (85,7%), Maringá (92,0%) e Paranavaí (95,0%); o núcleo regional com o melhor resultado foi o de Ponta Grossa com 36,4% de suas cidades possuindo Conselhos Municipais de Esporte.

A não existência desses conselhos em vários municípios pode demonstrar a ausência das discussões sobre esporte na pauta política das cidades, impactando na formulação de projetos, financiamento e fiscalização das ações direcionadas aos projetos esportivos. Em alguns casos, a não existência desses conselhos e a falta de iniciativas para garantir uma maior participação popular, ocorrem devido a

interpretação de que essas ferramentas políticas, podem ser utilizadas contra os agentes políticos consolidados no poder (STAREPRAVO, 2007).

Procurando estabelecer relações com os resultados dos JEPs, temos o NRE de Ponta Grossa com o maior percentual de pódios alcançados na fase final dos JEPs, ao mesmo tempo que suas cidades apresentam o maior percentual de Conselhos Municipais de Esporte. No entanto, o NRE de Maringá apresentou um número percentual de conquistas de pódios quase idêntico a Ponta Grossa, mas apenas 8% de suas cidades possuem um Conselho Municipal de Esportes. Considerando os resultados do JEPs e o percentual de pódios conquistados, não conseguimos identificar uma relação direta entre a existência ou não existência dos Conselhos Municipais de Esporte com um melhor ou pior resultado esportivo, seja nos índices de participação ou na chegada ao pódio.

Nas modalidades ofertadas pelos municípios, são considerados três níveis de atendimento, quais sejam formação esportiva, excelência esportiva e esporte para toda vida. Analisando o núcleo regional de Paranaíba que obteve o maior índice de participação nas fases regional entre 2012 e 2019, percebemos que as cidades desse núcleo têm o maior percentual de projetos voltados para o nível de atendimento do esporte para toda vida. O núcleo regional de Cornélio Procopio foi o segundo núcleo com o maior índice de participação nas fases regionais do JEPs, sendo o núcleo regional com o maior percentual de projetos voltados para o nível de formação esportiva. Para ambos os núcleos regionais, Paranaíba e Cornélio Procopio, os percentuais de projetos direcionados ao nível de excelência esportiva foram os menores, atestando que tanto projetos voltados para formação esportiva como para o esporte para toda vida podem estar relacionados ao aumento da participação nos JEPs.

TABELA 12 - NATUREZA DAS MODALIDADES OFERTADAS NOS MUNICÍPIOS POR NÚCLEO REGIONAL DE EDUCAÇÃO.

NÚCLEOS REGIONAIS	FORMAÇÃO ESPORTIVA	EXCELÊNCIA ESPORTIVA	ESPORTE PARA TODA VIDA
ÁREA METROPOLITANA SUL	45,71 % (112)	24,49 % (60)	29,8 % (73)
PONTA GROSSA	41,25 % (66)	24,38 % (39)	34,38 % (55)
FRANCISCO BELTRÃO	52,34 % (123)	18,72 % (44)	28,94 % (68)
CASCADEL	44,53 % (114)	26,56 % (68)	28,91 % (74)
MARINGÁ	48,22 % (163)	18,34 % (62)	33,43 % (113)
PARANAÍBA	41,63 % (92)	13,12 % (29)	45,25 % (100)

LONDRINA	44,44 % (132)	23,23 % (69)	32,32 % (96)
CORNÉLIO PROCÓPIO	54,21 % (103)	12,11 % (23)	33,68 % (64)

FONTE: Adaptação nossa de Power BI – Data Base: Gestão do Esporte nos Estados e Municípios (GEEM). Instituto de Pesquisa Inteligência Esportiva (2022), grifo nosso.

Não encontramos nenhuma relação entre conquistas de pódios e maior ou menor quantidade de projetos esportivos direcionados para um determinado nível de atendimento. Temos o caso das cidades do NRE da Área Metropolitana Sul como o segundo núcleo com maior percentual de projetos voltados para excelência esportiva, ao mesmo tempo que ocupa a última posição na conquista de pódios da fase final e por esse indicativo, não é garantido que se o município desenvolver mais projetos para excelência esportiva ele terá consequentemente melhores resultados de suas escolas na conquista de pódios na fase final dos JEPs.

TABELA 13 - DIRECIONAMENTO DE RECURSOS PARA PROJETOS ESPORTIVOS DOS MUNICÍPIOS POR NÚCLEO REGIONAL DE EDUCAÇÃO.

NÚCLEO REGIONAL	FORMAÇÃO ESPORTIVA	EXCELÊNCIA ESPORTIVA	ESPORTE PARA TODA VIDA
ÁREA METROPOLITANA SUL	62,19%	13,43%	24,38%
PONTA GROSSA	30,71%	27,14%	42,14%
FRANCISCO BELTRÃO	46,80%	11,90%	41,29%
CASCADEL	46,31%	17,74%	35,95%
MARINGÁ	53,50%	14,85%	31,66%
PARANAVAÍ	53,79%	18,62%	27,59%
LONDRINA	57,40%	15,67%	26,93%
CORNÉLIO PROCÓPIO	34,29%	25,05%	40,66%

FONTE: Adaptação nossa de Power BI – Data Base: Gestão do Esporte nos Estados e Municípios (GEEM). Instituto de Pesquisa Inteligência Esportiva, (2022), grifo nosso.

Após analisarmos esses dados, procuramos verificar o percentual do financiamento direcionado para cada nível de atendimento esportivo. Constatamos que as cidades do núcleo regional com o menor percentual de conquista de pódios, Área Metropolitana Sul, também apresentam um baixo investimento no nível de atendimento de excelência esportiva e algo similar acontece com as cidades do núcleo regional de Francisco Beltrão. Nos índices de participação nas fases regionais dos JEPs (Tabela 4), não identificamos nenhuma relação direta com o maior ou menor percentual de financiamento em um nível específico de atendimento esportivo.

De maneira geral, os dados relacionados ao Conselho Municipal de Esportes, modalidades ofertadas nas cidades e distribuição de recursos para os projetos esportivos, refletem pouca relação com os resultados dos JEPs. Podendo indicar que nas formulações e implementações de políticas públicas municipais o esporte escolar é pouco contemplado com projetos e financiamentos diretos dos municípios, ficando para as escolas toda a responsabilidade da formação esportiva nesses ambientes, e do Governo Estadual com o fomento e financiamento da estrutura dos JEPs.

CONCLUSÕES

A expressiva participação da delegação paranaense a nível nacional nos Jogos Escolares da Juventude foi um ponto de partida para esta dissertação e, procurando compreender como se configura a organização dos JEPs em um período recente, verificamos a necessidade de uma reconstituição histórica do evento, assim como, a importância de investigar em um plano social mais ampliado as bases epistemológicas do esporte e seus desdobramentos no esporte educacional. Com a coleta de dados de relatórios das fases regionais e finais do JEPs entre os anos de 2012 a 2019, conseguimos verificar em um período recente como o evento é distribuído em diferentes regiões do estado, quais escolas e regiões apresentam melhores resultados em fomento da prática esportiva e desempenho com a conquista de pódios. Os achados históricos e epistemológicos nos permitiram estabelecer relações com as informações identificadas na coleta de dados.

A começar com o surgimento dos JEPs, pois antes de iniciarmos a pesquisa acreditava-se que o evento teria iniciado em 1953 por ações do Estado, sem conhecimento das minúcias e das causas que teriam conduzido esse processo. Após a revisão de literatura constatamos que os JEPs surgiram em 1938, decorrente de um importante processo de esportivização nas escolas, não tendo sua formulação atrelada a uma estrutura esportiva ou sistema esportivo estabelecido, sendo resultado de uma demanda social da comunidade estudantil curitibana.

Antes da década de 1950, quando o Governo Estadual passa a assumir a organização dos JEPs, não existia a preocupação de se constituir uma estrutura ou sistema esportivo sequenciado, até porque naquele período o esporte amador ainda era um ideal de prática a ser seguida no interior dos clubes. O crescimento populacional do Paraná conduziu a um processo de demanda por práticas de lazer e socialização, e as competições esportivas emergiram pelos próprios agentes, para que depois o Estado assumisse o controle, investindo e dando maior legitimidade aos eventos.

Um elemento que ainda necessita de maiores investigações, mas que nossa pesquisa pôde indicar, foi o papel que o esporte desempenhou no Estado como um componente unificador, algo que não ficou restrito somente aos JEPs, englobando diversas ações direcionadas ao esporte. Considerando as relações econômicas e políticas do Paraná na segunda metade do século XX, a existência dos três Paranás

atesta uma clara divisão existente entre o Paraná tradicional, Paraná nortista e Paraná sulista, indicando que a unificação do povo paranaense parecia ser fundamental para construção de uma identidade que não contemplava apenas uma parte do Estado. Deste modo, por possibilitar o intercâmbio entre estudantes de todo o Paraná, eventos como os JEPs exerceram uma função importante na construção dessa identidade.

Com o aprofundamento do estudo de conceitos epistemológicos do esporte e as particularidades da constituição das competições estudantis no Paraná, conseguimos encontrar elementos que podem auxiliar na leitura de outros locais que também adotam esse sistema de competições. Em nossa pesquisa, percebemos que diferentes teorias do esporte foram empreendidas na tentativa de estabelecer uma base científica e conceitual para sua compreensão, em períodos de continuidades e rupturas, uma vez que algumas propostas foram refutadas enquanto outras revisadas, e essa dinâmica parece ter sido fundamental para o amadurecer do esporte como uma área posicionada no campo acadêmico. Novas propostas conceituais admitem o fenômeno esportivo como algo polissêmico, imbuído de múltiplas dimensões, inaugurando modelos que viabilizam uma flexibilidade para analisar as dinâmicas sociais.

A noção de epistemologia do esporte permite compreender os variados significados, finalidades e cenários que suas práticas possam assumir na sociedade. Ao considerar a dimensão educacional, teorias e conceitos da Pedagogia do Esporte e da Sociologia do Esporte podemos possibilitar um diálogo capaz de ampliar o entendimento dessas dinâmicas micro e macroestruturais em que as manifestações esportivas possam estar envolvidas.

Ao analisar as dinâmicas e estruturas que permeiam os processos de formação esportiva em contextos competitivos, percebemos que diferentes forças e interesses estão amalgamados. Essas lutas são manifestadas através de condutas conscientes ou inconscientes em diferentes campos sociais. Com os referenciais de nossa discussão, conseguimos identificar três campos sociais que interagem uns com os outros nos processos de formação esportiva em contextos competitivos. O campo acadêmico/educacional, o político/burocrático e o midiático.

FIGURA 16 - INTERSECÇÃO DOS CAMPOS SOCIAIS.



NOTA: Figura elaborada pelo autor (2021).

No campo acadêmico/educacional estão situadas as teorias e abordagens de diferentes áreas do conhecimento que trabalham com temas relacionados a iniciação esportiva, mas para o recorte desse estudo podemos destacar a Pedagogia do Esporte como a principal teoria desse campo, juntamente com a Sociologia do Esporte. Para além do foco de nosso estudo, outras áreas do conhecimento também figurariam no campo acadêmico/educacional.

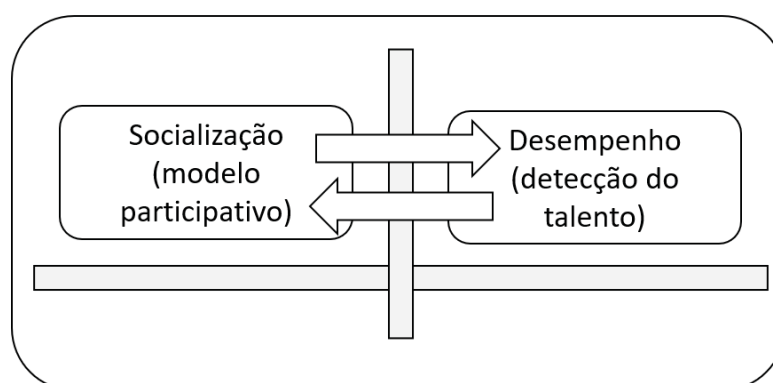
No campo midiático temos toda a influência exercida pela televisão e mídias descentralizadas, publicidade e propaganda de produtos e agentes inseridos no esporte, assim como toda reprodução de uma narrativa e uma lógica própria do esporte espetáculo que acaba sendo traduzida para iniciação esportiva. É no campo midiático que também se materializa a concepção de uma estética do esporte idealizado, tendo como referência os ritos de grandes eventos esportivos e criando um distanciamento entre o praticante comum e os atletas de alta performance.

Por fim, temos o campo político/burocrático, no qual estão posicionadas as escolas, secretarias de governo dedicadas a educação e ao esporte, as federações e confederações, os clubes e associações responsáveis por legislar e organizar o esporte educacional. Esse campo, assim como os outros, possui demandas muito particulares a depender do contexto político. O lucro simbólico que um agente pode obter através de uma política que priorize o desempenho e a detecção de talentos pode ser muito maior do que uma política que priorize a socialização e a democratização da prática, ou vice-versa.

Ao considerarmos a interação dos campos para analisar o fenômeno estudado podemos ter um modelo macroexplicativo do mundo social. Ao identificarmos o interior de cada um desses microcosmos, com suas coerências e crenças próprias, nos é permitido estabelecer uma série de conexões entre os campos (SOUZA, MARCHI JUNIOR, 2015). Em nosso estudo podemos identificar que os processos de formação esportiva em contextos competitivos se inserem na intersecção entre esses três campos sociais, e que a apropriação de conceitos da Sociologia do Esporte e da Pedagogia do Esporte podem contribuir na instrumentalização do pesquisador para melhor atuar na investigação deste fenômeno, assim como, dos agentes envolvidos na tomada de decisões para formulação de políticas públicas, considerando as lógicas de funcionamento de diferentes campos e os resultados de suas interações.

Saber interpretar as dinâmicas desse subcampo contribui para a própria apreciação estética do esporte, possibilitando que os agentes realizem uma leitura crítica dos discursos empregados no campo midiático, não restringindo a apreciação de uma beleza atlética dos esportes apenas às exibições de alta performance. É nessa intersecção entre os campos acadêmico/educacional, midiático e político/burocrático que o JEPs se posiciona, como um importante evento na formação esportiva. As deliberações políticas, discursos midiáticos e produção acadêmica tendem a disputar um espaço que em determinados momentos são orientados com o foco na socialização através do esporte, porém, em outros momentos esse foco é voltado para o desempenho esportivo.

FIGURA 17 - POLOS ORIENTADORES DA FORMAÇÃO ESPORTIVA.



NOTA: Figura elaborada pelo autor (2022).

Por vezes, as orientações entram em choque, e aqueles agentes detentores de maior capital específico no subcampo influenciam e determinam qual das orientações terá maior importância, seja na aplicabilidade das políticas públicas, nos editoriais publicitários ou na produção acadêmica. Os discursos pautados na socialização através do esporte colocam o desenvolvimento esportivo em prol dos processos socializantes do sujeito e os discursos pautados no desempenho, colocam o desenvolvimento esportivo em prol da busca do talento.

Enquanto o polo da socialização enfatiza uma formação integral do sujeito antes do ser atleta, o polo do desempenho enfatiza o ser atleta como uma condição para formação integral do sujeito. Não se trata de uma defesa para uma das extremidades, o ponto ideal na formação seria o equilíbrio entre esses dois polos, considerando que ambos tendem a beneficiar pessoas que estão situadas em níveis de desenvolvimento diferentes.

Na estrutura dos JEPs esses polos são presentes quando temos escolas, professores e alunos com o objetivo de participar do evento como uma maneira de socialização, tendo nesse mesmo espaço outras instituições, professores e atletas que visualizam nos jogos mais um evento para detecção e desenvolvimento de futuros talentos esportivos. A própria orientação das políticas e regulamentos tendem a destacar elementos desses dois polos em seus objetivos.

Nas fases municipais e regionais do JEPs parece existir maior presença da socialização nos processos formativos, enquanto nas fases macrorregionais e finais acontece um deslocamento da orientação para o desempenho com a detecção de talentos, ainda que as duas possam coexistir em todas as fases em maior ou menor grau. Como os JEPs se inserem em uma lógica de organização piramidal, uma lacuna surge na orientação que privilegia a maior participação possível de alunos, que somente através da escola conseguem ter acesso às competições esportivas.

Para exemplificar, poderíamos pensar em uma escola de uma pequena cidade do interior do Estado, que logo na fase regional acaba sendo eliminada, disputando poucas partidas contra escolas localizadas em centros urbanos com melhor infraestrutura para treinamento e maior disponibilidade de eventos competitivos. Enquanto as escolas vencedoras continuam inseridas no sistema, um grande número de instituições só terá uma nova possibilidade de participação no ano seguinte, mostrando a necessidade de maiores investimentos em fases

regionalizadas, e que considerem formatos alternativos para alcançar mais estudantes em vários períodos do ano.

Em nossa revisão de literatura encontramos que cidades pequenas teriam maiores vantagens para detecção de talentos e envolvimento de jovens no esporte. Quando analisamos os dados compilados dos JEPs, encontramos resultados parecidos, com municípios do interior do Estado apresentando os maiores índices de participação nos JEPs e vários tendo destaque na fase final da competição. Por outro lado, foi notado que as ações de políticas públicas municipais direcionadas ao esporte são pouco articuladas com as escolas.

Os resultados identificados por meio da coleta de dados, mostram grupamentos de escolas dos municípios e NREs, que obtiveram maior sucesso esportivo no fomento da prática esportiva, enquanto outro grupamento de escolas dos municípios e NREs obtiveram maior sucesso esportivo na conquista de pódios. Demonstrando que a noção de sucesso pode ser relativa a depender dos objetivos traçados, esses achados indicam que a própria concepção epistemológica do esporte escolar interpretada pelos agentes de uma determinada região pode acabar orientando a noção de sucesso almejado.

Percebemos que a configuração dos JEPs baseada em preceitos do esporte amador não ficou imune às transformações sociais em escala global que o esporte sofreu, incorporando uma lógica de mercantilização e espetacularização. Essa mercantilização figura nas organizações escolares através das vantagens que uma instituição vislumbra ao projetar e selecionar os melhores atletas de uma competição, oferecendo o benefício de uma bolsa de estudos ou estabelecendo parcerias com clubes e associações dedicadas em treinar seus atletas para competições a nível de federações. Cabe a reflexão que esse mecanismo em si tem suas vantagens e desvantagens. A instituição escolar passa a ter seu nome promovido, ganhando destaque entre o seu público de usuários e consumidores, e o aluno usufrui de um ensino melhor qualificado e uma estrutura física e humana que pode favorecer sua evolução esportiva. Apesar de ser um recurso que mais frequentemente as escolas privadas acabam utilizando, escolas públicas mais organizadas também se beneficiam dessa lógica.

Ainda assim, é preciso estabelecer algumas ressalvas, tanto para as escolas, quanto para os técnicos e os atletas. Aquelas escolas com poucos recursos que tem um trabalho orientado para participação e socialização acabam por desenvolver o

planejamento sob impacto da desproporcionalidade técnica, tática e física de seus atletas em algumas competições, e em modalidades coletivas essa desproporcionalidade é facilmente visualizada ao observarmos nos boletins de resultados analisados placares com vantagens elásticas entre escolas que estão posicionadas nas extremidades dessa realidade, podendo ser um fator pouco motivacional e até segregador para algumas instituições.

Para o treinador que tem seu atleta promovido para uma escola de maior capacidade de ensino e esportiva, pode ser um sinal de orgulho e de trabalho bem realizado a depender do contexto que esse profissional está inserido, mas isso também pode evidenciar um problema no sistema esportivo quando o trabalho de um profissional é interrompido pela ausência de um atleta importante, podendo impactar toda a sequência de trabalho e estrutura de sua equipe, principalmente se este treinador estiver inserido em um local com pouca disponibilidade de recursos e eventos competitivos em um nível de equilíbrio.

O aluno que passa a integrar uma equipe esportiva de destaque escolar, tem agora uma maior agenda de treinamentos e competições, principalmente se considerarmos que essa equipe escolar em comparação com a anterior, tende a avançar por mais fases nos JEPs, exigindo maior tempo de dedicação. Caso esse atleta faça parte simultaneamente de alguma equipe de clube essa exigência de tempo para treinamentos e competições são ainda maiores, podendo ser um empecilho para dedicação ao estudo formal na escola, e isso tende a ocorrer já que os sistemas de competições escolares e de federações pouco se conversam.

A relação entre sistema educacional e competições esportivas no Paraná, deve ser pautada em futuras ações que visem a formulação de um sistema esportivo estadual capaz de integrar as competições estudantis, com clubes, federações, prefeituras, Governo Estadual, universidades e escolas públicas e privadas, com o ensino de valores como pilar central. Apenas a oferta de competições que atendam públicos de faixas etárias diferentes, sem uma intencionalidade clara, não garante amplo atendimento para a comunidade de jovens em formação esportiva.

Atualmente não seria possível afirmar que existe um sistema esportivo estabelecido no Paraná, uma vez que esse processo está em construção com ações como a formulação da Política de Esportes do Paraná, existindo hoje um modelo esportivo alicerçado em programas e projetos. O JEPs é um desses projetos que perdurou por diferentes períodos, constituindo reconhecida tradição, demonstrando

relativa autonomia no subcampo a partir do acúmulo de capital simbólico por gerações sucessivas.

Para estudos futuros, sugerimos analisar competições escolares como os JEPs e as suas relações com competições de federações dedicadas a clubes, competições universitárias, competições direcionadas a seleções municipais como Jogos da Juventude e Jogos Abertos, buscando identificar a trajetória dos atletas. Uma alternativa de estudo poderia investigar as particularidades de um NRE ou dos JEPs em fases municipais, contribuindo com limitações que nosso trabalho se deparou quando apresentou os índices de participação.

Indicamos ainda que uma limitação que nosso estudo encontrou foi na caracterização dos alunos e instituições que participaram dos JEPs na segunda metade do século XX, o que demonstra a importância de estudos historiográficos em fontes primárias, elucidando, reforçando ou refutando apontamentos de trabalhos anteriores. Pesquisas que abordem o papel dos professores, comunidade e família na configuração dos JEPs também são empreendimentos que podem ser considerados, analisando o capital cultural, econômico e simbólico desses agentes dentro do subcampo e suas influências no incentivo da prática esportiva para estudantes.

REFERÊNCIAS

- AGGERHOLM, Kenneth; STANDAL, Øyvind Førland; HORDVIK, Mats Melvold. Competition in physical education: avoid, ask, adapt or accept?. **Quest**, v. 70, n. 3, p. 385-400, 2018.
- AGRESTI, Alan; FINLAY, Barbara. **Métodos estatísticos para as ciências sociais**. Penso Editora, Porto Alegre, 2012.
- ALBUQUERQUE, L. O. B. A. **As manifestações do desporto universitário paranaense no período 1975-1993**. Monografia (Especialização em Administração Esportiva) – Universidade do Esporte, Curitiba, 2003.
- ALMEIDA, Bárbara Schausteck de. **Altius, Citius, Fortius... Ditius? Lógicas e estratégias do Comitê Olímpico Internacional, Comitê de Candidatura e Governo Brasileiro na candidatura e escolha dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016**. 327f. Tese (Doutorado em Educação Física). Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.
- ARANTES, A.; MARTINS, F.; SARMENTO, P. Jogos escolares brasileiros: reconstrução histórica. **Revista Motricidade**, Montes Claros, vol. 8, n. S2, p. 916-924, 2012.
- BAHIA, Cristiano de Sant Anna et al. Jogos escolares da rede pública do estado da Bahia: análise das edições 2009 a 2017. **Journal of Physical Education**, v. 31, 2020.
- BALBINO, Hermes Ferreira. **Jogos desportivos coletivos e os estímulos das inteligências múltiplas: bases para uma proposta em pedagogia do esporte**. 164f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2001.
- BALBINO, Hermes Ferreira; GALATTI, Larissa Rafaela; FERREIRA, Henrique Barcellos; PAES, Roberto Rodrigues. Pedagogia do esporte: significações da iniciação esportiva e da competição. In: REVERDITO, Riller Silva; SCAGLIA, Alcides José; MONTAGNER, Paulo Cesar. **Pedagogia do esporte: aspectos conceituais da competição e estudos aplicados**, p. 42-68, São Paulo: Phorte, 2013.
- BELTRÁN, Javier Olivera. José María Cagigal y su contribución al humanismo deportivo. **Revista Internacional de sociología**, v. 64, n. 44, p. 207-235, 2006.
- BETTI, Mauro. **A janela de vidro: esporte, televisão e educação física**. 290 f. Tese de Doutorado. Pós-Graduação em Educação, UNICAMP, Campinas, 1997.
- BORGA, Natália et al. A personalidade da Geração Z: como a educação física pode contribuir na mudança de comportamentos. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 1, p. 9191-9204, 2021.
- BOURDIEU, Pierre. **Coisas Ditas**. Brasiliense. São Paulo. 2004.

BOURDIEU, Pierre. **Esboço de uma teoria da prática**: precedido de três estudos de etnologia caliba. Portugal: Celta editora. 2002.

BOURDIEU, Pierre. **Como é possível ser esportivo**. In: Questões de sociologia. Trad. Jeni Vaitsman. Rio de Janeiro, Marco Zero, 1983.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papirus. 1996.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Tradução: Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BOWLES, Richard; O'SULLIVAN, Mary. Rhetoric and reality: The role of the teacher in shaping a school sport programme. **Physical Education & Sport Pedagogy**, v. 17, n. 3, p. 303-316, 2012.

BRASIL. Decreto nº 7.984 de 8 de abril de 2013. Regulamenta a Lei /nº 9.615, de 24 de março de 1998, que institui normas gerais sobre desporto. **Diário Oficial**, Brasília, DF, n. 67, seção I, p. 5-10, 9 abr. 2013

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2016.

BRITO, P. D. Epistemologia da compreensão: As contribuições de Paul Feyerabend para os estudos da compreensão como método. **Revista Comunicare**, [s. l.], v. 15, n. 2, 2015.

BUENO, Igor Alexandre Silva. **Futebol Americano no Brasil: o “first down” entre os processos de espetacularização à profissionalização**. xxx f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Departamento de Sociologia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2021.

CAGIGAL, José María. Aporías iniciales para un concepto del deporte. **Citius, altius, fortius**, v. 1, n. 1, p. 7-35, 1959.

CAPRARO, André Mendes. **Football, uma prática elitista e civilizadora - investigando o ambiente social e esportivo paranaense do início do século XX**. 150 f. Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2002.

CAPRARO, André Mendes; SOUZA, Maria Tereza Oliveira. **Educação física, esportes e corpo: uma viagem pela história**. Curitiba: InterSaberes, 2017.

CASTRO, Elizabeth Amorim de. **Grupos escolares de Curitiba na primeira metade do século XX**. Elizabeth Amorim de Castro, 2008.

CHAVES JUNIOR, Sergio Roberto. **A Educação Física do Ginásio Paranaense ao Colégio Estadual do Paraná: contribuições para a construção de uma história de uma disciplina escolar (1931- 1951)**. Curitiba, 2004. Dissertação (Mestrado em

Educação). Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná. 2004.

CHAVES JUNIOR, Sergio Roberto; MARTINES, Isabel Cristina. As Olimpíadas Colegiais e os Jogos Colegiais do Paraná: a história de um evento esportivo entre continuidades e rupturas. **1º ENCONTRO DA ALESDE “Esporte na América Latina: atualidade e perspectivas” UFPR**. Curitiba, 2008.

COAKLEY, Jay. **Sports in Society: issues and controversies**. 9th edition. New York: Mc Graw Hill. 2007.

COELHO, Cláudio Novaes Pinto; DE CASTRO, Valdir José. **Cultura, comunicação e espetáculo**. Pia Sociedade de São Paulo-Editora Paulus, 2018.

CORDEIRO, Isnard. **A história dos Jogos Abertos do Paraná**. Londrina: Pé Vermelho, 1996.

CORREIA, Juliane Cristine Alves. **O LUGAR DA ACM NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA BRASILEIRA BRASILEIRA: Refletindo sobre o Esporte e a Calistenia**. Campinas, 2008.

COSTA, Isabelle Plociniak. **Fatores determinantes para o êxito nos Jogos Escolares do Paraná a partir da perspectiva dos professores: o caso da natação e do atletismo**. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Programa de Pós-graduação em Educação Física, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2018.

CÔTÉ, Jean et al. When “where” is more important than “when”: Birthplace and birthdate effects on the achievement of sporting expertise. **Journal of sports sciences**, v. 24, n. 10, p. 1065-1073, 2006.

COUTINHO, Nilton Ferreira; DOS SANTOS SILVA, Sheila Aparecida Pereira. Conhecimento e aplicação de métodos de ensino para os jogos esportivos coletivos na formação profissional em educação física. **Movimento**, v. 15, n. 1, p. 117-144, 2009.

CRUZ, Kelwin Santos; SALVINI, Leila; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. O jogo de três toques: apontamentos histórico-sociais da estrutura do voleibol em Curitiba (1932-2015). **Motrivivência**, v. 32, n. 61, p. 01-18, 2020.

DA COSTA, Lamartine Pereira et al. Atlas do esporte no Brasil [Internet]. In: FERREIRA, Ionara Thompson et al. **Jogos Estudantis Brasileiros-JEBs**. Rio de Janeiro: CONFEF, p. 20.3-20.5, 2006.

DANTAS JUNIOR, Hamilcar Silveira. Espetacularização da escola: a Educação Física, o esporte e os megaeventos esportivos. **Em Aberto**, v. 26, n. 89, 2013.

DE PÁDUA, Gelson Luiz Daldegan. A epistemologia genética de Jean Piaget. **Revista FACEVV** | 1º Semestre de, n. 2, p. 22-35, 2009.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FEYERABEND, Paul K. **Contra o método**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.

FREIRE, João. Batista. **Pedagogia do futebol**. Campinas: Autores Associados, 2003.

FRIZZO, Giovanni. Os jogos escolares como mecanismos de manutenção e eliminação: uma crítica à lógica esportiva na escola. **Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 04, p. 163-180, out/dez de 2013.

FUGMANN, Wilhelm. **Os alemães no Paraná: livro do centenário**. Editora UEPG, 2010.

GALATTI, Larissa Rafaela; REVERDITO, Riller Silva; SCAGLIA, Alcides José; PAES, Roberto Rodrigues; SEOANE, Antonio Motero. Pedagogia do esporte: tensão na ciência e o ensino dos jogos esportivos coletivos. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 25, n. 1, p. 153-162, 2014.

GALATTI, Larissa Rafaela. **Pedagogia do esporte: o livro didático como um mediador no processo de ensino e aprendizagem dos jogos esportivos coletivos**. 2006. 142f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

GARGANTA, Julio. Para uma Teoria dos Jogos Desportivos Coletivos. In: GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J. (Org.). **O ensino dos jogos desportivos**. Porto: Centro de Estudos dos Jogos Desportivos, p. 11-25. 1995.

GAYA, Adroaldo. Caminhos e descaminhos nas ciências do desporto. Entre o porto alegre e o porto sentido. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, Porto, v. 1, n. 1, p. 80-87, 2001.

GAYA, Adroaldo. Corpos esportivos: o esporte como campo de investigação científica. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 20, supl. 5, p. 125-27, set. 2006.

GHIRALDELLI, Paulo. **Educação física progressista**. São Paulo: Edições Loyola, 1991.

GRAÇA, Amândio. Os comos e os quandos no ensino dos jogos. In: GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J. (Org.) **O ensino dos jogos desportivos**. Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e da Educação Física, Universidade do Porto, p. 27-34. 1995.

GRECO, Pablo Juan; BENDA, Rodolfo Novellino. **Iniciação esportiva universal I: da aprendizagem motora ao treinamento técnico**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

GRECO, Pablo Juan; SILVA, Siomara A. A Metodologia de Ensino dos Esportes no Marco do Programa Segundo Tempo. In: AMAURI, Aparecido Bássoli de Oliveira;

PERIM, Gianna Lepre. **Fundamentos Pedagógicos para o programa segundo tempo**. p.81-111, Porto Alegre: UFRGS, 2008.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Elogio da beleza atlética**. trad. Fernanda Ravagnani, São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GUTTMANN, Allen. **From ritual to Record**. New York: Columbia University Press. 1978.

HAAG, Herbert. Research in 'sport pedagogy'—One field of theoretical study in the science of sport. **International review of education**, v. 35, n. 1, p. 5-16, 1989.

HANCOCK, David J. et al. Influences of population size and density on birthplace effects. **Journal of Sports Sciences**, v. 36, n. 1, p. 33-38, 2018.

HASTIE, Peter A.; WARD, Jeffrey K.; BROCK, Sheri J. Effect of graded competition on student opportunities for participation and success rates during a season of Sport Education. **Physical Education and Sport Pedagogy**, v. 22, n. 3, p. 316-327, 2017.

HOBSBAWM, Eric. **A era dos impérios: 1875-1914**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2015.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX**. Editora Companhia das Letras, 1995.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2020.

JAKOBSSON, Britta Thedin. What makes teenagers continue? A salutogenic approach to understanding youth participation in Swedish club sports. **Physical Education and Sport Pedagogy**, v. 19, n. 3, p. 239-252, 2014.

KIOURANIS, Taiza Daniela Seron. **Os jogos escolares brasileiros chegam ao século XXI: reprodução ou modernização na política de esporte escolar?**. 294 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Departamento de Educação Física, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

KINCHIN, Gary D.; MACPHAIL, Ann; NI CHROININ, Deirdre. Pupils' and teachers' perceptions of a culminating festival within a sport education season in Irish primary schools. **Physical Education and Sport Pedagogy**, v. 14, n. 4, p. 391-406, 2009.

KIRK, David; GORELY, Trish. Challenging thinking about the relationship between school physical education and sport performance. **European Physical Education Review**, v. 6, n. 2, p. 119-134, 2000.

KORSAKAS, Paula; DE ROSE JUNIOR, Dante. Os encontros e desencontros entre esporte e educação: uma discussão filosófico-pedagógica. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 1, n. 1, 2002.

KRÖGER, Christian; ROTH, Klaus. **Escola da bola: um ABC para iniciantes nos jogos esportivos**. São Paulo: Phorte, 2002.

KUHN, Thomas. **Revoluções Científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

LAKATOS, Imre; MUSGRAVE, Alan. A crítica e o desenvolvimento do conhecimento. **Ciência e filosofia**, n. 2, p. 157-162, 1980.

MARCHI JÚNIOR, Wanderley. O esporte “em cena”: perspectivas históricas e interpretações conceituais para a construção de um modelo analítico. **The Journal of the Latin American Socio-cultural Studies of Sport**, v. 5, n. 1, p. 46–67, 2015.

MARCHI JÚNIOR, Wanderley. " **Sacando**" o voleibol: do amadorismo à espetacularização da modalidade no Brasil (1970-2000). Tese de Doutorado. Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

MARCHI JÚNIOR, Wanderley. **“Sacando” o voleibol**. São Paulo: Hucitec, 2004.

MARCONI, Marina de A.; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARQUES, Renato Francisco Rodrigues. **Esporte e Qualidade de Vida: reflexão sociológica**. 160 f. Tese de Doutorado. Dissertação de mestrado. Pós-Graduação em Educação Física, UNICAMP, Campinas, 2007.

MARQUES, Renato Francisco Rodrigues; GUTIERREZ, Gustavo Luis; ALMEIDA, Marco Antonio Bettine de. A transição do esporte moderno para o esporte contemporâneo: tendência de mercantilização a partir do final da Guerra Fria. **ENCUENTRO DA ASOCIACIÓN LATINOAMERICANA DE ESTÚDIOS SOCIALES DEL DEPORTE**, v. 1, p. 1-8, 2008.

MARTINES, Isabel Cristina; FUGI, Nataly de Carvalho; DE SOUZA, Juliano. O programa de pesquisa de José María Cagigal para o campo da Educação Física. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, v. 26, p. 26013, 2020.

MARTINES, Isabel Cristina; JUNIOR, Sérgio Roberto Chaves. A história de um evento esportivo entre continuidades e rupturas: as Olimpíadas Colegiais e os Jogos Colegiais do Paraná (1938-1953). **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, v. 16, n. 1, p. 209-225, 2010.

MARTINS, Dilson José de Quadros. **A Formulação e a implementação das políticas públicas no campo do esporte no estado do Paraná entre 1987 e 2004**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

MARTINS, Marcelo Feijó et al. Conselhos Municipais de Políticas Públicas: uma análise exploratória. **Revista do Serviço Público**, v. 59, n. 2, p. 151-185, 2008.

MARTINS, Romário. **História do Paraná**. Prefeitura Municipal de Curitiba, 1995.

MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. In: **Sociologia e antropologia**. Ubu Editora LTDA-ME, 2018.

MESQUITA, Isabel. Refundar a cooperação escola-clubes no desporto de crianças e jovens. In: GAYA, Adroaldo; MARQUES, António; TANI, Go. **Desporto para crianças e jovens, Razões e finalidades**, p. 143-170, Porto Alegre. Universidade Federal Rio Grande do Sul. 2004.

MEZZADRI, Fernando Marinho. **A estrutura esportiva no estado do Paraná: da formação dos clubes esportivos às atuais políticas governamentais**. 169 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

MOLETTA JUNIOR, Celso Luiz. **Futebol e formação do espaço público no contexto da fundação do Coritiba Football Club (Curitiba, 1900-1915)**. 134 f. Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

MONTEIRO, L. A.; MUNHOZ, Daniella; BERTHOLINI, F. Bachelard e a Epistemologia Histórica: uma vivência sobre a formação do espírito científico. **XXXVI Encontro da ANPAD**. Rio de Janeiro/RJ–22 a, v. 26, 2012.

MONTEIRO, Silvana Drumond; PICKLER, Maria Elisa Valentim. O ciberespaço: o termo, a definição e o conceito. **DataGramaZero-Revista de Ciência da Informação**, v. 8, n. 3, p. 1-21, 2007.

MORAIS, Marcelo Silva. **Novos modos de olhar outras maneiras de se comportar: a emergência do dispositivo esportivo da cidade de Curitiba (1899-1918)**. 227 f. Tese (Doutor em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

NADALIN, Sérgio Odilon. **Paraná: ocupação do território, população e migrações**. Curitiba: Seed, p. 49, 2001.

OSTERMANN, Fernanda. A epistemologia de Kuhn. **Caderno Brasileiro de Ensino de Física**, v. 13, n. 3, p. 184-196, 1996.

PAES, R. R. **Educação Física escolar: o esporte como conteúdo pedagógico do ensino fundamental**. Canoas: Ulbra, 2001.

POPPER, Karl. **Conjecturas e refutações**. Brasília: Ed. UNB, 1982.

PARANÁ (Estado). **Instrução nº 012/2014** – SUED. Curitiba, 2014.

PARANÁ (Estado). **Política de esportes do Paraná**. Secretaria de Estado do Esporte e do Turismo. Curitiba, PR: Instituto Paranaense de Ciência do Esporte, 2018. Disponível em: http://www.esporte.pr.gov.br/sites/default/arquivos_restritos/files/documento/2019-09/POLITICA_DE_ESPORTES_DO_PARANA.pdf. Acesso em: 26 fev. 2020.

POT, Niek; VAN HILVOORDE, Ivo. Generalizing the effects of school sports: comparing the cultural contexts of school sports in the Netherlands and the USA. **Sport in society**, v. 16, n. 9, p. 1164-1175, 2013.

PRONI, Marcelo Weishaupt. **Esporte-espetáculo e futebol-empresa**. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, 1998.

REVERDITO, Riller Silva et al. Competições escolares: reflexão e ação em pedagogia do esporte para fazer a diferença na escola. **Pensar a prática**, v. 11, n. 1, p. 37-45, 2008.

REVERDITO, Riller Silva; SCAGLIA, Alcides José; PAES, Roberto Rodrigues. Pedagogia do esporte: panorama e análise conceitual das principais abordagens. Motriz. **Journal of Physical Education**. UNESP, p. 600-610, 2009.

REVERDITO, Riller Silva; SCAGLIA, Alcides José; PAES, Roberto Rodrigues. Pedagogia do esporte: conceito e cenário contemporâneo. In: REVERDITO, Riller Silva; SCAGLIA, Alcides José; MONTAGNER, Paulo Cesar. **Pedagogia do esporte: aspectos conceituais da competição e estudos aplicados**, p. 19-39, São Paulo: Phorte, 2013.

RIBAS, Jacqueline Alberge. **Os jogos abertos do Paraná na contextualização do esporte paranaense entre 1987 e 2005**. 220f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2007

ROSA, Vitor. As técnicas de corpo em Marcel Mauss e o campo desportivo. **Estudos de Sociologia**, v. 24, n. 47, 2019.

ROWE, David. Sports journalism: Still the toy department of the news media?. **Journalism**, v. 8, n. 4, p. 385-405, 2007.

RUBIO, Kátia. **O atleta e o mito do herói: o imaginário esportivo contemporâneo**. Casa do Psicólogo, 2001.

RUBIO, Kátia. **O atleta e o mito do herói: o imaginário esportivo contemporâneo**. Casa do Psicólogo, 2001.

RUFINO, Luiz Gustavo Bonatto; DARIDO, Suraya Cristina. A produção científica em pedagogia do esporte: análise de alguns periódicos nacionais. **Conexões**, v. 9, n. 2, p. 130-152, 2011.

SCAGLIA, Alcides José. **O futebol que se aprende e o futebol que se ensina**. 1999. 242. f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1999.

SCAGLIA, Alcides José. **O futebol e os jogos/brincadeiras de bola com os pés: todos semelhantes, todos diferentes**. 2003. 164 f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

SCHMIDT, Paulo; DOS SANTOS, José Luiz. O pensamento epistemológico de Karl Popper. **ConTexto**, v. 7, n. 11, 2007.

SILVEIRA, Fernando Lang da. A metodologia dos programas de pesquisa: a epistemologia de Imre Lakatos. **Caderno catarinense de ensino de física**. Florianópolis. Vol. 13, n. 3 (dez. 1996), p. 219-230, 1996.

SOARES, Carmen Lúcia. Educação Física escolar: conhecimento e especificidade. **Revista Paulista de Educação Física**, p. 6-12, 1996.

SOUZA, Juliano de; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. Bourdieu e a sociologia do esporte. Contribuições, abrangência e desdobramentos teóricos. **Tempo Social**, v. 29, p. 243-286, 2017.

STAREPRAVO, Fernando Augusto. **O Esporte universitário Paranaense e suas Relações com o Poder Público**. Dissertação (Mestrado), Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006.

STAREPRAVO, Fernando Augusto. Políticas públicas para o esporte e lazer: conselhos municipais de esporte e lazer e outras formas de participação direta. In: **Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte**. 2007. p. 1-9.

STRANDBU, Åse; BAKKEN, Anders; STEFANSEN, Kari. The continued importance of family sport culture for sport participation during the teenage years. **Sport, Education and Society**, v. 25, n. 8, p. 931-945, 2020.

SURKAMP, Detlev Uwe. **A escola pública estadual paranaense e suas instancias colegiadas: proposta para ampliação da participação nos Jogos Escolares do Paraná**. 45f. PDE (Programa de Desenvolvimento Educacional). Secretaria de Estado de Educação, Curitiba, 2016.

TESSER, Gelson João. **Principais linhas epistemológicas contemporâneas**. Educar em revista, n. 10, p. 91-98, 1994.

THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. À moda de Foucault: um exame das estratégias arqueológica e genealógica de investigação. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, n. 81, p. 215-248, 2010.

THOMAS, Jerry R.; NELSON, Jack K.; SILVERMAN, Stephen J. **Métodos de pesquisa em atividade física**. 6.ed. Porto Alegre. Artmed Editora, 2012.

TRINDADE, Etelvina Maria de Castro; ANDREAZZA, Maria Luíza. Cultura e educação no Paraná. Curitiba: **SEED**, p. 16, 2001.

TUBINO, Manoel José Gomes. **Dimensões Sociais do Esporte**. 2. Ed. São Paulo: Cortez. 2001.

TUBINO, Manoel José Gomes. **Estudos brasileiros sobre o esporte: ênfase no esporte-educação**. Maringá: Eduem, 2010.

TUBINO, Manoel José Gomes; GARRIDO, Fernando Antonio Cardoso; TUBINO, Fábio Mazon. **Dicionário enciclopédico Tubino do esporte**. Senac, 2007.

VELUCHAMY, Ramar et al. Personal and Professional Attitudes of Generation Z Students. **LJCTA: International Science Press. SI**, p. 471-478, 2016.

VLASTUIN, Juliana. **O caso da equipe de voleibol feminino Rexona (1997 – 2003): um estudo das inter-relações com a mídia esportiva**. 156 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Departamento de Educação Física, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. **História do Paraná**. 10 ed. Ponta Grossa. Editora UEPG, 2016.